UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**Pedaços de uma Paulicéia espalhados pela Urbe:
Musealizando uma Arqueologia com a Cidade**

Piero Alessandro Bohn Tessaro

Orientadora
Maria Cristina Oliveira Bruno

Área de Concentração: Arqueologia
Linha de Pesquisa: Gestão do Patrimônio Arqueológico e
Arqueologia Preventiva

São Paulo

2013

PIERO ALESSANDRO BOHN TESSARO

**Pedaços de uma Paulicéia Espalhados pela Urbe: musealizando
uma arqueologia com a cidade**

Dissertação apresentada ao Museu de
Arqueologia e Etnologia da Universidade
de São Paulo para obtenção do Título de
Mestre em Arqueologia.

Área de Concentração:
Arqueologia

Linha de Pesquisa:
Gestão do Patrimônio Arqueológico e
Arqueologia Preventiva

Orientação:
Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Oliveira Bruno

São Paulo

2013

*Para a Cidade em que meu nascimento se deu
que deixei junto com meus pais quando tinha um ano de idade.*

Onde voltei a viver com vinte e três anos de idade.

Para essa Urbe que escolhi e me escolheu.

São Paulo a Cidade

Agradecimentos

Gostaria de agradecer inicialmente à Capes pela bolsa de mestrado que me foi concedida, permitindo que essa pesquisa fosse efetuada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE, que é importante parte dessa trajetória. Seus professores, funcionários e colegas de PPG-MAE são todos parte desse trabalho.

A minha orientadora Cristina Bruno, que teve seus primeiros momentos de preocupação comigo ainda em janeiro de 2009, quando a conheci e que soube, com paciência, acompanhar-me nos caminhos que percorri até aqui.

Ao arqueólogo Paulo Zanettini, agradeço a possibilidade de estudar a Quadra 090. À arqueóloga Paula Nishida, obrigado por ceder tempo e atenção nas visitas ao Sítio Morrinhos. Agradeço, também, aos funcionários desse museu, em especial, Emília responsável pelo arquivo.

À Diretora do Departamento do Patrimônio Histórico (PMSP) Nadia Somekh pela atenção e generosidade em acolher minha proposta de pesquisa, permitindo o acesso ao Sítio Morrinhos - Centro de Arqueologia de São Paulo.

Aos meus pais João Tessaro e Maria Goretti Tessaro, sou grato por terem feito uma escolha, a qual me fez nascer aqui, em São Paulo, como se soubessem que era o meu lugar. Foi para onde voltei em 2010, dificultando vê-los com frequência, assim como meus irmãos Claufe e Ioannes. O último ano fica marcado pela saudade que todos sentimos. O esforço de me acompanharem todos os dias através do telefone me deu forças para continuar caminhando.

À Silvana Zuse, que foi um ponto de apoio quando comecei a me interessar pelo mestrado, pois me ajudou com a preparação para a prova de seleção. Ela continua, mesmo longe, preocupada com o meu fazer arqueológico.

À Grasiela Toledo, que desde os primeiros passos na arqueologia esteve ao meu lado dando apoio. Foi ela que, em 2009, em uma viagem para São Paulo, apresentou-me sua orientadora.

A dois amigos que acompanharam na minha trajetória e me emprestaram seus talentos de arquitetos para me ajudar a colocar no papel as imagens

necessárias. Fernando Uehara e Alexandre Freitas, obrigado. Em especial, agradeço ao Fê por ter sido meu apoio nas horas em que precisei.

Aos amigos que ficaram em Santa Maria, cidade em que fiz a minha graduação em História, mas que fazem parte da minha trajetória com suas especificidades e com os poucos momentos que conseguimos nos unir nesses quase quatro anos de distância. Obrigado Pablo, Mateus, Guegue, Alexandre, Fefa, Sara. Um obrigado especial à Ariane Santellano, que me mostrou o universo da psicanálise.

Há uma pessoa que caminhou comigo desde a entrada no MAE até a reta final, compartilhando angústias e alegrias - além da orientadora é claro. Obrigado Luana Alberto por também caminhar comigo.

Mesmo conhecendo-os na reta final do mestrado, eles são importantes por me fazer sorrir quando precisei: Obrigado Anderson e em especial ao Jhe que me ajudou, apoiou e...

Rafael de Abreu e Souza foi com quem, mesmo sem conversas, compartilho o ímpeto de estudar arqueologia urbana. Agradeço à Camila Wichers que, por algum motivo, me fez lutar e mostrar que não é porque objetos são relacionados a uma elite que devem, necessariamente, representá-la. Aos amigos de São Paulo, Marcinha Lika, Gabi, Maurício, Danilo, Kena, Marcel, Lucas e Marcia Arcuri.

À casa aconchegante e acolhimento do Pablo e do Derek em Nova York.

À Fran, Juju, Íris, Lui e Carin, meus amores e amigas que sempre estão comigo.

Ao Lucas Pretti pelo "Baixo Centro" e o *help*.

Obrigado à Iansã.

A minha companheira canina, que soube ser silenciosa nos momentos da minha escrita, mas que não deixou de estar ao meu lado, Bela.

Às músicas da Ru Paul que me acompanharam na reta final.

E a todos que de alguma maneira estiveram presentes nesses três anos e meio de mestrado. Todos aqui citados fazem parte desse resultado, assim como a diversidade faz parte do território paulistano.

***cada pessoa tem uma cidade que é uma paisagem
urbanizada de seus sentimentos***

Luis Garcia Montero, 1972

RESUMO

São Paulo é uma grande cidade que constantemente se transforma, renova e altera seu espaço. Sua população é de cerca de 11 milhões de pessoas, que estão diretamente relacionadas às mudanças da paisagem urbana; seja propondo-as, fazendo-as ou mesmo vivenciando em seus sentidos. A metamorfose, no entanto, deixa marcas sobre e sob o solo, é o passado tornando-se presente através de um disfarce. Marcas que são fragmentos do pretérito que se remoldam juntando-se a outros pedaços dessa Paulicéia. A Quadra 090 é um desses fragmentos, sítio arqueológico da região central da cidade, e esse fragmento fala sobre questões como: o lixo; a infraestrutura; e a identidade. Nesse processo as marcas contêm muito do que é presente e assim podem servir como uma crítica aos problemas dessa grande urbe. Musealizar a arqueologia urbana é mais do que buscar vestígios que estão sob o solo, é considerar os seres vivos e os espaços sobre o solo, considerar sentimentos; é ponderar sobre espaços destinados a discutir a cidade, principalmente relacionados à Arqueologia Paulistana, como o Sítio Morrinhos/Centro de Arqueologia de São Paulo. Assim, na musealização de uma arqueologia urbana, com essas preocupações, principalmente exercendo o olhar sobre o passado como parte presente estaremos praticando uma **Arqueologia com a Cidade**.

Palavras Chaves: Arqueologia Urbana; Musealização; Arqueologia com a Cidade; Quadra 090; Paulicéia;

ABSTRACT

Sao Paulo is a huge city in constant transformation, renovation and modification of its spatiality. Its population is formed by 11 million people who are directly related to changes in the urban landscape, both proposing and making it or even experiencing its senses. However, the metamorphosis marks the ground of the city, above and below it. It's the past becoming present through a camouflage: marks of the preterit reshaping themselves and forming another new fragments of that "Pauliceia". Quadra 090 is one of those pieces, an archaeological site in the central city area related to issues like garbage, infrastructure and identity. Those marks have much of what forms the present and can serve as a criticism for the problems of that great metropolis. Musealizing the urban archeology is more than looking for traces under the ground. It should consider living beings, spaces and feelings in the subsoil; it should ponderate spaces for discussing the city, mainly issues related to the Sao Paulo Archaeology, as Sitio Morrinhos/Centro de Arqueologia de Sao Paulo. Therefore, considering these concerns in the musealization of the urban archeology, mainly trying an eye over the past as a part of the present, we will be practicing an **Archeology with the City**.

Keywords: Urban Archeology; Musealization; Archeology with the City; Quadra 090; Pauliceia.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1 – Olhares Sobre a Cidade	23
1.1 Arqueologia Urbana e a Cidade	26
1.2 Museologia e Cidade.....	36
1.3 Olhares Interdisciplinares	49
1.4 Ciência Social Nômade ou a Intersecção de Caminhos	78
CAPÍTULO 2 – Alguns Vestígios da Urbe	81
2.1 Procurando Pedacos na Luz	82
2.2 Pedacos Exumados	116
2.2.1 Área 1	126
2.2.2 Área 2.....	153
2.2.3 Área 3.....	158
2.2.4 Área 4.....	165
2.2.5 A Quadra	166
2.3 Arqueologia Urbana com a Cidade de São Paulo	170
CAPÍTULO 3 – Musealizando Pedacos da Urbe	182
3.1 Estratigrafia, Tempo e Cidade.....	183
3.1.1 O Homem e o Lixo na Paulicéia.....	183
3.1.2 Transformações Urbanas e Impactos na Sociedade.....	190
3.1.3 Identidades na Urbe	196
3.2 Museu de Arqueologia da Urbe.....	199
3.3 Pedacos Propondo uma Discussão.....	221
CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	239

Lista de Pranchas

Prancha 1 - Localização da Quadra 090	19
Prancha 2 - Mapa com Sítios e Ocorrências da Cidade de São Paulo	35
Prancha 3 - Museu da Cidade de Campinas	44
Prancha 4 - Museu José Joaquim Felizardo	46
Prancha 5 - Museum of the City of New York.....	47
Prancha 6 - Museum of the City of New York.....	48
Prancha 7 - Área urbanizada 1872 e Área urbanizada 1882/1914	52
Prancha 8 - Área Urbanizada 1915/1929	53
Prancha 9 - Área Urbanizada 1930/1949	54
Prancha 10 - Área Urbanizada 1950/1962	55
Prancha 11 - Área Urbanizada 1963/1974	56
Prancha 12 - Área Urbanizada 1975/1985	57
Prancha 13 - Área Urbanizada 1986/1992	58
Prancha 14 - Área Urbanizada 1993/2002	59
Prancha 15 - Mapa do Projeto Nova Luz.....	62
Prancha 16 - Intervenção da Polícia na Cracolândia	64
Prancha 17 - "Cidade Submersa" Teatro da Vertigem	66
Prancha 18 - Churrasco da "Gente Diferenciada" da "Cracolândia"	67
Prancha 19 - Projeto "Baixo Centro" 2012	68
Prancha 20 - Projeto "Baixo Centro" 2013	69
Prancha 21 - Demolições na "Cracolândia".....	71
Prancha 22 - Protestos e Manifestações contra o aumento das Passagens em SP.....	75
Prancha 23 - Localização da Quadra 090	84
Prancha 24 - Planta Imperial da Cidade de São Paulo 1765-1774.....	85
Prancha 25 - Planta da Cidade de São Paulo 1810	87
Prancha 26 - Mapa da Cidade de São Paulo e seus Subúrbios 1847	88
Prancha 27 - Planta da Cidade de São Paulo 1868	89
Prancha 28 - Planta da Cidade de São Paulo da Companhia Cantareira e Esgotos 1881	90
Prancha 29 - Planta da Cidade de São Paulo 1913	91
Prancha 30 - Mapa Topográfico do Município de São Paulo 1928-1934	92

Prancha 31 - Detalhe a Planta de São Paulo 1973	93
Prancha 32 - C5 Perfil Leste	96
Prancha 33 - A6 Perfil Nordeste.....	97
Prancha 34 - D4 Perfil Norte	98
Prancha 35 - G2 Perfil Sudestes	99
Prancha 36 - Área 1	101
Prancha 37 - Área 1, Grupo1	102
Prancha 38 - Área 1, Grupo2	103
Prancha 39 - Área 1, Grupo 3	104
Prancha 40 - Área 1, Grupo 4	105
Prancha 41 - Área 2	107
Prancha 42 - Área3	109
Prancha 43 - Área 4	110
Prancha 44 - Planta Geral da Quadra 090	111
Prancha 45 - Quadra 090.....	112
Prancha 46 - Quadra 090.....	113
Prancha 47 - Quadra 090.....	114
Prancha 48 - Quadra 090.....	115
Prancha 49 - Curadoria do Acervo Arqueológico	120
Prancha 50 - Unidade de Escavação Poço	132
Prancha 51 - Material Arqueológico Unidade de Escavação Poço	133
Prancha 52 - Unidade de Escavação H4.1, Lixeira	138
Prancha 53 - Material Arqueológico da Unidade de Escavação H4.1, Lixeira	139
Prancha 54 - Unidade de Escavação H5, Lixeira	145
Prancha 55 - Material Arqueológico da Unidade de Escavação H5, Lixeira	146
Prancha 56 - Unidade de Escavação H6.1, Bolsão de Lixo	150
Prancha 57 - Material Arqueológico da Unidade de Escavação H6.1, Bolsão de Lixo	151
Prancha 58 - Área 2	156
Prancha 59 - Material Arqueológico da Área 2	157
Prancha 60 - Área 3	163
Prancha 61 - Material Arqueológico da Área 3	164
Prancha 62 - Área 4	167

Prancha 63 - Material Arqueológico da Área 4	168
Prancha 64 - Material Arqueológico da Quadra 090	171
Prancha 65 - Material Arqueológico da Quadra 090	172
Prancha 66 - Material Arqueológico da Quadra 090	173
Prancha 67 - Material Arqueológico da Quadra 090	174
Prancha 68 - Sobreposição de Pisos, Unidade de Escavação C8.....	193
Prancha 69 - Mapa de Localização das Sedes do Museu da Cidade	203
Prancha 70 - Material Gráfico da Exposição	206
Prancha 71 - Material Gráfico da Exposição	207
Prancha 72 - Material Gráfico da Exposição	208
Prancha 73 - Área Expositiva.....	209
Prancha 74 - Área Expositiva A	211
Prancha 75 - Área Expositiva B	212
Prancha 76 - Área Expositiva D	213
Prancha 77 - Área Expositiva E	214
Prancha 78 - Área Expositiva F.....	215
Prancha 79 - Área Expositiva G	216
Prancha 80 - Sítio Morrinhos.....	219
Prancha 81 - Sítio Morrinhos.....	220
Prancha 82 - Croqui de Especialização.....	228

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Composição do Acervo da Quadra 090, Zanettini Arqueologia (2010).	122
Gráfico 2 – Acervo por matéria prima Poço Zanettini Arqueologia (2010)	127
Gráfico 3 – Formas Louças e Cerâmicas, Resgate, UE Poço Zanettini Arqueologia (2010)	128
Gráfico 4 – Formas Vidros, Resgate, UE Poço Zanettini Arqueologia (2010).....	128
Gráfico 5 – Decorações louças, Resgate, UE Poço Zanettini Arqueologia (2010)..	130
Gráfico 6 – Cronologia UE Poço Zanettini Arqueologia (2010).....	130
Gráfico 7 – Acervo por matéria prima Lixeira H4.1 Zanettini Arqueologia (2010) ...	131
Gráfico 8 – Formas louças e cerâmicas, Resgate, H4.1 Zanettini Arqueologia (2010)	134
Gráfico 9 – Formas vidros, Resgate, H4.1 Zanettini Arqueologia (2010).....	134
Gráfico 10 – Decorações louças, Resgate, H4.1 Zanettini Arqueologia (2010)	136
Gráfico 11 – Cronologia Lixeira H4.1 Zanettini Arqueologia (2010).....	136
Gráfico 12 – Acervo por matéria prima, Lixeira H5 Zanettini Arqueologia (2010) ...	137
Gráfico 13 – Morfologia dos artefatos por Matéria Prima, Louças, H5 Zanettini Arqueologia (2010).....	140
Gráfico 14 – Decorações em louças, Resgate, H5 Zanettini Arqueologia (2010) ...	143
Gráfico 15 – Cronologia Lixeira H5 Zanettini Arqueologia (2010).....	144
Gráfico 16 – Acervo por matéria prima bolsão de lixo H6.1 Zanettini Arqueologia (2010)	147
Gráfico 17 – Formas louças e cerâmicas, Resgate, H6.1 Zanettini Arqueologia (2010)	147
Gráfico 18 – Decorações em louças, Resgate, H6.1 Zanettini Arqueologia (2010)	148
Gráfico 19 – Cronologia H6 Zanettini Arqueologia (2010)	149
Gráfico 20 - Datação Relativa da Área 1	152
Gráfico 21 – Acervo por matéria prima Área 2 Zanettini Arqueologia (2010).....	153
Gráfico 22 – Cronologia C6, Área 2, Prospecção Zanettini Arqueologia (2009)	154
Gráfico 23 – Cronologia D6, Área 2, Prospecção Zanettini Arqueologia (2009)	155
Gráfico 24 – Cronologia H7, Área 2, Resgate Zanettini Arqueologia (2010).....	155
Gráfico 25 – Acervo por matéria prima Área 3 Zanettini Arqueologia (2010).....	158
Gráfico 26 – Configuração da amostra de metal Zanettini Arqueologia (2009).....	159

Gráfico 27 – Porcentagem das marcas presentes na amostra de ossos Zanettini Arqueologia (2009).....	160
Gráfico 28 – Formas louças e cerâmicas, Resgate, Área 3 Zanettini Arqueologia (2010)	160
Gráfico 29 – Formas vidros, Resgate, Área 3 Zanettini Arqueologia (2010).....	161
Gráfico 30 – Cronologia F8, Área 3, Prospeção Zanettini Arqueologia (2009).....	161
Gráfico 31 – Cronologia F8, Área 3, Resgate Zanettini Arqueologia (2010)	162
Gráfico 32 – Cronologia F8.1, Área 3, Resgate Zanettini Arqueologia (2010)	162
Gráfico 33 – Acervo por matéria prima Área 4 Zanettini Arqueologia (2010).....	165
Gráfico 34 – Cronologia B6, Área 4 Zanettini Arqueologia (2009)	166
Gráfico 35 - Datação Relativa da Quadra 090.....	169

Lista de Figuras

Figura 2 – Cadeia Operatória da Curadoria Arqueológica.....	118
Figura 3 - Baseada nas Figuras 1 e 3 de Schiffer (1972, p. 158,162); partes em vermelho inseridas	180

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Síntese das Áreas Identificadas na Etapa de Prospeção.....	86
Tabela 2 – Síntese do Processo de Análise	125
Tabela 3 – Número mínimo UE Poço Zanettini Arqueologia (2010)	129
Tabela 4 – Número mínimo Lixeira H4.1 Zanettini Arqueologia (2010)	135
Tabela 5 – Número mínimo Lixeira H5 Zanettini Arqueologia (2010)	141
Tabela 6 – Número mínimo Área 2 Zanettini Arqueologia (2010)	154
Tabela 7 - Espaços do Museu da Cidade de São Paulo e suas destinações;	202
Tabela 8 - Contextos Arqueológicos de Sítios com Acervo no CASP;.....	205

Lista de Anexos

Anexo 1 Paulo Maluf: Vamos Salvar o Elevado	251
Anexo 2 Formas Vidros Quadra 090	254
Anexo 3 Catálogo da Exposição "Escavando o Passado: Arqueologia na Cidade de São Paulo"	256
Anexo 4 Textos do Blog da Urbanista Raquel Rolnik	258

INTRODUÇÃO

No andar pela cidade percebe-se a cultura presente e pretérita impressa na paisagem dessa grande “Paulicéia”, registros dos pensamentos, idealizações e significações, discursos atrelados à engrenagem do tempo imersos em um espaço de materialização dessas pronúncias. Essas são percepções de indivíduo que se confundem com observações arqueológicas, implicando a imaginar os pedaços que estão sob os pés, abaixo do solo. Objetos que podem falar de acordo com perguntas que venhamos a fazer, ou que podem, também, nos questionar sobre os acontecimentos acima do solo. São Paulo é hoje, nesse aspecto, uma constante metamorfose, que ainda agrega expressões do passado e do presente, mas que também deve dar espaço às expressões que estão por vir.

Em meio às metamorfoses da paisagem urbana a arqueologia torna-se uma importante ferramenta de discussão dos usos da cidade, prevista em Leis e Portarias de esferas federal, estadual e municipal. Devido a essas determinações as pesquisas no âmbito da Arqueologia Preventiva aumentaram drasticamente como exposto por Zanettini (2006) e Souza (2010), especificamente em relação à cidade de São Paulo - até abril 2009, segundo Souza (2010), haviam 117 projetos desenvolvidos na cidade. Segundo o primeiro autor, nos anos de 2000 a 2004 ocorreram 55% dos totais de trabalhos em Arqueologia Urbana na cidade; já Souza (2010) diz que ocorreram “dois booms de pesquisas, um em torno de 2003 e outro em 2008, coincidentes com a efetivação da Portaria 230 em 2002” e as determinações em relação ao centro da cidade.

A determinação da Portaria 230/2002 do IPHAN agrega ao licenciamento arqueológico a educação patrimonial, combatendo um aspecto da arqueologia apontado por Bruno (2005) que constata que as divulgações dos resultados de uma pesquisa arqueológica têm ficado circunscritas a pares. Cabe questionar o quanto essa grande quantidade de projetos de arqueologia ocorridos principalmente no século XXI, têm contribuído para a sociedade paulistana, em suma primeira detentora desse patrimônio e do conhecimento gerado sobre ele.

A Portaria 230/2002 IPHAN, no entanto, mantém uma abrangência em relação às metodologias e resultados que podem vir a surgir dos projetos de Arqueologia. Assim, como observado por Wichers (2011) ocorrem muitos caminhos e descaminhos nas relações que se estabelecem entre arqueologia e sociedade. Um dos caminhos que pode ser proposto é a Musealização da Arqueologia. A cidade de São Paulo possui em sua organização político-cultural um espaço destinado a essa prática, assim como o de receber os acervos provindos de projetos de arqueologia; o Sítio Morrinhos ou Centro de Arqueologia de São Paulo, pertencente ao Departamento de Patrimônio Histórico (DPH), da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo (SCPMSP), é portanto, um espaço de comunicação e de desenvolvimento da musealização da arqueologia.

Esse conceito e prática é discutido ao menos desde os primeiros trabalhos de Maria Cristina Oliveira Bruno, congregando o encontro entre Arqueologia e Museologia no Brasil de forma mais direta. Assim, pensar as especificidades dessa prática torna-se premente para o desenvolvimento de uma Arqueologia Preventiva e Urbana crítica em discutir com a cidade. Essa aproximação busca uma intervenção que propague uma Arqueologia preocupada com a cidade de modo a discuti-la criticamente. A Sociomuseologia - linha de pensamento que se desenvolveu na segunda metade do século XX e que aborda com maior amplitude o aspecto social dessa Ciência Social Aplicada - torna-se fonte de reflexão, pois “trabalha de forma interdisciplinar e objetiva o desenvolvimento das comunidades onde atua” (WICHERS, 2009); assim como a Arqueologia é em suma interdisciplinar.

Para refletir sobre essa aproximação utilizou-se a **Quadra 090**, sítio arqueológico fruto de um trabalho de licenciamento promovido pela empresa Zanettini Arqueologia durante o período do segundo semestre de 2009 e primeiro semestre de 2010. Localizada entre as ruas dos Timbiras, dos Andradas, Aurora e do Triunfo, no bairro de Santa Ifigênia (**Prancha 1**). O local foi alvo de pesquisa devido à implantação do Centro Paula Souza das Escolas Técnicas do Governo do Estado de São Paulo; recebendo o nome de "Programa de Prospeções e Resgate Arqueológico Quadra 090, Setor 008 (Perímetro Nova Luz), Município de São Paulo, Estado de São Paulo" e esteve sob coordenação dos arqueólogos Paulo Eduardo Zanettini e Paulo Fernando Bava de Camargo.

LOCALIZAÇÃO DA QUADRA 090

PRANCHA 1

O projeto desenvolveu-se a partir de um diagnóstico da área, seguido pela prospecção e posteriormente o resgate arqueológico. Em termos gerais o contexto encontrado refere-se ao período histórico, principalmente o período da segunda metade do século XIX e início do século XX; tratando de uma quadra inteira, foram identificadas diferentes ocupações entre residenciais, comerciais e produtivas. O acervo exumado que trata dessas ocupações foi quantificado em 13006 peças distribuídas entre cerâmicas, louças, vidros, metais, osteodontomalacológicos e outros.

A Quadra 090 encontra-se em um local que atualmente é conhecido como “Cracôlandia” ou “Boca do Lixo”, e que, recentemente, tornou-se palco de mais alguns conflitos: primeiramente pelo projeto de revitalização conhecido como Nova Luz no qual a quadra está inserida e já no início de 2012 o Plano de Ação Integrada “Centro Legal” onde a PM está responsável pela inibição do tráfico de drogas e levando à internação compulsória de usuários. Ambas ações na região vêm causando protestos de diferentes seguimentos sociais.

A partir dos contextos pretéritos e dos atuais é possível fazermos inúmeras discussões sobre a transformação do espaço urbano, principalmente sobre: as relações que se estabelecem entre o indivíduo e o lixo, também o que é considerado lixo por esses; as transformações urbanas e como elas refletem sobre a paisagem e o que se entende da cidade hoje; e uma questão relacionada às duas anteriores, tratando da identidade paulistana.

A Arqueologia, intervindo nesse espaço encontra-se também como uma das vozes nesses conflitos, quando solicitada para o licenciamento de empreendimentos na região. Numa leitura do passado desenvolvida no presente (HODDER, 2003) o arqueólogo deve preocupar-se eticamente e legalmente em devolver um resultado à sociedade detentora do patrimônio exumado, buscando pensar criticamente não só o espaço pretérito, mas as transformações, a qual está atrelado. Mais que isso, a Arqueologia deve comprometer-se em buscar, não apenas no seu contexto de estudo, mas no de outras disciplinas, subsídios para pensar sobre a cidade hoje. Uma vez que como De Certeau (2011) afirma, o passado retorna disfarçado para assombrar. Assim é importante pensarmos a cultura segundo os conceitos de *discurso* (FOUCAULT, 2007) e o *habitus* (BOURDIEU, 2009), que permitem a

observação de estruturas, mesmo que essa seja relativizada dentro de uma perspectiva da fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 2011). Se relativizamos com a perspectiva fenomenológica, inserindo o indivíduo por trás da observação não podemos desconsiderar os indivíduos que fazem a cultura observada, e assim, sua psique individual ou coletiva que fica clara frente aos escritos de Lacan e Freud. Desconsiderar o indivíduo em qualquer um dos lados, o observado ou o observante é restringir a ligação possível com a sociedade; importante questão para a Museologia, uma vez que estamos pensando Objeto X Homem X Cenário (GUARNIERI, 2010).

Para a reflexão desenvolvida neste trabalho - frente a essas perspectivas teóricas e metodológicas, que serão melhor elucidadas no decorrer do texto - o presente estudo foi organizado em três capítulos, ponderando sobre visões da cidade, estudo de caso da Quadra 090 e interpretação dos dados presentes nos temas anteriores como base da proposição de uma musealização da arqueologia que pensa criticamente a cidade.

O primeiro capítulo intitulado **“Olhares Sobre a Cidade”** apresenta primeiramente os olhares da Arqueologia Urbana sobre a cidade adentrando na produção acadêmica e de licenciamento sobre a cidade de São Paulo. Posteriormente a apreciação que a Museologia faz sobre as cidades resgatando o exemplo de propostas ocorridas na Paulicéia. Além disso, aborda o encontro entre essas Ciências buscando como parte dos seus cernes também os olhares de demais Ciências que pensam a cidade. A intersecção entre Arqueologia Urbana e Sociomuseologia agrega em si um caráter interdisciplinar.

No capítulo seguinte, intitulado **“Alguns Vestígios da Urbe”** a Quadra 090 torna-se objeto de análise. Nessa análise são expostos os diferentes momentos do projeto, dentro de sua formulação teórico-metodológica, trabalhos de campo, laboratório e análise do acervo, buscando apresentar reflexões acerca desses diferentes e complementares momentos. Assim, discutir-se-á Arqueologia Preventiva e Urbana, metodologias de campo, curadoria, análise de dados.

O terceiro capítulo, denominado **“Musealizando Pedacos da Urbe”** que inicialmente apresenta três interpretações com base nas abordagens e dados presentes nos capítulos anteriores; essas se congregam a ideia de pensar

"estratigrafia, tempo e a cidade", buscando refletir à cerca da relação do homem e o lixo, da infraestrutura urbana e da identidade urbana. Nessas abordagens imprimi a utilização dos olhares das diversas Ciências que pensam a cidade e também os presentes no dia-a-dia da cidade. Como inevitavelmente há um conflito no qual a Arqueologia é uma das vozes e uma das mãos que agem no local, assim como a Museologia, torna-se importante refletir sobre essa inserção, buscando uma reflexão comprometida com o presente, considerando o passado como parte integrante deste. Posteriormente analisa-se o Centro de Arqueologia de São Paulo e suas relações com a cidade e como musealização da Arqueologia Urbana pode ocorrer; essa prática restringe-se à propositura da utilização do acervo da Quadra 090, na perspectiva da Sociomuseologia, baseadas nas interpretações iniciais do capítulo. Assim, busca-se os caminhos de encontro para discutir a cidade com a cidade.

Para delinear o que se propõe nos capítulos é utilizado referencial bibliográfico principalmente da Arqueologia e Museologia, adentrando nos olhares das demais Ciências que discutem a cidade. Além disso, utilizou-se material fotográfico, desenhos de campo, notícias em jornais e dados de análise de acervo e de projetos. Esse conjunto de materiais são assim compêndio acerca da reflexão da **Musealização da Arqueologia Urbana** e a especificidade desse entroncamento. Como dito inicialmente, no andar pela cidade percebe-se a cultura pretérita e presente impressa na paisagem, a Arqueologia traz à tona mais dessa cultura em sua análise do contexto arqueológico; já a Museologia estabelece "ponte entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes" (CHAGAS, 2005). A engrenagem do tempo continua sua função, diferente dos vestígios arqueológicos que são ressignificados, tomando uma nova função, para dar ao indivíduo a possibilidade de repensar a si e à paisagem que a vive diariamente. Repensar-se e repensar a cidade permite vivenciá-la seja em suas qualidades ou em seus problemas, que podem ser resolvidos com indivíduos interessados em tal propósito.

CAPÍTULO 1 – Olhares Sobre a Cidade

"A memória é a consciência inserida no tempo." (Fernando Pessoa)

Pensar a memória como consciência inserida no tempo, nas palavras de Fernando Pessoa, é perceber o papel que temos como pesquisadores, de expor nosso conhecimento sobre o mundo de forma a torná-lo consciência em uma sociedade. Mais do que o papel de apenas pesquisadores esse é um papel de todo e qualquer indivíduo inserido em uma sociedade, preocupado com a mesma e com o bem estar da vida. Em diversos momentos nos vemos frente a situações que poderiam ser evitadas ou não repetidas se ocorresse um cultivar de uma memória coletiva, exigente das necessárias precauções para o bem estar.

Recentemente o mundo assistiu a uma dessas situações, em que a falta de memória ou de consciência acarretou em uma grande tragédia ocorrida na cidade de Santa Maria, RS. A falta da memória, exigente do bem estar em uma sociedade, levou consigo a vida de centenas de jovens no incêndio de uma boate lotada (DIÁRIO DE SANTA MARIA, 2013).

Não só essa tragédia é símbolo de uma ausência, como percebe-se essa falta presente muito mais próxima do objeto de estudo a que me propus. Talvez os mesmos não sejam tão revelados como esse acontecimento, mas estão presentes nas ruas dessa grande cidade chamada São Paulo, que é como apenas um fragmento de um objeto em faiança fina, completando-se apenas com outros fragmentos. Os Paulistanos - aqui me refiro a todos aqueles que vivem essa cidade independente de suas identidades particulares - assistem diariamente a essa inconsciência. Seja em preocupações desnecessárias como a relatada pelo ex-prefeito da cidade, Paulo Maluf, em relação ao Elevado Costa e Silva e o descaso na manutenção do mesmo (MALUF, 2013, **Anexo 1**).

A questão do descuido com a estrutura do Elevado Costa e Silva, também conhecido como "Minhocão", não deixa de ser alarmante, pois está colocando em

risco o uso e as áreas próximas ao mesmo. No entanto, isso só revela o quanto o verdadeiro problema é velado, a necessidade de existência de tal estrutura para comportar um transporte principalmente particular. Se levarmos em conta que a cidade de São Paulo possui uma população 11.253.503 habitantes e uma frota de automóveis de 4.617.635 unidades (IBGE, 2010), acarreta que 41,03% da população utiliza carros, desconsiderando as variáveis que diminuiriam essa porcentagem - como veículos automóveis de empresas e os usuários que possuem mais de um carro. Assim, a maioria da população da cidade depende de transporte público (ônibus, metro e trem), no entanto a escolha por fazer uma cidade para os carros, ou priorizando-os parece estar presente no dia a dia de grandes cidades. Esse problema já foi destacado por Wilhelm (2011), que complementa sua percepção sobre o problema do carro particular citando o escritor Luigi Pirandello: "o automóvel é criação do diabo! Ele seduz, é objeto de desejo, alia-se ao conceito de liberdade... e seu uso indiscriminado acaba entupindo as veias da cidade. É de fato, algo diabólico..." (PIRANDELLO apud WILHEIM, 2011, p. 159). Além do problema do trânsito que se desenvolve por falta de transporte público adequado e acessível, outros problemas surgem dessa priorização, como poluição e destinação de espaços para estacionamento que criam áreas mortas de mobilidade (WILHEIM, 2011).

Recentemente a metrópole também assistiu o processo interventivo da Polícia Militar ao ponto conhecido como núcleo da "Cracolândia" (ISTOÉ, 2012). Como o exemplo anterior, essa ação serviu apenas para tornar mais velado um problema em suma muito maior, a exclusão social. Segundo Bauman (2005), a exclusão faz parte de um processo da identidade, colocando de fora ou descartando aquele que não faz parte. Nesse ponto a reflexão em torno da cidade de São Paulo deveria se converter para quem são as pessoas que aqui vivem, são apenas descendentes dos primórdios dessa cidade ou descendentes de estrangeiros imigrantes que foram inseridos no contexto identitário da metrópole por fazerem parte da construção da mesma. Outros tantos estão fora desse padrão, mas estão presentes no dia a dia da cidade, no desenvolvimento da mesma, indivíduos que estão sujeitos, muitas vezes, a vivência dos problemas da cidade. Ou que, devido a questões econômicas, são deixados de lado, não sendo permitido a sua participação na construção de uma identidade e de um pertencimento. A ação da Polícia Militar na "Cracolândia"

exaspera esse problema e mostra o processo de higienização que a cidade se dispõe a praticar.

Para tanto, debruçar-se sobre a cidade de São Paulo como objeto de estudo torna-se um trabalho de várias vias, onde diferentes olhares estão presentes, fazendo diferentes interpretações do que aqui se encontra. A produção dessas explicações acerca da urbe são volumosas, sendo dificultoso, digo, quase impossível, acessar sua totalidade. Nesse ponto, parece mais proveitoso romper as tênues divisões científicas e aproveitar-se de um diálogo multivocal. Se pensarmos essa ideia apenas dentro do âmbito acadêmico de produção de conhecimento, seria permitir-se tomar outros caminhos, não tão seguros, ou produzir encontros desses caminhos. Nas palavras de Néstor García Canclini "Precisamos de Ciências Sociais nômades, capazes de circular" (GÁRCIA CANCLINI, 2011, p. 19), sim, circular e percorrer por diferentes caminhos encontrando suas encruzilhadas. As escolhas frente a essa diversidade de informações sobre a cidade de São Paulo partem de duas questões: a primeira relaciona-se às possibilidades de diálogo que a Quadra 090, objeto central da pesquisa arqueológica, apresentou a mim; e a segunda a esses temas de diálogo que estão ligados a uma questão subjetiva da minha própria vivência na cidade, resgatando assim, o que já expus baseado em parâmetros teóricos da arqueologia pós-processualista e na consideração lacaniana sobre a relação de questionamentos que se estabelecem com o objeto.

Apesar da pretensão de aqui tomar esses diferentes caminhos, com um objetivo em comum, o início da estrada começa com características da Arqueologia Urbana e a produção da mesma na cidade de São Paulo, tentando seguir lado a lado desde o princípio, a Museologia, a ideia de Museu de Cidade e as práticas paulistanas nesse campo, bem como exemplos de Museus de Cidade. Os caminhos que se seguem posteriormente são novas caminhadas que irão culminar na tentativa de agregarem-se em algum ponto, junto com a Arqueologia Urbana e a Museologia, permitindo alcançar uma Arqueologia não mais *na*, *da* e *para* a cidade, mas sim, *com* a cidade.

1.1 Arqueologia Urbana e a Cidade

Primordialmente devemos buscar a origem da arqueologia que está diretamente ligada ao antiquarismo e ao desenvolvimento de práticas colecionistas do século XVIII, resgatando principalmente artefatos relacionados ao mundo clássico. Esse resgate está intrinsecamente ligado às ideias culturais do período. Com o Século XIX, no entanto, as práticas antiquaristas de resgate de objetos antigos desenvolve-se conjuntamente com a disseminação das teorias darwinianas, principalmente o evolucionismo. Técnicas e práticas classificatórias se reordenam buscando em sua linearidade dar conta de uma história de longa duração, ligados principalmente a pré-história e períodos clássicos. Nesse contexto a Arqueologia já como uma Ciência, debruçava-se sobre sítios arqueológicos que poderiam estar presentes em meio a cidades, principalmente na Europa, buscando primordialmente preocupar-se com a presença do mundo clássico.

Posteriormente, a Arqueologia aumenta seu leque de pesquisas adentrando, além da arqueologia clássica, em outros momentos históricos ligados à história de longa duração das sociedades, acostando-se muito de processos mais próximos da sociedade atual. Nesse aspecto, as cidades antigas passam a ser uma grande fonte de sítios arqueológicos. Estava assim nascendo uma arqueologia voltada especialmente para períodos mais recentes e configurando-se como uma mãe, gestando em seu ventre o que viria a se tornar a Arqueologia Urbana. Como aponta Funari (2005) há uma clareza de que a equação Arqueologia Histórica = Arqueologia Urbana não se aplica à complexidade de formação do espaço urbano.

Para Zanettini (2004) os arqueólogos urbanos estudam grupos anteriores à formação das cidades. Em muitos aspectos Arqueologia Histórica e Urbana são confundidas como uma mesma especificidade do campo mais amplo, a Ciência Arqueológica, principalmente por parte dos arqueólogos que se debruçaram ao que chamamos de Arqueologia Pré-Histórica. Apesar da Arqueologia Urbana provir de sua antecessora a Arqueologia Histórica (STASKI, 2008), e que, a grande maioria dos sítios arqueológicos pesquisados em cidades tratam-se de sítios arqueológicos históricos, há que se lembrar da possibilidade da existência de contextos

arqueológicos pré-históricos ou pré-colombianos sob a malha urbana de uma cidade. A exemplo desse aspecto primeiro, no qual a Arqueologia Urbana difere-se da Arqueologia Histórica, temos o caso paulistano do Sítio Arqueológico Morumbi, uma oficina lítica em meio a "selva de concreto", assim como os sítios pré-históricos encontrados próximos ao Rio Hudson em Nova York (SALWEN, 1978).

Essa primeira conceituação de diferenciação é que torna as demais percepções diferenciadas quando lidamos com um contexto urbano. A presença de contextos pré-históricos ou pré-colombianos no meio urbano inferem a necessidade de se pensar a formação da cidade como parte da formação do contexto arqueológico encontrado. Se considerada a perspectiva arqueológica da existência de dois fatores que contribuem para a formação do registro arqueológico, tal qual o encontramos *in situ*, os processos naturais - *n-transforms* - e os processos culturais - *c-transforms* (SCHIFFER, 1995) - o desenvolvimento da cidade terá assim parte no processo cultural de formação do registro.

Transformations are modeled through the use of two sets of archaeological laws. The first set, "c-transforms", describes the cultural formation processes of the archaeological record. These laws relate variables pertaining to the behavioral and organizational properties of sociocultural system to variables describing aspects of the archaeological outputs of that system. The laws of noncultural formation processes are termed "n-transforms". (SCHIFFER, 1995, p.48)¹

Seguindo esse pensamento, ao encontrarmos um contexto arqueológico devemos levar em consideração os processos naturais e culturais de alteração do registro pós abandono. Voltando à cidade, portanto, temos alteração desse contexto através do processo cultural de desenvolvimento urbano.

Nesse ponto decorre uma nova perspectiva, da percepção sobre o próprio desenvolvimento urbano, quebrando com as limitações impostas para a delimitação

¹ As transformações são modeladas através do uso de dois conjuntos de leis arqueológicas. O primeiro conjunto, "c-transforms", descreve os processos de formação cultural do registro arqueológico. Essas leis relacionam variáveis referentes às propriedades comportamentais e organizacionais do sistema sociocultural às variáveis que descrevem aspectos arqueológicos de fora desse sistema. As leis de processos de formação não-cultural são chamadas de "n-transforms". O primeiro conjunto, "c-transforms", descreve os processos de formação cultural do registro arqueológico. Essas leis relacionam variáveis referentes às propriedades comportamentais e organizacionais do sistema sociocultural às variáveis que descrevem aspectos arqueológicos de fora desse sistema. As leis de processos de formação não-cultural são chamadas de "n-transforms".

de um sítio arqueológico. Esse novo olhar não exclui o primeiro olhar da arqueologia histórica sobre um sítio arqueológico na cidade, mas expande a ótica, permitindo vislumbrar a cidade como um organismo vivo, em interação e conectado.

Of Course, an important topic of research among urban archaeologists is urbanization, the general process related to the emerge and development of cities (STASKI, 2008, p.07).²

Como apontou Staski (2008), o processo de urbanização deve ser compreendido no contexto de pesquisa de um sítio arqueológico. Entrando em consonância com a ideia da formação do contexto arqueológico proposto por Schiffer (1995). Essa máxima da Arqueologia Urbana, a priori, está dificultada pela concepção de sítio arqueológico, pensado com um limite espacial, que quando em um meio urbano dever-se-ia pensar nos limites da cidade, onde o processo de urbanização ocorre.

Essas duas premissas, uma do olhar sobre o sítio arqueológico independente do contexto de urbanização e, a outra, relacionada ao olhar sobre a cidade como um todo, trouxe a concepção utilizada por Salwen (1978) e Staski (1987) da "arqueologia *na* cidade" (archaeology in the city) e "arqueologia *da* cidade" (archaeology of the city).

[...] while we were doing archaeology *in* the city, we had not, with the few notable exceptions, begun to explore the "possibilities inherent in the more rewarding concept of archaeology *of* the city". (SALWEN, 1978, p. 453)³

Advances in *methodology*, or archaeology *in* the city (Slawen 1973; Staski 1982), seem to have been given most attention. [...] Urban archaeology seems to have advanced less far, however, in matters of *theory* and substantive *historical research* regarding urban phenomena themselves. Although a number of scholars have attempted such archaeology *of* the city, and in spite of a number of pioneering statements promoting such research (e.g., Salwen 1973) [...]. (STASKI, 1987, p. IX)⁴

² Com certeza, um tópico importante da pesquisa entre os arqueólogos urbanos é a urbanização, o processo geral relacionado com a emergência e desenvolvimento das cidades.

³ Enquanto estávamos fazendo a arqueologia na cidade, que não tinha, com poucas exceções notáveis, começado a explorar as "possibilidades inerentes à noção mais gratificante de arqueologia da cidade".

⁴ Avanços na metodologia, ou arqueologia na cidade (Slawen 1973; Staski 1982), parece ter sido dado mais atenção. [...] A arqueologia urbana parece ter avançado menos agora, no entanto, em matéria de teoria e pesquisa histórica substantiva em relação aos próprios fenômenos urbanos.

Assim, pensando na divisão conceitual estabelecida pelos pesquisadores norte americanos a concepção de uma arqueologia *na* cidade estaria ligada à perspectiva de olhar sobre o sítio arqueológico desconsiderando-se sua inserção no contexto de urbanização; e uma arqueologia *da* cidade parte da perspectiva de que o processo de urbanização é parte integrante da reflexão em torno do objeto de pesquisa. Nesse aspecto, no entanto, não é expressa a ideia de que as conceituações sejam mutuamente excludentes entre si, podendo-se partir de ambas as perspectivas para a reflexão.

Essa conceituação é ainda hoje muito utilizada por pesquisadores ligados à Arqueologia Urbana Brasileira, apesar de algumas pesquisas ainda se dedicarem a sítios arqueológicos urbanos na perspectiva de uma Arqueologia Histórica e, portanto, uma arqueologia *na* cidade. Seria esse, um postulado da Arqueologia Histórica que desconsidera a perspectiva de uma Arqueologia que se dá no presente (HODDER, 2003).

Já em fins dos anos 90 e início do século XXI, Staski revisita sua publicação "*Living in Cities*" (1987) com a publicação do texto intitulado "*Living in Cities Today*" (2008), reformulando sua proposição. Nesse sentido, o segundo texto, apresenta uma proposição diferenciada, em que ambas as perspectivas de arqueologia *na* e *da* cidade são complementares. Além disso, apresenta a renovação, permeada por posturas pós-processualistas, de que a Arqueologia Urbana deve servir para a cidade, auxiliando urbanistas. Essa nova postura foi interpretada como uma "arqueologia *para* a cidade", apesar da utilização em língua inglesa "*archaeology of the city*" (STASKI, 2008), ser a mesma para uma "arqueologia da cidade".

Esses conceitos são utilizados conjuntamente, dentro da perspectiva de abordagem que o próprio pesquisador Staski propos. E dessa maneira que os mesmos vêm sendo empregados no Brasil e no caso do objeto de estudo na cidade de São Paulo.

Não diferenciando-se completamente do contexto mundial e principalmente norte-americano a Arqueologia Urbana na realidade brasileira foi gestada pela Arqueologia Histórica. Em alguns momentos, se pode dizer que a mesma ainda

Embora um número de estudiosos tentasse tal arqueologia da cidade, e, apesar de uma série de declarações pioneiras promoverem essa investigação (por exemplo, Salwen 1973).

encontra-se sob os auspícios dessa mãe. Dentro dessa lógica é importante fazer um breve histórico da progenitora, buscando cá e lá identificar os primeiros passos da Arqueologia Urbana brasileira e mais especificamente paulistana.

Segundo Lima (1993), a arqueologia histórica tem seus primeiros trabalhos no território brasileiro ainda no primeiro quartel do século XX, mas só se estabelece formalmente no início dos anos 60. Nesse momento as pesquisas desenvolvidas com essa especificidade se dedicam aos marcos da arquitetura colonial (LIMA, 1993) - igrejas, conventos, fortificações entre outros - principalmente nas regiões litorâneas do nordeste e nos estados sulistas. Pensando na organização urbana ou pré-urbana que se coloca no período colonial, em que os conjuntos arquitetônicos e sociais se estabeleceram próximos a esses grandes marcos da arquitetura colonial, principalmente as igrejas propulsoras de um aglutinamento social, encontramos o marco ou mito de nascimento de cidades. Por tanto, alguns desses marcos que começaram a ser pesquisados na década de 60, encontravam-se dentro de um contexto urbano. A exemplo desses marcos, podemos citar o caso paulistano que tem como mito fundador da cidade o *Pateo do Collegio*, onde se instalaram os jesuítas (PRADO Jr., 1998).

Seguindo o mesmo pensamento, percebe-se que a Arqueologia Urbana já vinha acontecendo em uma perspectiva da Arqueologia Histórica ou do conceito de uma arqueologia *na* cidade, mesmo sem essa conceituação de Salwen ter sido empregada e muito menos chegado às terras brasileiras. Esse início da Arqueologia Histórica Brasileira, voltada para os marcos da arquitetura colonial se deu em conjunto e a serviço do processo de restauro dessas edificações.

No caso da cidade de São Paulo, esse início da arqueologia a serviço do restauro das edificações, marca também os primórdios da Arqueologia Histórica nesse território. Sim, aqui descrevo a arqueologia ocorrida no território da cidade, em seu início, como a progenitora, pois a perspectiva pautava-se nessa ideia. Esse processo inicial, fica marcado de modo mais claro com a presença da arqueóloga Margarida Andreatta, em fins dos anos 70 e início dos anos 80. Um marco anterior à presença da Margarida, na cidade de São Paulo, foi o trabalho coordenado pela arqueóloga Marlene Suano no Sítio da Ressaca, uma casa bandeirista localizada no bairro de Jabaquara em 1978 (ZANETTINI, 2005).

As pesquisas arqueológicas na cidade, no entanto, tornaram-se mais evidentes quando Andreatta assumiu a frente do "Programa de Arqueologia Histórica no Município de São Paulo" conjuntamente com então diretor do Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo Murillo Marx (ARAÚJO; CAMPOS & JULIANI, 2005), conciliando esforços entre DPH e Museu Paulista da USP. Assim, entre os anos de 1979 e 1981 foram efetuadas pesquisas arqueológicas nas casas bandeiristas e também em locais públicos como becos, logradouros, quintais e praças. Muitas dessas pesquisas não diferem do que vinha ocorrendo no âmbito da arqueologia histórica brasileira, quase sempre servindo como auxílio aos projetos de restauro. O papel da Margarida no entanto é de grande importância, por sua formação diferenciada da arqueologia que era proposta pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e pela formação dos pesquisadores que vieram a se debruçar sobre a cidade de São Paulo.

Dentre esses arqueólogos destacam-se Paulo Eduardo Zanettini, Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani e Rafael de Abreu e Souza. No que concerne o universo acadêmico, em relação ao MAE-USP (Museu de Arqueologia e Etnologia), Andreatta orientou majoritariamente as pesquisas empreendidas. Dentre as pesquisas desenvolvidas no âmbito da pós-graduação em arqueologia aparecem os seguintes autores e temas: Paulo Zanettini (2005) sobre o cotidiano bandeirista e mameluco na São Paulo colonial; de Marizia Tonelli (2004) sobre as relações entre arqueologia urbana e direito da Casa do Tatuapé; de Marcos Carvalho (1999) sobre as louças do Solar da marquesa, Beco do Pinto e Casa N. 1; de Lucia Juliani sobre a gestão do patrimônio arqueológico urbano no município (1996); de Dalmo Vilar (2009) e Filomena Fonseca (2007) sobre o abastecimento de água na cidade entre o final do século XIX e o começo do século XX; de Davi Chermann (2008) que tece reflexões em torno do uso de um banco de informações digitais para a arqueologia do centro histórico de São Paulo com estudo de caso do Pátio do Colégio; de Vivan Fernandes (2004) sobre a Capela Santo Alberto, do século XVII, em Mogi das Cruzes; de Nair Tomyama (2002), os estudos sobre o sítio Taboão, também em Mogi das Cruzes; de Rafael Souza (2010) sobre a Fábrica de Louças Santa Catharina e a produção das faianças finas brasileiras, no bairro da Lapa.

O arqueólogo Paulo Zanettini anteriormente citado, desponta também no histórico da Arqueologia na cidade de São Paulo tanto academicamente como frente

à empresa Zanettini Arqueologia. Tendo graduação em História pela USP, desde cedo se envolveu com as pesquisas na cidade de São Paulo sob os auspícios de Andreatta. Em sua tese de doutorado, formulou um estudo a cerca do cotidiano doméstico nas casas bandeiristas (2005) trouxe uma formulação de Arqueologia Urbana muito próxima das ideias de Staski e Salwen, apesar de não citar essas referências em seu doutoramento. Sua perspectiva demonstra um interesse pela interdisciplinaridade, ligada também a sua participação na "Expedição São Paulo 450 anos" (MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2004), em que cita as contribuições da Filosofia, História, Antropologia, Geografia, Psicanálise, Artes e Tecnologias (ZANETTINI, 2005). Foi também o primeiro na cidade a propor o uso de maquinário pesado como retroescavadeiras para a pesquisa arqueológica, metodologia que vem sendo empregada em projetos de arqueologia preventiva da empresa que dirige (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009; 2010; 2011).

Já a arqueóloga Lúcia Juliani, formada em Geologia pela USP, esteve primeiramente vinculada a Prefeitura Municipal de São Paulo, estando responsável por aspectos da arqueologia ocorrida nesse território. Sua dissertação de mestrado debruçou-se sobre a gestão da Arqueologia em Metrópoles, apresentando referências de experiências do exterior e pensando na sua adaptação para o contexto da cidade de São Paulo. Posteriormente também passou a se dedicar a sua empresa de arqueologia preventiva, A Lasca Consultoria e Assessoria, onde também desenvolveu e desenvolve pesquisas na cidade de São Paulo (A LASCA, 2012a; 2012b).

Antes de destacarmos a atuação do arqueólogo Rafael de Abreu e Souza, é preciso fazer um parêntese para citar a presença do Astolfo Gomes de Mello Araujo que atuou junto a Prefeitura Municipal de São Paulo. Com formação em Geologia pela USP e uma vida acadêmica principalmente dedicada à arqueologia pré-colonial e formação do registro arqueológico, dedicou-se durante o período vinculado a prefeitura ao levantamento e cadastramento dos sítios arqueológicos da cidade e atualmente desenvolve um sítio escola na Casa do Bandeirante (Bairro do Butantã).

Dentre os trabalhos acadêmicos destaca-se a pesquisa do Rafael de Abreu Souza sobre a fábrica de louças Santa Catarina. Com formação em História pela UNICAMP, o pesquisador se debruçou sobre o primeiro contexto fabril de louças da

cidade de São Paulo, utilizando-se de uma abordagem interdisciplinar para discutir não apenas a fábrica, mas a inserção da mesma no contexto da cidade e do desenvolvimento urbano. Além disso, continua sua atuação na arqueologia urbana paulistana frente a projetos de contrato desenvolvidos na empresa Zanettini Arqueologia, como, por exemplo a coordenação da pesquisa no Sítio Arqueológico Pinheiros II (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2012) onde refletiu sobre a formação do bairro de Pinheiros.

Por fim, uma última arqueóloga deve ser destacada por sua recente participação na história da Arqueologia Urbana Paulistana, Paula Nishida, graduada em História pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica) e que dedicou seus estudos de pós-graduação para sambaquis. Atualmente está ligada ao DPH-PMSP, onde acompanha projetos desenvolvidos na cidade e atua em parceria com o arqueólogo Astolfo Araujo no sítio escola da Casa do Bandeirante. Está também, a frente do Centro de Arqueologia de São Paulo, Sítio Morrinhos que é integrante do Museu da Cidade de São Paulo.

Essa apresentação dos principais nomes que atuaram e atuam na cidade de São Paulo é importante para demonstrar como a Arqueologia Urbana Paulistana se desenvolveu, dentro do pensar o contexto de urbanização e não o sítio arqueológico em si, mostrando a diversidade de formação desses agentes da arqueologia urbana paulistana. Essa diversidade já vem marcada desde a presença da arqueóloga Margarida Andreatta, que teve sua formação voltada para a arqueologia pré-colonial. Esses e outros pesquisadores e atualmente algumas empresas são responsáveis por desvelar diversos sítios arqueológicos.

Segundo Souza (2010), grande parte dos projetos de arqueologia desenvolvidos na cidade ocorreram de 2002 para cá, devido a Portaria 230/2002 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e mais especificamente para a realidade paulistana a normativa 2008 a cerca de áreas no centro da cidade que devem receber trabalhos arqueológicos para o licenciamento; marcando o que percebeu Zanettini (2004) que há um retorno do arqueólogo à cidade. Em pesquisa empreendida até Abril de 2009, Souza (2010) apresenta um número de 47 sítios

arqueológicos cadastrados na cidade de São Paulo⁵, apesar do CNSA-IPHAN (Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos) apresentar apenas 13. Em reportagem da revista National Geographic Brasil (Abril de 2013) é apresentado um mapa com a localização de sítios ou ocorrências arqueológicas na cidade de São Paulo (**Prancha 2**), superando a contagem de sítios citada por Souza (2010).

Além disso, a pesquisa empreitada por Souza nos relatórios da 9ª Superintendência do IPHAN - SP, demonstram um descompasso dos projetos ocorridos na cidade com o que é considerado de interesse arqueológico (SOUZA, 2010).

Alguns relatórios ainda trazem informações sobre as sucessivas e, por vezes, enormes, camadas de aterros na cidade de São Paulo, reflexo da evolução urbana, dos diálogos com a paisagem e da relação homem-natureza, uma vez que aterros são artefatos produzidos pelo homem, portanto relacionados a culturas e visões de mundo. Mas a regra geral é desconsiderá-los do ponto de vista da relevância arqueológica. (SOUZA, 2010, p. 12)

Esse levantamento exaustivo demonstra uma realidade que tem se imposto ao contexto arqueológico paulistano, em que há um grande despreparo dos profissionais que vem exercendo a arqueologia urbana. Em grande parte, desconsiderando a relação da formação do contexto arqueológico com o processo de urbanização da cidade. Descaracterizando registros dessa transformação e desenvolvimento.

Contudo, ainda é necessário pensar nas possibilidades de fruição do conhecimento gerado sobre a urbe São Paulo. Nas relações que se estabelecem de pedido de portaria para intervenção arqueológica é necessário apresentar uma instituição que irá endossar os acervos. Esse seria outro descompasso da Arqueologia Urbana Paulistana, pois projetos são aprovados despachando acervos da cidade para fora dela. Essa prática enfraquece não apenas as possibilidades de fruição do conhecimento, mas também o Centro de Arqueologia de São Paulo, integrante do Museu da Cidade.

⁵ Sítios Arqueológicos aqui são citados por sua existência dentro de limites como estabelecido pela legislação, mesmo que para a Arqueologia Urbana a cidade seja considerada um Sítio Arqueológico.

Após um breve espaço de exumar o histórico de desenvolvimento da Arqueologia Urbana e suas bases de pensamento bem como sua estruturação na cidade de São Paulo, deparo-me com a problemática museológica em torno da concepção de um Museu da Cidade. Assim como a Arqueologia, a Museologia possui ramificações que permitem sua fácil locução com outros conhecimentos ou que dependem desses.

1.2 Museologia e Cidade

No cotidiano estamos imersos num cenário repleto de objetos através dos quais estabelecemos uma série de ações e relações.

Estes objetos possuem suas funções definidas quando são produzidos, mas na dinâmica de seus usos eles assumem novas funções, por vezes sentimentais, por outras de memória, adquirindo novos significados, valores ou apenas uma outra nova função prática. Essa dinâmica está associada à cultura, em que fazemos parte e onde nós somos criadores e recriadores. A constante mudança (individuais ou coletivas) da realidade tal qual a conhecemos, está associada à nossa capacidade criativa. A cultura, portanto, liga-se a uma identidade que reconhece ou ressignifica expressões (objetos materiais e imateriais).

Esses objetos elegidos como "significativos" passam a compor uma coleção a qual temos o intuito de preservar, de salvaguardar. O primeiro passo nesse caminho é o "coleccionismo" que, inserido nas relações sociais, transcende o indivíduo, tornando-se um acervo coletivo para um grupo de pessoas restrito ou para toda uma sociedade. Este processo existe há um tempo que não pode ser descrito, mas pelo menos desde a existência das sociedades. O colecionismo fez surgir instituições voltadas para a guarda e utilização dessas coleções. Inicialmente essas eram geradas por uma parcela de estudiosos de diferentes campos de conhecimento, buscando expor o que lhes parecia importante. Ou digamos que a importância encontrava-se nos objetos.

Mesmo nessa perspectiva de importância do objeto, que por si só deveria ser exposto, conformou-se um pensamento em torno da instituição com essa vocação. O pensamento sobre isso se desenvolveu conjuntamente com outros aspectos da sociedade, principalmente após as grandes crises geradas pelas duas Guerras Mundiais, que alavancaram um olhar diferenciado sobre o homem, um olhar mais humanitário e democrático.

A Museologia surge como uma maneira de dar resposta às instituições, que ao menos desde o Século XVIII, possuíam um processo de colecionismo de objetos para fruição; sejam esses advindos de processos coloniais, expedições, marcos civilizatórios ou exposições universais (BRUNO, 2012a).

Decorrentes das diversas reuniões que ocorreram sob organização do ICOM e das diferentes cartas com diretrizes e reflexões redigidas nesses encontros, hoje a Museologia possui reflexões teóricas próprias dando destaque, a exemplo, a Nova Museologia e a Sociomuseologia. Estabelecendo seu pensamento em torno da tríade formada por "homemXobjetoXcenário" (GUARNIERI, 2010; VARINE-BOHAN, 2008).

Ocorre nessa nova abordagem três momentos, compreendidos em um ciclo, que pode ser analisado como um todo ou em partes na pesquisa museológica. Tendo como pontos centrais a mediação, o papel social do museu, o objeto e a preservação (GUARNIERI, 2010; VARINE-BOHAN, 2008; MENESES, 2012).

O que salta aos olhos é que a Museologia atual não pode simplesmente e de um momento para outro, descartar o fato museológico no qual a relação homem/objeto apresenta, como objeto, o complexo das relações e dos relacionamentos humanos e sociais [...]. (GUARNIERI, 2010, p. 182)

Apesar de tratar especificamente do homemXobjeto, que se torna em si um objeto, esse encontra-se em um cenário, que por sua vez compreende parte da mediação e também do papel social do museu, ou seja, a totalidade de uma sociedade:

[...] um museu que deve levar em consideração a totalidade da sociedade na qual ele está inserido, para se colocar a seu serviço e se organizar em consequência, e fica claro para os museólogos conscientes que o seu lugar

na sociedade e o dos agentes sociais é o de buscar um conjunto de soluções provenientes de uma observação e de uma escrita das comunidades do entorno. (VARINE-BOHAN, 2008, p. 15)

Sendo assim, a Museologia transcende o espaço institucional do museu, uma característica dessa nova abordagem que agregou o homem e o cenário com a mesma importância que o objeto. Essa tríade pode ser observada por qualquer outra Ciência, no entanto, na Museologia, o pesquisador está lidando diretamente com a mediação na perspectiva de aplicação. É muito tênue essa separação já que nessa mediação se lida com o conhecimento gerado por outras ciências, o que acarreta a interdisciplinaridade já conhecida. Pensando no processo como um todo, essa especificidade da Ciência Museológica não a torna evidente, explícita, mas como se ela estivesse nos bastidores de uma peça de teatro, sendo apenas o diretor da encenação.

Na cidade, estamos lidando com essa mediação diariamente, não como algo restrito às paredes do museu, mas vivo e contínuo, como parte do cotidiano da cidade. Para dar continuidade a discussão em torno da musealização no contexto urbano, cabe ressaltar a história do pensamento museológico sobre a cidade, ou museus de cidade.

Ao longo do século XX o universo dos museus consolidou um modelo de Museu de Cidade, amparado por ações e pesquisas arqueológicas, buscando encontrar as primeiras ocupações e testemunhos de desenvolvimentos das cidades. Assim, perpetuou-se um modelo de museu histórico, preocupado com a memória local para futuras gerações.

Contudo, a segunda metade do século é marcada por importantes transformações no pensamento museológico, não somente no que concernem às questões ligadas à cidade, como a Mesa Redonda de Santiago do Chile ICOM, em 1972, onde foi apresentado o conceito de museu integral; e posteriormente as Declarações de Quebec, em 1984, e Caracas, em 1992, fundamentando a Nova Museologia e a ideia de museu como canal comunicacional, respectivamente.

O documento formulado na Mesa Redonda de Santiago do Chile ICOM (1972) incitava “os museus de cidade a colaborarem na conscientização das populações rurais sobre a complexidade dos problemas enfrentados em grandes cidades”

(FRANCO, 2009). Nesse aspecto, como pontua Franco (2009), reafirmava-se o discurso de resistência à migração campo-cidade. Sem precisamente intervir, criando uma consciência crítica, o desenvolvimento das cidades trouxe uma inversão, concomitante com o crescimento populacional das cidades, efeito também da migração campo-cidade. Tornou-se inevitável debruçar-se sobre as novas dinâmicas de megacidades, buscando problematizar e entender as ocupações dessas urbes complexas.

Se antes os museus de cidade eram receptáculos de artefatos que tinham como missão referenciar a trajetória de uma determinada urbe, tendo nas dinâmicas sociais um elemento contextualizador do discurso museológico, neste novo modelo processa-se uma inversão: o museu de cidade, que se rege pela sociomuseologia, considera que o discurso museal se dá a partir das questões, problemas e argumentos das populações em direção ao Museu e não em dinâmica inversa. (FRANCO, 2009, p. 18)

Assim o conceito de "Museu de Cidade" que se focava em uma centralidade, também se apropria de uma perspectiva de alargamento territorial, estabelecendo um diálogo com diferentes atores sociais. Seria uma peça de teatro, onde Atores e Público não são divisíveis e comungam de um mesmo cenário, no qual todos interagem no jogo cênico.

Segundo Bruno (1996) "o êxito de um Museu de Cidade está ligado às possibilidades de participação coletiva que seus projetos permitem, ao mesmo tempo em que deve estar consolidado no exercício sistemático da cidadania". Nessa perspectiva, as expedições adentram no cenário museal (BRUNO, 2004), tecendo uma prática dinâmica "para formação e consolidação de instituições de pesquisa e preservação". São Paulo, com suas ruas e avenidas que recortam um imenso território já se tornou por diversas vezes palco de expedições, mas ainda hoje não é detentora de um museu de cidade coerente com sua diversidade.

Desde a inauguração do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, em 1895, até a proposta de implantação do Museu de Cidade de São Paulo e do Sistema Municipal de Museus, delineada a partir de 2003, a cidade tem sido alvo de vários projetos que visam decodificar suas entranhas culturais. (BRUNO, 2004, p. 24)

Invariavelmente, no entanto, as dezenas de propostas museais para a cidade foram colocadas de lado. Outra questão preponderante é que em grande parte as propostas se associaram ao marco inicial da cidade, apesar “dos vestígios arqueológicos sinalizarem para uma ocupação por grupos humanos, neste território, por volta de nove mil anos antes do presente” (BRUNO, 2004).

As principais iniciativas de um Museu de Cidade ocorreram nos anos 30, 50, 80, 80/90 e 2000. Com diferentes perspectivas, algumas inclusive inovadoras como o “Museu de Rua”, de 1978, que se apropriava do espaço ao ar livre.

É possível reconhecer que o Museu de Rua abriu horizontes inéditos para a musealização da cidade, experimentando caminhos alternativos e decodificando uma nova dinâmica para a aproximação entre os critérios de extroversão expográfica e as expectativas do transeunte anônimo do centro da cidade, que se qualificava como público fruidor, como visitante. Confrontando imagens fotográficas do passado com a realidade do entorno da exposição, essa experiência evidenciava que o tempo é organizado a partir de uma multiplicidade de rupturas que caracteriza as diferentes experiências vividas, como também, deslocava a atenção para a linearidade dos referenciais históricos que tradicionalmente são valorizados em uma cidade. (BRUNO, 2006, p. 121)

Dessa propositura surgiu a “Expedição São Paulo de 1985”.

O objetivo da “Expedição São Paulo de 1985” não era realizar uma análise científica da Região Metropolitana, mas colher relatos e impressões que revelassem a nova metrópole, assim como haviam feito outros viajantes que, isoladamente ou integrantes de outras expedições, tão bem retrataram a imagem da cidade oitocentista da primeira metade do século XIX. A apreensão da metrópole deveria, portanto, revelar-se através de sucessões, de registros rápidos e diretos que, somados ao conhecimento e formação dos integrantes, da Expedição, permitissem a visualização da nova imagem da Grande São Paulo. A tarefa impunha a necessidade de uma equipe multidisciplinar que desse conta da complexidade da realidade a ser visitada: a Região Metropolitana de São Paulo. Da Expedição participaram doze especialistas das áreas de ciências ambientais, arquitetura, urbanismo, geografia, antropologia, sociologia, arqueologia e história. (WAKAHARA, 2004, p. 49)

A Expedição São Paulo de 1985 foi o mote inicial para implementação da Expedição São Paulo 450 Anos. Essa última expedição, em uma linha de reflexão da Sociomuseologia buscando a interdisciplinaridade, percorreu a cidade em busca de referências patrimoniais, em janeiro de 2004; tendo no grupo museólogos,

arquitetos, educadores, etnólogos, fotógrafos, psiquiatras, historiadores, geógrafos, antropólogos, arqueólogos, artistas plásticos e sociólogos.

Apesar da grandiosa empreitada dos 55 integrantes do grupo, com a troca de governo, o Museu de Cidade foi novamente "colocado na gaveta". Hoje, São Paulo conta com o conjunto de casas históricas, espalhadas pela cidade, comportando o que a Prefeitura denominou de Museu de Cidade. Uma dessas casas históricas, o Sítio Morrinhos, abriga o Centro de Arqueologia de São Paulo.

Dessa forma, a ação museológica sob responsabilidade da administração pública municipal chegou a este novo século com uma sólida bagagem de experiências técnicas, mas sem ter conseguido afirmar uma linha de trabalho consistente, do ponto de vista de procedimentos de salvaguarda e comunicação, em relação à proposição de um modelo para o Museu da Cidade. (BRUNO, 2006, p. 124)

Apesar dos diferentes momentos e linhas de pensamento, interrupções e engavetamentos a perspectiva que fica do que um Museu de Cidade deve apresentar encontra-se em Meneses (2003, p. 279):

... o objetivo prioritário de um museu de cidade, diria que é propiciar aos habitantes a tomada de consciência da cidade e o aprofundamento permanente dessa consciência. Informação, celebração, memória, evocação, narrações, devaneios, fruição estética e afetiva, conhecimento, etc,etc, tudo isto pode ser mobilizado na consciência da cidade. [...] A importância da cidade para o habitante faz com que ela seja naturalizada, escapando, assim, à própria acuidade e aprofundamento da percepção. Nessas condições, é imperioso desnaturalizar a cidade, fazê-la percebida como artefato, artifício, coisa criada, instituída pelo homem, para si, para seus interesses, contra, eventualmente, os interesses de outros homens, mutável e em transformação permanente, submetida a forças e mecanismos que podem ser identificados – e assim por diante.

Nesse contexto, considero o imaginário como lugar de destaque onde as reflexões em torno do estabelecimento da ação museal devem ser conscientes e explícitas, pois se trata de uma ação política, pensada e revelada à sociedade. Assim, ocorre a mediação nesse espaço quase que cênico onde as intenções devem estar descortinadas, para que o processo crítico e do imaginário ocorra. Mais do que apenas as intenções individuais, coletivas, dos diferentes grupos que ali se

encontram, tem-se também as agências (BOURDIEU, 1996) do objeto, intencionalmente selecionado e escolhido.

Sendo assim, a Museologia é uma Ciência Social Aplicada, pois dessas ações, que a mesma estabelece através do fato museal, decorrem outros processos mais amplos como o Fenômeno Museológico e o Processo de Musealização (BRUNO, 2012b); formando assim o que se considera como Museologia Geral, que é uma ação que caminha em dois sentidos, o que vai e o que retorna.

Buscando esse caminho o pesquisador espanhol Jorge Wagensberg propõe o conceito de Gozo Intelectual (2009), exprimindo o processo que se estabelece para uma nova compreensão e/ou uma nova intuição. Esse ocorre de forma individual e é considerado como tal um experiência íntima (WAGENSBERG, 2009).

'Compreender' é cair na mínima expressão do máximo compartilhado, ou seja, no comum entre o diverso; ou seja, em certa essência, oculta ou não, num bosque de matizes. [...]

'Intuir' é experimentar uma fricção entre dois estados da mente, uma fricção entre a incerteza resolvida e a incerteza por resolver, uma fricção entre o percebido pela primeira vez e o percebido pela segunda vez, uma fricção entre o compreendido e o que se pretende compreender, entre o ocorrido e o que ainda há de ocorrer, entre ocorrido aqui e o ocorrido ali. (WAGENSBERG, 2009, p. 24)

No caso da “Expedição São Paulo 450 anos” a diversidade de áreas de conhecimento que se encontravam para vivenciar a cidade, possibilitando uma reflexão em torno deste, conjugando em olhares, sentimentos e apropriações que confluem em três tempos. O passado/presente/futuro estão contidos nas ações museais que, portanto, não devem ser levianas, pois como pontuou conscientemente Chagas (2005):

[...] pode-se considerar o museu como ponte entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói em imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque. (CHAGAS, 2005, 18)

Partindo dessas perspectivas apresento exemplos de museus de cidade e as diferentes experiências que os mesmos oferecem:

Museu da Cidade de Campinas

O Museu da cidade de Campinas surgiu da confluência de três museus anteriormente existentes na cidade: Museu Histórico, Museu do Folclore e Museu do Índio. Atualmente ocupa o edifício histórico que pertenceu *Lidgerwood Manufacturing Company Limited*, tendo sido erguido no final do século XIX. É constituído por acervo de coleções arqueológicas, históricas, arte plumária, cestaria e quadros.

Atualmente as condições do museu estão precárias, carecendo da atenção pública da Prefeitura Municipal de Campinas para readequação. Mesmo com essa dinâmica problemática o museu apresenta um pequeno espaço expositivo com parte de seu acervo diverso, que inclui inclusive moedas romanas. A perspectiva do que o próprio edifício conjuntamente com o acervo pode oferecer ao público é a diversidade cultural e histórica da cidade, desde coleções formadas por colecionadores da cidade, por isso a existência de moedas romanas, até cultura material pretérita a própria existência da cidade.

Prancha 3

Museu Joaquim José Felizardo

O Museu Joaquim José Felizardo apesar de não conter em seu nome a titulação de Museu da Cidade de Porto Alegre pode assim ser considerado segundo a sua trajetória e objetivo. O museu ocupa um solar histórico, edificado no século XIX e conta com acervo de coleções iconográficas, arqueológicas e históricas. Em seu quadro de funcionários, encontram-se historiadores e arqueólogos ligados a Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Possui uma exposição de longa duração congregando as diferentes coleções do museu, principalmente relativas à formação da Cidade de Porto Alegre; também disponibiliza acesso ao acervo iconográfico (fotografias) por meio de computadores. Tem um espaço externo com jardim, onde estão dispostas algumas esculturas além de propiciar nesse um local arborizado de lazer para os visitantes.

MUSEU DA CIDADE DE CAMPINAS

PRANCHA 3

fotos: Piero Tessaro

A Arqueologia tem grande ligação com o museu, devido à presença da arqueóloga Fernanda Bordin Tocchetto e por, o edifício, ter sido alvo de pesquisa arqueológica que resultou no mestrado do arqueólogo Luis Cláudio Pereira Symanski.

Prancha 4

Museum of the City of New York

O Museu da Cidade de Nova York foi fundado em 1923 por uma corporação privada sem fins lucrativos, ocupando uma edificação datada de 1932 e constituiu-se da ideia de ligar o passado e o futuro da cidade. Nessa perspectiva apresenta espaços com exposições de longa duração e espaços com exposições de curta duração, discutindo a cultura da cidade e sua transformação perpétua. Além disso, trabalha em parceria com outros museus presentes na cidade, principalmente *South Street Sea Port Museum* (SSSPM).

Na data de 23 de Outubro de 2012, constava no Museu a exposição de longa duração "*Activist New York*" e as exposições de curta duração "*From Farm to City*", "*Capital of Capital: New York's Banks And The Creation of a Global Economy*", "*London Street Photography*" com "*City Cenes: Highlights of New York Street Photography*", "*The World of D.D. and Leslie Tillett*" e "*Reimagining the Waterfront: Manhattan's East River Esplanade*".

Essas temáticas variam desde a história e cultura da cidade e também relembando a vida rural na *Staten Island*, jogando também com fotografias urbanas da cidade de Londres e de Nova York e apresentando o projeto urbanístico previsto para o *East River*.

Prancha 5 e 6

MUSEU JOSÉ JOAQUIM FELIZARDO

PRANCHA 4

fonte: <http://1regiao.wordpress.com/xi-mostra-conjunta-de-museus/dsc00293/> acessado em 12/05/13
e <http://museudepoa.blogspot.com.br/>, acessado em 14/11/2013

MUSEUM OF THE CITY OF NEW YORK

PRANCHA 5

fotos: Piero Tessaro

MUSEUM OF THE CITY OF NEW YORK

PRANCHA 6

fotos: Piero Tessaro

Ainda sobre o Museu da Cidade de Nova York é importante ressaltar sua relação com o *South Street Sea Port Museum* (SSSPM), pois nesse museu localizado na região sul da Ilha de Manhattan, em oposição ao museu da cidade que se localiza no norte, encontram-se outros acervos históricos e arqueológicos. No entanto, esse museu não pôde ser visitado devido à passagem do Furacão Sandy⁶.

1.3 Olhares Interdisciplinares

Mais que a Arqueologia e Museologia, que já demonstram pontos de encontro, na dinâmica da cidade há outras pesquisas, outras formas de olhar São Paulo. Seja a historiografia que em diferentes momentos mostra-nos olhares diferenciados sobre a cidade, destacando que os olhares em direção ao passado são condicionados pelo momento presente, formando assim as diferenças de compreensão em torno de um mesmo assunto. Concomitante, temos o olhar da Geografia, com a compreensão do espaço e como o mesmo pode conter presente, futuro e passado dialogando com os transeuntes e usuários, que tem seu cotidiano inserido num espaço em transformação, onde está impresso também, o olhar de arquitetos e urbanistas. Atenção também é dada aos transeuntes, desse espaço com olhares advindos da Antropologia Urbana e da Sociologia, e, além deles, no cotidiano diário o olhar impresso pelo próprio órgão gestor desse território e pelos meios de comunicação.

Aqui será expressado alguns conhecimentos produzidos por outras ciências, meios de comunicação e o próprio governo da cidade de São Paulo; tentando já delinear esses estudos dentro da lógica de "Ciência Social Nômade" expressa por García Canclini (2011). O objetivo dessa incursão nos demais caminhos que se encontram com o caminho dessa pesquisa não é a exaustão em torno do que foi produzido sobre a cidade de São Paulo, já que um estudo dessa grandeza necessitaria de anos de pesquisa que não cabe ao tempo de um mestrado. Aqui

⁶ Ocorreu a inviabilidade da pesquisa de campo devido ao fenômeno natural indicado;

vamos adentrar apenas em alguns estudos, não linearmente, que possibilitam entendermos o contexto apreciado por outras óticas, permitindo-se utilizar dessas. E novamente o recorte aqui elaborado está ligado ao processo da pesquisa anteriormente apresentado, em que se considera os temas de discussão suscitados pelo sítio arqueológico “Quadra 090” e as questões subjetivas de vivência da cidade. Assim, alguns olhares diversos abordados nesse espaço terão mais a frente um papel fundamental e poderão ser aprofundados de acordo com a interpretação, reflexão que se propõe no capítulo 3 desse estudo.

A formação histórica do que é a cidade de São Paulo passou por diferentes abordagens dentro da historiografia paulistana, como aponta Moura (2005), demonstrando como já está presente numa pesquisa a inserção das especificidades relacionadas ao pesquisador, seu contexto presente e mais que isso, os seus questionamentos sobre o(s) objeto(s) de estudo; essa percepção está diretamente ligada às diferenças interpretativas em relação a um mesmo objeto de estudo. Apesar disso, parece haver uma concordância entre os historiadores em relação à origem da cidade de São Paulo.

Autores como Caio Prado Jr (1998), Ernani Silva Bruno (1991) e Afonso de Escragnolle Taunay (2003) indicam como mote inicial o estabelecimento dos Jesuítas nos campos de Piratininga em 1554. A vinda da Companhia de Jesus foi organizada com a intenção de catequizar os indígenas, nesse aspecto que se estabelecem além do núcleo central os aldeamentos indígenas (BRUNOa, 1991). É importante ressaltar que em perspectivas das ciências sociais e humanas com abordagens pós-colonialistas esse mote inicial da história local estaria relacionado à presença dos indígenas e outros grupos pretéritos; assim a perspectiva de início não estaria condicionada a presença do europeu, que em si já é contraditória, pois exprime a existência de indígenas que já estariam aqui, para poderem ser catequizados.

A cidade - no conceito de Geddes e Brandford - acumula e incorpora a herança de uma região, combinando essa herança em certa medida e de certa forma com a herança cultural de unidades maiores, nacionais, raciais, religiosas e humanas. (BRUNO, 1991a, p. 31).

Seguindo essa linha de pensamento, a chegada dos Jesuítas a Piratininga marca um momento importante de confluência das culturas indígenas, da religião católica e da cultura europeia; esse momento seria o marco inicial da formação da cidade em seu contexto mais geral em moldes ocidentais, mas que em suas entranhas possui uma diversidade que também se liga a presença anterior de grupos indígenas.

Essas presenças culturais deixaram marcas que podem ser observadas no presente, por mais que estudos de arqueologia não tenham desvendado mais contextos pretéritos a chegada do europeu, além do Sítio Morumbi e algumas poucas ocorrências arqueológicas, para podermos dar conta de uma história local de longa duração mais rica em detalhes. Mas ao que parece, as indicações históricas e geográficas sobre a escolha de Piratininga não fogem muito às necessidades ambientais de assentamentos de grupos ceramistas estudados pela arqueologia; em termos arqueológicos teríamos um padrão de assentamento com características qualitativamente iguais.

Sobre a escolha do assentamento jesuítico, Caio Prado Jr. (1998) aponta como alguns fatores da entrada no planalto facilitado pelo estreitamento da faixa costeira; além disso constituí-se de terras altas e saudáveis em meio a um descampado de floresta, com clima temperado e a presença de um sistema hidrográfico rico em drenagens córregos e rios. Seriam esses aspectos geográficos propícios não apenas para o estabelecimento do que é considerado núcleo original da cidade de São Paulo, mas também, dos diversos núcleos próximos, que com a dispersão da malha urbana foram sendo agregados.

Alguns mapas produzidos pela Emplasa (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano de São Paulo) indicam o desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo desde o ano de 1872 até 2002, considerando como base o núcleo central; no entanto, nesses mapas é possível observar núcleos de desenvolvimento urbano que não estavam ligados ao núcleo central, além de claro, considerarmos os aldeamentos indígenas, distantes do núcleo central, que mais tarde viriam a ser locais de propulsão da urbanização (**Prancha 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14**).

Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa.
 Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
 Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

ÁREA URBANIZADA 1882/1914

Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa.
 Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
 Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa. Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
 Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

Essa pode ser a gênese para o que é identificado por Milton Santos (2008) como:

Existem duas ou diversas cidades dentro da cidade. Esse fenômeno é o resultado da oposição entre níveis de vida e entre setores de atividade econômica, isto é, entre classes sociais. (SANTOS, 2008, p. 190)

Pensando também nesse aspecto, salienta-se que essa diversidade de cidades dentro da cidade está ligada ao próprio processo histórico do território agregado, marcando a paisagem da urbe de forma diversificada.

Finalmente, em seu aspecto mutável a paisagem urbana traduz os intercâmbios econômicos e sociais de que a cidade é teatro e, em seu dinamismo, as mudanças que intervieram nas diferentes localizações, dentro e fora do organismo urbano. (SANTOS, 2008, p. 202)

Considerando esses dois fatores da paisagem urbana que Milton Santos (2008) expõe, pode-se considerar que as cidades dentro da cidade se deslocam, devido ao aspecto mutável da cidade; se deslocam de acordo com seus "elementos móveis", pois os "elementos inertes" ou são destruídos ou permanecem como "rugosidades" - marcas do passado na paisagem presente da cidade - (SANTOS, 2008).

As ruas de São Paulo não envelhecem. Não têm tempo de envelhecer. [...] Aqui as casas vivem menos do que os homens. E se afastam para alargar as ruas, Nem há nada acatado, definitivo. (BARBOSA, 1987 apud SANTOS, 2009a, p. 16)

Essa mutabilidade da cidade também está ligada a diferenças socioeconômicas, diretrizes do governo municipal e a mobilidade interna da cidade; estamos constantemente, portanto, como sociedade construindo, desconstruindo e transformando realidades. Essa mutabilidade está, segundo Santos (2008), diretamente relacionada ao crescimento da cidade e a relação do homem com o espaço de acordo com sua classe social, a dispersão se dá do centro rico para a periferia pobre. No caso de São Paulo, acredito que a questão da dispersão conforme classes sociais é mais complexa, pois o centro econômico se deslocou do

centro histórico. O pesquisador Ricardo Viveiros conseguiu captar em entrevistas o processo desse deslocamento, que iniciou na metade do século XX; dois trechos das entrevistas com Flávio Villaça, primeiramente, e Paulo Júlio Valentino Bruna, posteriormente indicam esse processo:

Assim, o centro cresceu na direção do quadrante sudoeste. Em sua retaguarda ficou a área abandonada, que foi, então, ocupada pelas classes populares. (VILLHAÇA apud VIVEIROS, 2011, p. 36)

Após os anos de 1950, os melhores escritórios, cafés, restaurantes e cinemas e a maior parte dos estabelecimentos comerciais transferiram-se para o novo "centro" que vinha se formando na região da Augusta deixando para trás as ruas XV de Novembro, São Bento e Direita, as principais desde a fundação da cidade. A região, que assim encerrou a sua era de glamour, nos dias de hoje é vista como assustadora e perigosa para uma geração mais jovem [...] e para quem a referência de centro da cidade são as Avenidas Paulista, Faria Lima e Luís Carlos Berrini. (BRUNA apud VIVEIROS, 2011, p.77)

Usando uma rosquinha⁷ como metáfora, diria que onde há massa e açúcar na rosquinha estão as classes econômicas mais abastadas; enquanto o centro e a periferia que não possuem massa, apenas um pouco de açúcar caído estão as classes menos abastadas ou os locais de abandono e descarte.

Refiro-me a esse aspecto de rosquinha, por ser o centro histórico, marcado pela presença de exclusão social e abandono de espaços, considerados então como decadentes. Essas características do centro histórico hoje estão marcadas pelas reações em relação ao mesmo. A exemplo, um projeto que prevê a revitalização de parte do centro da cidade de São Paulo. Diria que muitas mãos estão envolvidas nessa nova realidade. Não apenas a da assinatura feita pelos diversos governantes desse território, mas dos urbanistas, dos arqueólogos, dos moradores, comerciantes e também dos exilados e atores que se não vivem, ao menos pesam esse espaço. O Projeto Nova Luz foi criado, prevendo, segundo o jornal Folha de São Paulo, "demolir 30% da cracolândia". (Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, p. C1, de 18 de Dezembro de 2010) gerando assim um conflito entre os ideais para esse local (**Prancha 15**).

⁷ Rosquinha é referida aqui como as consumidas por policiais estadunidenses em filmes, seriados e desenhos dos Estados Unidos da América.

DESAPROPRIAÇÃO DA NOVA LUZ

Proposta de ocupação para o andar térreo dos imóveis da região

COMO FICARÁ

A Nova Luz passará por modificações.

No mapa, somente os prédios em cinza ficarão de pé.

As outras áreas coloridas indicam apenas os andares térreos das construções que existem hoje e as futuras ocupações desses locais

Av. Rio Branco

Principal área de comércio, terá suas calçadas aumentadas, uma faixa de veículos suprimida e poderá ter os prédios mais altos da região, com até 60 metros

O que será construído no lugar do que existe hoje

Escritório	Comércio	Escolas públicas e postos de saúde, por exemplo	Entretenimento	Estacionamento	Espacos abertos

O que ficará de pé

Edificios
tombados | Edificios
mantidos |
|-----------------------|-----------------------|

R\$ 150
milhões

é o custo previsto das obras em áreas públicas (praças, parques, calçadas etc.)

88

é o número de imóveis tombados na região. Não podem ser derrubados

Fonte: Prefeitura de São Paulo

Há nesse conflito, mais do que a mudança de uma paisagem, há pessoas, moradores, comerciantes e também viciados em crack, que serão diretamente impactados por esse projeto, que talvez não faça nada mais do que descartar “pessoas rejeitadas” (BAUMAN, 2005) em outro local. Nesse aspecto, a região vem sofrendo com as propostas em torno da revitalização, na qual os ocupantes desse espaço não foram escutados. Além disso, mas também ligado ao projeto, recentemente foi implantado o Plano de Ação Integrada “Centro Legal” que segundo a revista ISTOÉ (05/01/2012, <http://www.istoe.com.br/>) está dividido em três etapas:

A estratégia está dividida em três etapas. A primeira consiste na ocupação policial, cujo objetivo é "quebrar a estrutura logística" de traficantes que atuam na área. Além de barrar a chegada da droga, policiais foram orientados a não tolerar mais consumo público de droga. Usuários serão abordados e, se quiserem, encaminhados à rede municipal de saúde e assistência social. Em uma segunda etapa, a ação ostensiva da PM, na visão de Prefeitura e Estado, vai incentivar consumidores da droga a procurar ajuda. Na terceira fase, a meta será manter os bons resultados. (ISTOÉ, 05/01/2012, <http://www.istoe.com.br/>)

Apesar do que é apresentado pelo plano, o desenvolvimento das intervenções na região da “cracolândia” estão sendo efetuadas de outra maneira, com a utilização de balas de borracha e gás lacrimogêneo como é possível observar em imagens (**Prancha 16**). Além disso, as intervenções na região estão recebendo grandes críticas em relação aos direitos humanos e dos próprios especialistas em dependência química.

A área de habitação foi incluída pois há ainda a suspeita de que a operação tenha como pano de fundo abrir caminho para o projeto Nova Luz, que prevê a revitalização do bairro, mas é atacado por especialistas que por entregar a região à especulação imobiliária. Urbanistas como Raquel Rolnik, professora da FAU-USP, afirmam que o projeto prevê expulsão dos moradores e valorização dos terrenos para serem explorados por grandes incorporadoras e construtoras.

[...]

Especialistas em dependência química vêem a estratégia com ressalvas. Para eles, forçar crises de abstinência pode provocar outras reações nos usuários, inclusive violentas. E estudos mostram que a falta da droga não causa busca por tratamento, pelo contrário. Na fissura, dizem alguns médicos, o usuário não tem discernimento para decidir o que é melhor ou não para ele. (IBCCRIM, 21/01/2012, <http://www.ibccrim.org.br/site/home/home.php>)

INTERVENÇÃO DA POLÍCIA NA CRACOLÂNDIA

PRANCHA 16

fotos: Jefferson Coppola / Marcos Alves / Nelson Antonie / Fabio Braga / Felix Lima

Derivando das duas propostas do governo para o local estão surgindo movimentos de diferentes grupos sociais que buscam discutir, tanto o Projeto Nova Luz, quanto as intervenções que a Polícia Militar vem fazendo na Cracolândia. Dentre essas intervenções sociais e culturais destaca-se o grupo Teatro da Vertigem com o projeto “Cidade Submersa” (**Pranchas 17**), o Churrasco da Gente “Diferenciada” com intervenção de diferentes grupos (**Prancha 18**) e Projeto Baixo Centro (**Prancha 19 e 20**).

A primeira intervenção, Cidade Submersa, explorou o terreno da antiga rodoviária de São Paulo, no coração da Cracolândia, utilizando-se de uma aproximação com a Arqueologia, onde o espaço cênico foi apropriado por um público, assumindo o papel de arqueólogo na procura de questões submersas, como apresenta o release do grupo:

Reconhecer o espaço público em seus contrastes como inevitáveis à coexistência humana, e pensá-lo como um lugar de encontros, disputas, antagonismos e negociações, bem como uma trama de vínculos afetivos entre cidade, arquitetura e indivíduos foram alguns dos motivos que deram "sentido" ao projeto Cidade Submersa.

O espaço da intervenção não tinha proteções de paredes, coberturas ou refúgios. Um espaço vazio - um espaço vazio de construções e a espera de uma próxima: o terreno da antiga estação rodoviária da Luz, no centro da cidade de São Paulo.

Por meio de recursos arqueológicos, a proposta foi criar uma situação lúdica, e ao mesmo tempo séria, para dar visibilidade aos aspectos escondidos da cidade. O ato de escavar a superfície da terra, aliada a uma sensação de um tempo em suspensão, proporcionada pela criação sonora, bem como pela ambientação da iluminação e dos estímulos visuais das projeções de imagens e palavras, teve a intenção de intensificar a percepção dos participantes e levá-los à reflexão. Por meio de recursos arqueológicos, a proposta foi criar uma situação lúdica, e ao mesmo tempo séria, para dar visibilidade aos aspectos escondidos da cidade. O ato de escavar a superfície da terra, aliada a uma sensação de um tempo em suspensão, proporcionada pela criação sonora, bem como pela ambientação da iluminação e dos estímulos visuais das projeções de imagens e palavras, teve a intenção de intensificar a percepção dos participantes e levá-los à reflexão.

"O percurso da pesquisa incitou em nós inúmeras questões "submersas" de nossa cidade. A experiência foi concebida no sentido de fazê-las emergir. Muitas delas ainda reverberam." (TEATRO DA VERTIGEM, 2011, <http://www.teatrodavertigem.com.br/site/index.php>)

CHURRASCO DA “GENTE DIFERENCIADA” DA CRACOLÂNDIA

PRANCHA 18

fotos: Franele Cocco / Piero Tessaro / Keren Chernizon

PROJETO “BAIXO CENTRO” 2012

PRANCHA 19

A segunda intervenção, da qual vários grupos participaram, foi proposta por um morador da região e em protesto a investidas da polícia no local, que segundo participantes do evento: a PM está promovendo a prisão de usuários como traficantes, o que não acarreta nenhum tratamento aos dependentes químicos e também é uma maneira de liberar o espaço para o investimento imobiliário, dado as demolições que foram efetuadas no local (**Prancha 21**).

O terceiro projeto consiste em uma ocupação cultural do centro da cidade, promovendo intervenções em diferentes locais, como usar o espaço abaixo do minhocão para exposição de arte.

Acreditamos que as pessoas possam de fato interagir. Interagir com as ruas, seus vizinhos, os espaços que habitam e transitam. Vivemos nesse ritmo frenético e sem confiança. Simplesmente passando... Nosso potencial humano de convivência, desenvolvimento e transformação embotados, ditados pelo tiritar de um tempo alheio ao bem-viver, numa ambientação mercadológica [...].

Que o projeto BaixoCentro possibilite novos olhares e ações de ocupação em nossos espaços públicos e particulares assim como nas relações estabelecidas cotidianamente. (BAIXO CENTRO, 2011, <http://baixocentro.org/>)

Novamente nos deparamos, ao visualizar o caso das demolições com questões abordadas por Santos (2009a, 2009b) em relação à especulação imobiliária que ocorre em centros urbanos; especulação ligada a essa mobilidade das classes sociais. Ou seja, o centro histórico da cidade de São Paulo está vivenciando o retorno a ele, marcado pela exclusão social e higienização. Como foi o caso da política de higienização contra os catadores empreendida pelo Prefeito Municipal José Serra, seu partido PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o partido PFL (Partido da Frente Liberal) em 2005 (INSTITUTO PÓLIS, 2007).

Mais um dos indicativos da existência de um efeito de rosquinha na distribuição socioeconômica da cidade são os projetos anteriores ao projeto "Nova Luz": "Procentro (1993-2000)", "Reconstruir o Centro (2001-2002)", "Ação Centro (2002-2004)" e "Procentro - 2005 (2005-2008)", todos financiados pelo BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento (INSTITUTO PÓLIS, 2008).

DEMOLIÇÕES NA CRACOLÂNDIA

PRANCHA 21

fotos: Paulo Fisher / Adriano Lima / Luiz Guarnieri / Jefferson Coppola

Há nesses processos de abandono, resgate, exclusão e higienização uma forte semelhança entre os processos de higiene individual, os quais pretendo abordar com maior acuidade nas reflexões e interpretações do capítulo 3. Porém já que chegamos a questão da higiene cabe ressaltar questões históricas da cidade em relação ao tratamento do lixo, já que arqueologicamente lidamos com os descartes e os lixos.

O primeiro relato que expõe as preocupações em relação aos dejetos produzidos na cidade, consta de 1589 uma ordem da câmara que foi exposto por Taunay (2003) em texto intitulado "São Paulo nos Primeiros Anos: ensaio e reconstituição social (1554-1601)":

A 14 de Março de 1589 legislava ela: "Por estar a Vila em perigo de imundices que era perigo do povo", a ordenar que se limpassem dez braçadas de redor dos muros. Devia cada morador executar tal serviço em seus terrenos, sob pena de um tostão de multa e o sequestro dos chãos. (TAUNAY, 2003, p. 127)

Segundo a autora Rosana Miziara (2008), essa preocupação com os dejetos segue curso no século XVII e XVIII, marcado ainda por duas questões o natural e o social: a primeira refere-se a coisas do mundo natural que se encontram em meio ao contexto urbano e, assim, são considerados como imundices; a segunda, o social é a vinculação que se estabelece entre quem realiza a atividade de levar os restos para os locais indicados pela Câmara Municipal.

Na Realidade, a necessidade de limpeza das ruas apoiava-se mais em valores morais e intenções punitivas do que em um ideário sanitário. Quem realizava esse trabalho de recolhimento das sujeiras eram os considerados excluídos da sociedade: negros e mulatas forras e os fora da ordem "presos", estes também vinculados à imagem de dejetos. (MIZIARA, 2008, p. 3)

Não só as questões sociais estavam envolvidas nesse aspecto da relação homem X lixo, bem como o reconhecimento de locais que eram destinados ao descarte eram pejorativamente denominados em meio a paisagem da cidade. Já no século XIX um desses locais era o vale do Anhangabaú como apresenta o historiador Ernani Silva Bruno (1991).

O próprio Anhangabaú recebia os restos dos bois abatidos e atravessava com eles ruas e bairros inteiros. Por outro lado a estagnação das águas no Tamanduateí continuava dando margem a que se formassem em sua várzeas [...] depósitos perigosos de cisco e de bichos mortos. (BRUNO, 1991b, p. 723)

Percebe-se não só que locais próximos estavam sendo destinados ao descarte de dejetos, como a relação desses com as águas da cidade, algo ainda presente na paisagem da cidade de São Paulo em pleno século XXI. Os locais destinados a esses descartes recebiam nomes como "Beco do Mosquito", "Beco do Inferno" e "Beco Sujo" (MIZIARA, 2008), assim como a região onde se encontra a Quadra 090 recebeu os nomes de "Cracolândia" e "Boca do Lixo", demonstrando também o descarte de locais da cidade.

Adentrando o século XIX, a cidade foi vitimada por epidemias o que acarretou o advento das teses higienistas - relacionadas às descobertas de Lavoisier (RIBEIRO, 2005) - e uma maior preocupação dos dirigentes da cidade em relação as imundices.

[...] alguns anos depois - em 1863 - receava-se que a falta de asseio nos quintais da cidade fizesse com que a epidemia de varíola tomasse ainda maiores proporções do que acusava então. (BRUNO, 1991b, p. 729)

Essas questões levaram a ser criado em 1875 e posteriormente ampliado em 1886, um Código de Posturas, tratando entre outros assuntos, da higiene e salubridade pública (MIZIARA, 2008). Assim, inicia-se um processo de afastamento da responsabilidade sobre o lixo com maior veemência e de certo modo diferenciando a prática rural do que seria a prática urbana. Em 1893, esse afastamento da responsabilidade sobre o destino do lixo se intensifica com o início do primeiro serviço de coleta domiciliar, varrição, lavagem das ruas, limpeza de bueiros e bocas-de-lobo, incineração de lixo e limpeza de mercados (MIZIARA, 2008).

Dessa maneira, lixo, pobres, mortos, vacas, bois, indústrias poluentes, operários e habitações coletivas fazem parte do mesmo espaço, daquilo que precisa estar fora do centro da cidade. (MIZIARA, 2008, p. 7)

Assim, se estabelece uma relação de exclusão, de retirada do que é considerado imundo do campo de visão e também a não responsabilização pelo destino do lixo. Nessa gênese chega-se a um retorno a temática da exclusão e como lixo e excluídos parecem ser uma mesma coisa.

Outro aspecto da exclusão relaciona-se à mobilidade urbana, que em São Paulo ganhou grande atenção no mês de Junho de 2013 com os manifestos pelo aumento das passagens de ônibus e metrô (**Prancha 22**). Por mais que a questão do aumento tenha sido levantada nesses protestos, os mesmos estavam reivindicando melhorias na qualidade do transporte público. A questão da mobilidade relaciona-se também as distâncias que são percorridas, como já havia apontado Milton Santos (2009a) em suas análises sobre a cidade de São Paulo. O afastamento em relação ao centro e a necessidade de deslocamento também são fatores geradores da exclusão social.

Anteriormente já apresentei uma questão relacionada à preocupação municipal em torno da infraestrutura para os carros particulares e como essa postura é excludente, considerando que grande parte da população não os possui.

Quando a cidade atinge maiores proporções, no final da década de 1950 e início de 1960, os bondes são eliminados da circulação e seus trilhos retirados ou recobertos de asfalto, de modo a permitir que se pudesse implantar o modelo de desenvolvimento rodoviário que é hoje ainda dominante. Isso parecia aos administradores da época e mesmo a uma boa parcela da opinião pública como um imperativo de progresso. (SANTOS, 2009a, p.29)

Além dessa característica governamental de investimento nas vias, Santos (2009a) indica que isso resulta em uma maior contribuição da população:

[...] o peso da difusão do transporte individual sobre os recursos públicos, na medida em que os automóveis fazem pressão sobre o sistema viário, exigindo mais vias, e consomem mais combustível que os ônibus, trens e metros. Isso resulta em maior contribuição da população como um todo para que uma parcela de privilegiados possa circular: o combustível é subsidiado (gasolina e depois álcool) pelos cofres públicos, por meio de impostos. (SANTOS, 2009a, p.92)

PROTESTOS E MANIFESTAÇÕES CONTRA O AUMENTO DAS PASSAGENS EM SP

PRANCHA 22

1

2

3

Nesse aspecto, o automóvel é também um objeto de exclusão não apenas em termos de consumo, mas também, em decorrência da distribuição de investimentos por parte do poder público que dedicando-se principalmente ao um sistema de desenvolvimento rodoviário, para a grande quantidade de carros, deixa de investir em melhorias de transporte público, encarecendo-o e por sua vez negando ou dificultando a mobilidade, um direito da sociedade à cidade. O conceito de direito a cidade é amplamente discutido pela urbanista Raquel Rolnik⁸ que tem seguidamente apresentado dados importantes sobre a cidade em seu blog, no qual um de seus textos afirma essa priorização de investimentos em transporte rodoviário:

[...] a ruptura com o projeto de mobilidade que tem definido o desenvolvimento de nossas cidades: a lógica do modelo rodoviarista de mobilidade voltada para o automóvel e seu suporte viário, desprezando o transporte coletivo e formas não motorizadas, como bicicleta, e os pedestres. (ROLNIK, 2013a, s/ pag.)

Em outro texto do mesmo blog, publicado em meio às manifestações contra o aumento da passagem de ônibus e metro, a urbanista expõe o posicionamento do Governo do Estado de São Paulo em relação aos protestos:

[...] a postura do governador Geraldo Alckimin desde o início: tratar as manifestações como "caso de polícia", ato de baderneiros e vândalos que impede o direito de ir e vir das pessoas em seus carros. (ROLNIK, 2013b, s/ pág.)

Essa postura de fato cerceia o direito à cidade daqueles que não possuem por opção ou por condições econômicas o tal automóvel, coisa diabólica, como afirmou Pirandello. Assim, o governo está na gênese do desenvolvimento de espaços mortos da cidade segundo a ideia anteriormente exposta pelo urbanista Jorge Wilhelm.

Um automóvel ocupa um espaço 150 vezes maior que um homem confortavelmente de pé, e um carro estacionado, 1500 vezes. Uma pessoa andando ocupa uma área cinquenta vezes menor que um automóvel em movimento. (BOAL apud SANTOS, 2009a, p. 79)

⁸ Textos de Raquel Rolnik em anexo (ANEXO 4);

Ou seja, os 4,6 milhões de automóveis na cidade de São Paulo ocupam um espaço muito maior que sua própria população, criando os espaços mortos, ou transpondo para um conceito da antropologia, não lugares (AUGÉ, 2008). O antropólogo urbano José Guilherme Cantor Magnani fala sobre os não lugares paulistanos com base em trabalhos de pesquisa antropológica desenvolvidos na USP.

Como último exemplo pode ser citado o uso de um equipamento urbano sem dúvida alguma também protótipo de "não lugar": o elevado Costa e Silva, mais conhecido como "Minhocão", via expressa exclusiva para veículos na direção leste-oeste, na região central da capital paulistana. Objeto de polêmica desde sua construção em 1971 por causa dos efeitos de degradação produzidos nas imediações, a partir de 1989 vem sendo usado pelos moradores dos prédios vizinhos, nos fins de semana - quando fica fechado ao tráfego -, como espaço de lazer para caminhadas, passeios de bicicleta, encontros. (MAGNANI, 1998, s/ pág)

Voltamos assim ao "Minhocão", anteriormente citado, e que representaria portanto, um desses "não lugares" que surgem pelo desenvolvimento do trânsito na cidade. Como pontuou o antropólogo urbano, o mesmo vêm a servir como espaço de lazer a sociabilidade, mas apenas quando está fechado para o fluxo de carros. Essa mesma sociabilidade, ao menos de forma pacífica, não existe quando o fluxo de carros está ocupando o espaço, muito também por cada carro só conter o próprio motorista.

Ocupamo-nos desses diferentes olhares sobre a cidade, mesmo que de forma sintética, para também percebermos como os assuntos conversam, confluem e se encontram. A fragmentação da qual esse trabalho se utiliza é também uma fragmentação que se apresenta, numa metáfora com arqueologia, sobre o solo, mas existe um algo comum que se encontra abaixo dele, se nos propormos a escavar e encontrá-los.

Nessa perspectiva, uma arqueologia urbana preocupada com a cidade, e sim, uma museologia (musealização da arqueologia) condizente com essa perspectiva, precisam se inserir nesse contexto de discussão multifocal da cidade, para dar conta de discuti-la de forma crítica. É preciso transitar, utilizar-se da mobilidade de formas híbridas.

1.4 Ciência Social Nômade ou a Intersecção de Caminhos

Já cientes dos olhares específicos da Arqueologia e Museologia sobre a cidade e conjuntamente com os demais olhares cabe apresentar o entrecruzamento desses caminhos. Pois, segundo Gárcia Canclini (2011), as oposições entre popular e massivo e entre tradicional e moderno não conseguem mais dispor de entendimentos da cultura hoje, sendo necessária uma mistura, ou a intersecção de caminhos. Assim, tanto uma Arqueologia Pós-processual quanto a Sociomuseologia, que se servem da interdisciplinaridade, podem ajudar a criar pontos de encontro para uma “Ciência Social Nômade” (GÁRCIA CANCLINI, 2011).

A civilização consiste em dar a qualquer coisa um nome que lhe não compete, e depois sonhar sobre o resultado. E realmente o nome falso e o sonho verdadeiro criam uma nova realidade. O objeto torna-se realmente outro, porque o tornamos outro. Manufaturamos realidades. (Livro do Desassossego, Fernando Pessoa)

Em nosso olhar, nos nossos sonhos mudamos o que está ao nosso redor e o que está em nossa mente. Com as mãos descobrimos objetos, mas outros com a mesma mão põem abaixo um quarteirão, seguindo ideias que estão na mente que experimentou a realidade.

Difícilmente, portanto, nos esquivaremos dos conflitos ao fazermos pesquisas arqueológicas. Se nada está quieto, é preciso efetivamente confrontar o passado e interferir criticamente, junto com as comunidades, nos processos de constituição de identidades culturais que a Arqueologia inevitavelmente promove. (FERREIRA, 2008)

Na perspectiva de uma Arqueologia Pós-Processual (HODDER, 2003) em que a multivocalidade está presente, esquivar-se das problemáticas que envolvem o entorno é esquecer-se de que em arqueologia lidamos com a longa duração e que estamos olhando para o passado com nossas perspectivas do presente.

Metrópole de um país subdesenvolvido industrializado, São Paulo é, certamente, o melhor exemplo, no Terceiro Mundo, de uma situação de

modernidade incompleta. Nela se justapõem e se superpõem traços de opulência, devidos a pujança da vida econômica e suas expressões materiais, e sinais de desfalecimento, graças ao atraso das estruturas sociais e políticas. Tudo que há de mais moderno pode aí ser encontrado, ao lado das carências mais gritantes. (SANTOS, 2009a, p. 15)

Essas também são características de hibridação, tais quais as compreendidas por Néstor García Canclini (2011) em seu livro intitulado "Culturas Híbridas: estratégias para entra e sair da modernidade".

A perspectiva pluralista, que aceita a fragmentação e as combinações múltiplas entre tradição, modernidade e pós-modernidade, é indispensável para considerar a conjuntura latino-americana de fim do século. Assim se comprova [...] como se desenvolveram em nosso continente os quatro traços ou movimentos definidores da modernidade: emancipação, expansão, renovação e democratização. Todos se manifestaram na América Latina. O problema não reside em que não nos tenhamos modernizado, mas na maneira contraditória e desigual com que esses componentes vêm-se articulando. (GARCÍA CANCLINI, 2011, p. 352)

Essa desigualdade no desenvolvimento da modernidade analisada por García para a América Latina, se apresenta também no contexto social da grande metrópole São Paulo. Os temas abordados anteriormente indicam essa desigualdade e as contradições presentes na mesma, inclusive em relação a formação identitária. Sendo que os próprios processos migratórios e globalizantes fazem parte das contradições e desigualdades que se apresentam para a urbe, assim pode-se questionar a própria pureza de uma identidade cultural e territorial, e portanto, inventada. "Entre 1970 e 1980 a região metropolitana de São Paulo acolheu 3.351.600 imigrantes" (SANTOS, 2009b, p. 87), recebendo um contingente de diferentes identidades que vieram a se misturar com as identidades já contidas nesse território.

Essa hibridação cotidiana inserida em um contexto que está sendo analisado como a cidade de São Paulo, necessita também hibridar-se, pois as Ciências e, porque não, discursos apresentam diferentes focalizações.

As ciências sociais contribuem para essa dificuldade com suas diferentes escalas de observação. O antropólogo chega à cidade a pé, o sociólogo de carro pela pista principal, o comunicólogo de avião. Cada um registra o que pode, constrói uma visão diferente e, portanto, parcial. Há uma quarta

perspectiva, a do historiador, que não se adquire entrando, mas saindo da cidade, partindo do seu centro antigo em direção aos seus limites contemporâneos. Mas o centro da cidade atual já não está no passado. (GÁRCIA CANCLINI, 2011, p. 21)

Mesmo que a utilização de uma interdisciplinaridade e multivocalidade também gere uma interpretação parcial, pois a totalidade não pode ser alcançada, a utilização dessa perspectiva permite que ocorra um encontro desses olhares sobre uma mesma temática. Democratizando de certo ponto de vista, ou equalizando o conhecimento de forma que ele possa ser utilizado em diferentes escalas que se estabeleceram na sociedade devido a essa disparidade do desenvolvimento da modernidade.

É necessário demolir a divisão em três pavimentos, essa concepção em camadas do mundo da cultura, e averiguar se sua hibridação pode ser lida com as ferramentas das disciplinas que os estudam separadamente [...]. Precisamos de ciências sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos. Ou melhor, que redesenhem esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente. (GARCÍA CANCLINI, 2011, p 19)

Além disso, fica implícito nessa lógica de ciência social nômade, que estamos lidando com o presente da cidade e não em alguns momentos lidando com o presente e outros com o passado; pois, as interpretações sobre o passado se dão no tempo presente, em referência ao presente. Como indica Michel de Certeau (2011) o passado está fadado a retornar disfarçado, como na análise freudiana de Hamlet, em que a alucinação do fantasma pai representa o passado retornando, mas não mais como antes.

HAMLET: O espírito de meu pai! E armado! Nem tudo está bem; Suspeito de alguma felonía. Queria que já fosse noite! Te contém até lá, meu coração! A infâmia sempre reaparece ao olhar humano, Mesmo que a afoguem no fundo do oceano. (SHAKESPEARE, 1601)

CAPÍTULO 2 – Alguns Vestígios da Urbe

"E muitas coisas antigas certamente ainda estão no solo da cidade ou enterradas sob as construções modernas. Esse é o tipo de conservação do passado que encontramos em lugares históricos como Roma.

Façamos agora a fantástica suposição de que Roma não seja a habitação de seres humanos, mas um ser psíquico com um passado de análoga extensão e riqueza, um ser, portanto, em que nada do que uma vez aconteceu tenha se perdido, em que ao lado da última fase de seu desenvolvimento todas as anteriores continuem existindo." (Sigmund Freud)

Muitas coisas antigas certamente encontram-se no solo ou sob as construções modernas da cidade de São Paulo. Por que aqui deveria ser diferente da cidade citada por Freud? Consideremos as diferenças de contextos históricos e ainda assim teremos algo em comum, a presença de objetos, vestígios conservados no subsolo urbano. Permitindo a metáfora inversa a do psicanalista, temos uma cidade com um passado de análoga extensão e riqueza... nada do que uma vez aconteceu se perdeu; deixou vestígios que continuam existindo.

Não precisamos, contudo, ao inverter a metáfora, deixar de lado o ser psíquico, já que este constitui os indivíduos que estão por trás da produção, consumo, utilização e descarte de objetos, parte integrante do contexto observado pela Arqueologia. Há nesse contexto arqueológico, a presença - não só de continuidades de existência material - de escolhas e ações individuais ou coletivas que constituem a cultura.

Já ciente de que a metáfora usada e a inversa pode ser aplicada a cidade de São Paulo, dado que o território dessa possui um longo tempo de ocupação que deixou vestígios no seu decorrer, em um processo de mutação da paisagem urbana, foi possível acessar algumas dessas marcas passadas que existem no presente. O processo planejado ficou conhecido pelo nome de "Nova Luz" e configurou-se como um plano de reurbanização e requalificação da região do Bairro da Luz, no centro da cidade como já explicitado. Nessa propositura que a Quadra 090 foi, para o advento de uma construção moderna, submetida às mãos dos arqueólogos que nela observaram e coletaram "coisas antigas". Esse trabalho foi desenvolvido pela

empresa Zanettini Arqueologia com coordenação dos arqueólogos Paulo Eduardo Zanettini e Paulo Bava de Camargo como apresentado anteriormente. Assim, esse capítulo destina-se aos dados da pesquisa efetuada no âmbito da empresa, da qual compunha a equipe, e que se apresenta a seguir.

2.1 Procurando Pedacos na Luz

A Quadra 090 está inserida no contexto do projeto de revitalização “Nova Luz” que foi proposto pela prefeitura de São Paulo durante a gestão do Prefeito Gilberto Kassab (2006-2012). Nessa perspectiva esteve inserida a implantação da nova sede do Centro Paula Souza, do Governo do Estado de São Paulo, responsável da administração das Escolas Técnicas e Faculdades de Tecnologia Estaduais, sendo o licenciamento arqueológico contratado pela empresa Engeform Construções e Comércio Ltda e executado pela empresa Zanettini Arqueologia. O projeto denominado “Programa de Prospecções e Resgate Arqueológico Quadra 090, Setor 008 – Perímetro Nova Luz, Município de São Paulo” (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009) aprovado pelo IPHAN, através da autorização federal Processo IPHAN nº 01506.000138/2009-27, esteve sob coordenação geral dos arqueólogos Dr. Paulo Eduardo Zanettini e Dr. Paulo Fernando Bava de Camargo e tendo a frente da coordenação de campo o arqueólogo Dr. Leandro Domingues Duran.

Segundo relatório final desenvolvido pela empresa Zanettini Arqueologia (2010) apresento a seguir a descrição do empreendimento e área alvo de intervenções.

Localização: Quadra delimitada pelas ruas Timbiras, Andradas, Aurora e General Couto de Magalhães, bairro de Santa Ifigênia, Subprefeitura da Sé, Município de São Paulo.

Área alvo de avaliação: 6.882,84 m²

Perímetro da quadra: 329,78 m

Natureza do empreendimento: reurbanização da área na qual se insere a quadra para fins de implantação de edificação (ões) com fins educacionais, estando à mesma em processo de desapropriação e desocupação por parte da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Coordenadas de referência: 23k 332869,43 E // 738505,40 S (*datum* SD 69, centro da quadra)

Prancha 23 Localização da Quadra 090

Ainda segundo Zanettini Arqueologia (2010) a quadra encontra-se em área plenamente urbanizada, tendo processos de antropização há pelo menos dois séculos, sofrendo nas últimas décadas um processo de crescimento e posterior esvaziamento populacional, desvalorização e deterioração. Ocorrendo os trabalhos de diagnóstico não interventivo em 2008, prospecções no segundo semestre de 2009 e resgate juntamente com produção de resultados no primeiro semestre de 2010.

Devido às dimensões da quadra, e com dados levantados através da cartografia histórica e da etapa de diagnóstico não interventivo, foram criadas 11 áreas com características diferenciadas para nortear os trabalhos prospectivos. Nesse aspecto é importante retroagirmos a um histórico cartográfico da quadra, a fim de entendermos os objetivos e a metodologia que foi adotada. Antes de assumir as feições da quadra atual, o terreno compunha parte de propriedade maior como é possível destacar na primeira planta conhecida da cidade de São Paulo de 1764/1775(**Prancha 24**).

Fonte: Foto Aérea 2008, Google Earth

Programa de Prospeções e Resgate Arqueológico - Etapa Resgate
Quadra 090 - Setor 008 (Perímetro Nova Luz)
Município de São Paulo, Estado de São Paulo

Localização

Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico
Quadra 090, Setor 008 (Perímetro Nova Luz)
Município de São Paulo, Estado de São Paulo

Zanettini
ARQUEOLOGIA

1 - Planta da Imperial Cidade de São Paulo, 1765-1774 (REIS, 2004, p. 66-67).
2 - Detalhe da planta com a Quadra 090.

Posteriormente ainda possuindo dimensões maiores que as atuais, em carta de 1810 (**Prancha 25**), a área da quadra 090 agregava-se as terras da Chácara pertencente à Mariana Fortes, estando numa região de transição entre área urbana e rural. Quase 50 anos depois as feições da região passam a modificar com a implantação de ruas e supressão do aspecto rural. Esse seria o período inicial das grandes transformações urbanas da cidade alijadas a um processo de desruralização do entorno central do município, Pateo do Colégio marco de fundação da cidade de São Paulo; como ocorre na construção do Viaduto do Chá. Esse período de transição de uma área semi-urbanizada também pode ser observado na planta 1847, onde, apesar das feições e arruamentos, o local da Quadra 090 encontrava-se nas margens da cidade (**Prancha 26**).

Em 1868 (**Prancha 27**), essas margens se expandem, estando a região da Quadra 090 circundada por áreas urbanizadas e conectadas ao centro propulsor da urbanização. No decorrer dos anos a região começa a ser explorada com moradia, comércio e outros serviços, estando próxima a importantes pontos da cidade como estações de trem e sendo estruturada com um sistema de bondes, transitando posteriormente para o que conhecemos como região central da cidade de São Paulo, circunda pelas Zonas Leste, Oeste, Norte e Sul (**Pranchas 28, 29, 30 e 31**).

Seguindo o que se conhecia sobre o desenvolvimento da região e conforme as características atuais foram propostas 11 áreas para o terreno (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2010).

Áreas Propostas para a Etapa de Prospecção		
Áreas	Características	Trabalhada
1	Estacionamento, anteriormente posto de gasolina;	Não
2	Estacionamento coberto integrado a área 1, sendo uma edificação de galpão possivelmente da 1ª metade do séc. XX;	Sim
3	Estacionamento;	Sim
4	Galpões de meados do séc. XX;	Sim
5	Estacionamento sobreposto à pelo menos 3 lotes;	Sim
6	Conjunto de edificações de caráter vernacular;	Não
7	Edificação ocupada por empresa gráfica com elementos decorativos de caráter vernacular;	Não
8	Edificações em estado de arruinamento distintos;	Não
9	Edificação de dois pavimentos e telhado;	Não
10	Edificação de sete pavimentos e subsolo; incorporada ao projeto do Centro Paula Souza	Não
11	Edificação de três pavimentos em alvenaria de tijolos;	Não

Tabela 1 – Síntese das Áreas Identificadas na Etapa de Prospecção

Programa de Prospecções e Resgate Arqueológico (Etapa de Resgate)
Quadra 090, Setor 008 (Perímetro Nova Luz)
Município de São Paulo, Estado de São Paulo

Zanettini
ARQUEOLOGIA

Fonte: <http://www.fotoplus.com/dph/info20/i-1810.htm>

1 - Planta da Cidade de S. Paulo (1810), indicando a quadra como propriedade de Dona Maria Fortes.
2 - Detalhe da quadra.

Programa de Prospecções e Resgate Arqueológico (Etapa de Resgate)
Quadra 090, Setor 008 (Perímetro Nova Luz)
Município de São Paulo, Estado de São Paulo

Zanettini
ARQUEOLOGIA

Fonte: <http://www.fotoplus.com/dph/info20/i-1847.htm>

1 – Mapa da Cidade de São Paulo e seus Subúrbios (1847);

2 – Detalhe do mapa com a localização da Quadra 90.

Programa de Prospecções e Resgate Arqueológico (Etapa de Resgate)
Quadra 090, Setor 008 (Perímetro Nova Luz)
Município de São Paulo, Estado de São Paulo

Zanettini
ARQUEOLOGIA

Fonte: <http://www.fotoplus.com/dph/info20/i-1847.htm>

- 1 - Planta da Cidade de São Paulo (1868).
2 - Detalhe da quadra já apresentando divisão de lote (compreende as atuais áreas 6 a 11).

Programa de Prospecções e Resgate Arqueológico (Etapa de Resgate)
Quadra 090, Setor 008 (Perímetro Nova Luz)
Município de São Paulo, Estado de São Paulo

Zanettini
ARQUEOLOGIA

Fonte: <http://www.fotoplus.com/dph/info20/i-1881.htm>

Detalhes da planta da Cidade de São Paulo da Companhia Cantareira e Esgotos, de 1881. A junção entre o muro de divisa e o anexo é representada esquematicamente por um traço em forma de "Z". Note-se o muro de divisa de lote da edificação voltada para a rua Aurora, que inviabiliza a associação entre ela e o jardim, pelo menos nesse período.

Programa de Prospecções e Resgate Arqueológico (Etapa de Resgate)
Quadra 090, Setor 008 (Perímetro Nova Luz)
Município de São Paulo, Estado de São Paulo

Zanettini
ARQUEOLOGIA

Fonte: <http://sempia.prefeitura.sp.gov.br/historico/1900.php>

1 – Planta da Cidade de São Paulo (1913).

2 – Detalhe da planta apresentando o bairro de Santa Efigênia e a Quadra 90. Destaque para o esboço de prolongamento da Timbiras e Andradás.

Programa de Prospecções e Resgate Arqueológico (Etapa de Resgate)

Quadra 090, Setor 008 (Perímetro Nova Luz)

Município de São Paulo, Estado de São Paulo

Zanettini

ARQUEOLOGIA

**Mapa Topográfico do Município
de São Paulo – Parte Principal da
Cidade – Folha 51/2.**

Base: levantamento
aerofotogramétrico da empresa
SARA-Brasil, 1928-1934. Escala
original: 1:10000.

Programa de Prospeções e Resgate Arqueológico (Etapa de Resgate)
Quadra 090, Setor 008 (Perímetro Nova Luz)
Município de São Paulo, Estado de São Paulo

Zanettini
ARQUEOLOGIA

Área 1 – Detalhe da Planta da cidade de São Paulo 1973 –
GEGRAM, onde aparece a quadra 090

Essas divisões foram propostas para que os trabalhos de prospecção pudessem ser organizados a fim de saber o estado de perturbação do solo e os possíveis contextos que poderiam ainda estar presentes em subsuperfície. Nesse aspecto as áreas 1 e de 6 a 11 não puderam ser trabalhadas, no caso da primeira devido à presença de tanques de combustíveis, evidente perturbação do solo devido a instalação desses tanques; as demais áreas não foram trabalhadas por questões de segurança dos pesquisadores ou por ainda estarem ocupadas, exceção a área 10 em que a edificação ali presente foi incorporada ao projeto do Centro Paula Souza (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2010).

Foram abertas 31 unidades de escavação com diferentes proporções e profundidades. As unidades foram efetuadas, dentro das possibilidades interventivas, numa malha sistemática. A presença de placas de concreto e asfalto, superfície de grande parte da quadra, forçou o uso de remoção mecânica com retro escavadeira.

O uso de maquinário pesado é justificável devido às características do terreno, e é uma prática comum à Arqueologia Urbana. Esse uso já está presente na arqueologia como é possível observar nos manuais *Moving the Earth: the workbook of excavation* (NICHOLS & HERBERT, 1973) e *Earthmoving machines and their employment on archaeological excavations* (PETCH, 1982). No entanto, ela foi difundida de forma mais ampla nos anos 80 (VAN HORN, MURRAY & WHITE, 1986).

Various types of mechanical excavation devices have been used by archaeologists for decades. Backhoes are commonly used to dig exploratory trenches and bulldozers and road graders to remove overburden or even to reduce the tops of deposits in order to expose multiple features. In fact, probably every type of mechanical digging device has been used by archaeologists at one time or another (VAN HORN MURRAY & WHITE apud ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2010, p. 24).⁹

O uso do maquinário pesado permite um acesso mais rápido às áreas de interesse do arqueólogo:

⁹ Vários tipos de dispositivos mecânicos de escavação foram utilizados por arqueólogos durante décadas. Retroescavadeiras são comumente usados para escavar trincheiras exploratórias e escavadoras e niveladoras para remover detritos ou até mesmo para reduzir os topos dos depósitos, a fim de expor várias características. De fato, provavelmente todo tipo de dispositivo de escavação mecânica tem sido usado por arqueólogos em um momento ou outro.

“[...] the carefully planned archaeological use of mechanized earth moving techniques, including bulldozing, is an established and accepted practice [...] Mechanical earthmoving in archaeology is an accepted means of rapidly removing material which overlies layers identified as of interest to the excavators” (ROSKAMS apud ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2010, p. 25).¹⁰

No Brasil, a utilização de maquinário pesado vem sendo empreendida em trabalhos da empresa Zanettini Arqueologia, como no caso do sítio Pinheiros II na cidade de São Paulo (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2011), onde o subsolo também se encontrava protegido por camadas de concreto e asfalto.

Conformando assim, de modo geral, a etapa de prospecção evidenciou uma grande quantidade de vestígios móveis e estruturas de edificações associadas ao desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo. É possível dizer que grande parte da quadra sofreu alterações concomitantes, devido semelhança dos perfis estratigráficos, pelo menos em seus níveis iniciais (**Prancha 32, 33, 34 e 35**)

Cabe pontuar que foram observados contextos diferenciados na quadra: primeiramente sobre as ocupações que foram tanto de unidades domésticas como de unidades produtivas, que ao que indicou a cronologia relativa (que será apresentada detalhadamente com os dados de análise do acervo), esse período de ocupação iniciava-se na metade do século XIX; na prospecção, portanto, não foram encontradas evidências de períodos anteriores à metade do século XIX, que segundo a cartografia histórica a quadra poderia conter.

O resgate realizado em Fevereiro de 2010, foi planejado, partindo-se de quatro áreas com contextos específicos, onde foi realizada a expansão das unidades de escavação.

¹⁰ O uso arqueológico cuidadosamente planejado de técnicas mecanizadas de terraplanagem, incluindo a demolição, é uma prática estabelecida e aceita. Terraplanagem mecânica em arqueologia é uma forma aceitável de remover rapidamente materiais que se sobrepõe a camadas identificadas como de interesse para os escavadores.

C5 – PERFIL LESTE

CAMADAS

- 1 SEDIMENTO MARROM MARELADO, ARENO-ARGILOSO;
- 2 PAREDE DE TIJOLOS MACIÇOS;
- 3 PISO DE LADRILHO HIDRÁULICO;
- 4 ATERRO DE SOLO;
- 5 CIMENTO E BRITA;
- 6 PLACA DE CONCRETO

A6 – PERFIL NORDESTE

PRANCHA 33

CAMADAS

- 1 SEDIMENTO MARROMAMARELADO, ARENO ARGILOSO;
- 2 FUNDAÇÃO DE ESTRUTURA DE EDIFICAÇÃO EM GRANITO PRETO;
- 3 FUNDAÇÃO DE ESTRUTURA DE EDIFICAÇÃO EM GRANITO PRETO;
- 4 TIJOLOS MACIÇOS;
- 5 ARGAMASSA;
- 6 ATERRO DE SEDIMENTO MARROM AVERMELHADO, ARENOSO ARGILOSO COM MATERIAL CONSTRUTIVO;
- 7 CIMENTO COM BRITA;
- 8 PLACAS DE CONCRETO;

desenho de campo: Rafael de Abreu e Souza (Zanettini Arqueologia)
desenho gráfico: Alexandre Freitas dos Santos

D4 – PERFIL NORTE

PRANCHA 34

CAMADAS

- 1 SEDIMENTO MARROM AVERMELHADO, ARENO ARGILOSO;
- 2 SEDIMENTO MARROM AMARELADO, ARENO ARGILOSO;
- 3 SEDIMENTO MARROM, ARENO ARGILOSO COM PRESENÇA DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO;
- 4 SEDIMENTO MARROM ESCURO, ARENO ARGILOSO COM CONCENTRAÇÃO DE CARVÃO;
- 5 PISO DE CONCRETO COM TRILHOS;
- 6 ATERRO DE SEDIMENTO MARROM AVERMELHADO, ARENO ARGILOSO COM MATERIAL CONSTRUTIVO;
- 7 PISO DE CONCRETO;
- 8 ATERRO DE SEDIMENTO MARROM, ARENO ARGILOSO COM MATERIAL CONSTRUTIVO;
- 9 CIMENTO COM BRITA;
- 10 PLACA DE CONCRETO;

desenho de campo: Rafael de Abreu e Souza (Zanettini Arqueologia)
desenho gráfico: Alexandre Freitas dos Santos

CAMADAS

- 1 SEDIMENTO MARROM AMARELADO, ARENO ARGILOSO;
- 2 PAREDE DE TIJOLOS MACIÇOS;
- 3 SEDIMENTO MARROM AMARELADO COM PRESENÇA DE MATERIAL ARQUEOLÓGICO;
- 4 ATERRO DE SEDIMENTO MARROM ARENOSO COM MATERIAL CONSTRUTIVO;
- 5 PISO DE CONCRETO;
- 6 ATERRO DE SEDIMENTO MARROM ARENOSO COM MATERIAL CONSTRUTIVO;
- 7 PISO LADRILHO HIDRÁULICO;
- 8 ATERRO DE SEDIMENTO MARROM, ARENO ARGILOSO COM BRITA E FRAGMENTOS DE CONCRETO E AZULEJOS;
- 9 PAREDE DE TIJOLOS MACIÇOS;
- 10 ATERRO DE SEDIMENTO MARROM AVERMELHADO, ARENO ARGILOSO COM BRITA E MATERIAL CONSTRUTIVO;
- 11 ATERRO DE SEDIMENTO MARROM, ARENO ARGILOSO COM BRITA;

desenho de campo: Rafael de Abreu e Souza (Zanettini Arqueologia)
desenho gráfico: Alexandre Freitas dos Santos

Área 1

Concentrando os elementos mais antigos exumados da etapa de prospecção, possui também restos de estruturas de edificações, observados na análise cartográfica. Caracterizada pela presença de remanescentes de unidades domésticas.

Área: 1327,55 m²

Tendo em vista a grande dimensão da área e de se tratar de mais de uma edificação, a área foi subdividida em quatro grupos (**Prancha 36**).

Grupo 1: com presença de pisos e poucas estruturas de paredes, além de grandes camadas de aterros de material construtivo, das demolições, e por equipamentos e artefatos abandonados nas edificações anteriormente ali instaladas. Além dessas evidências, com a abertura de superfícies amplas, foi possível identificar na porção mais próxima ao centro da quadra um poço em alvenaria. Conformando assim um *trash-pits* preenchido com descarte, após sua utilização original (**Prancha 37**).

Grupo 2: tendo essa porção da Área 1 uma grande quantidade de paredes e uma baixa frequência de presença de pisos conformando uma área intensamente edificada. No processo de escavação de amplas superfícies foram evidenciadas concentrações de material arqueológico próximo às estruturas de paredes (**Prancha 38**).

Grupo 3: sendo caracterizado pela presença de estruturas arquitetônicas. Ocorreram vestígios do tipo cerâmico e vítreo, esse último em grande quantidade (**Prancha 39**).

Grupo 4: ocorre uma diminuição das estruturas de parede em contraponto a existência de grandes extensões de pisos. Esse horizonte foi identificado, durante a expansão da malha, acarretando o uso do maquinário para abertura de espaços para escavação manual abaixo desses pisos (**Prancha 40**).

A primeira intervenção manual identificada como H4.1 tornou-se uma importante evidência, por ser uma lixeira construída em alvenaria, algo destoante das lixeiras descritas na literatura brasileira sobre o assunto. Essa estrutura apresentou principalmente vidros com alto grau de integridade. Na sequência, outra lixeira, também em alvenaria foi encontrada, porém, com proporções maiores que a anterior sendo englobada pelas intervenções H5.1, H5.2, H5.3, H5.4, H5.5 e H5.6, contendo ampla variedade material e presença de ossos e ostras *Crossostrea sp.* com integridade alta. Uma terceira lixeira foi identificada, no entanto, essa se caracterizando como outras lixeiras já descritas na literatura, como por exemplo, nos trabalhos de Tocchetto (2010) e Symansky (1998); sendo essa caracterizada por um buraco na terra preenchido com lixo, recebendo a denominação de H6.1.

Área 2

Estrutura de jardim, espaço único avaliado durante a prospecção, tratando-se da porção mais bem preservada do terreno, possivelmente associada à edificação de unidade doméstica com embasamento em rocha.

Área: 354,73 m² (**Prancha 41**)

A área diagnosticada na prospecção como um possível jardim, ao contrário de outros contextos da quadra, possuía vestígios arqueológicos menos profundos, solicitando um trabalho com maquinário pesado menos intrusivo, liberando a área das placas de concreto e asfalto que a recobriam. Foi possível identificar um jardim com grandes dimensões, com a presença de áreas de circulação e espaços “vazios” delimitados por tijolos. Além disso, identificou-se uma estrutura de tanque em forma de oito de cimento revestida com pequenas conchas brancas.

No que concerne à cultura material exumada, no contexto superficial do jardim foram coletadas cerâmicas vidradas e em contexto sub-superfície louças, vidros e ossos.

Área 3

Definido como uma unidade produtiva.

Área: 246,38 m² (**Prancha 42**)

Nos trabalhos de prospecção, foram identificadas estruturas de edificação do tipo galpão, caracterizado por amplo espaço com cobertura e com piso de tijolos com pilares centrais. Além disso, a UE F8 caracterizou-se como um buraco intencionalmente empreendido, posteriormente sendo preenchido com material osteodontomalacológico, instrumentos de ferro e outros vestígios. Na atividade de evidênciação do piso de tijolos foi identificada uma base de pistão hidráulico com inscrições em inglês, *hydraulic system* indicando sua função, além da inscrição mal conservada *Cleveland* (apenas as quatro últimas letras eram plenamente visíveis).

Área 4

Caracterizou-se pela presença de alicerces de pedra, incomuns à prática construtiva paulista, dominada pelo uso de tijolos. Possivelmente uma unidade doméstica associada ao jardim citado na Área 2.

Área: 473,48 m² (**Prancha 43**)

Relacionada apenas à edificação com fundações de pedra, a área foi descoberta das camadas de placas de concreto e asfalto identificando-se assim fundações em tijolos, que, apesar da diferença tecnológica faziam parte do mesmo projeto arquitetônico dos embasamentos anteriormente observados. Além disso, com a evidênciação das estruturas da edificação foi possível relacionar a mesma ao jardim identificado na Área 2. Assim tínhamos um projeto arquitetônico que deu atenção não apenas para a estrutura da casa, mas a seu quintal/jardim, com um projeto paisagístico.

Prancha 44, 45, 46, 47 e 48

Programa de Preservação e Recuperação Arqueológica - Museu Histórico
 Arqueológico do Estado de São Paulo
 Município de São Paulo, Estado de São Paulo
 Planta geral das estruturas edificadas e das sondagens
 arqueológicas realizadas

2.2 Pedacos Exumados

“Os museus não valem como depósitos de cultura ou experiência acumulada, mas como instrumentos geradores de novas experiências e renovação da cultura”
(Carlos Drumond de Andrade, 1975)

É nesse aspecto que devemos pensar também nossos trabalhos em Arqueologia e o que está envolvido a eles. Quando expresso a palavra “envolvimento” me refiro às questões ligadas à preservação, diretamente ligada à curadoria. A curadoria é, como afirma Bruno (1995, p. 232), “o ciclo completo de atividades relativas ao acervo, compreendendo a execução e/ou orientação científica” que destinamos à preservação, não para uma manutenção funcional, mas para a possibilidade de gerarmos novas experiências.

Preservar está intrinsecamente ligado às questões éticas da Arqueologia, “Archaeologists have an ethical obligation to preserve the data they collect during archaeological projects for future generations.” (SHA, 1993, p. 1).¹¹ Para que a curadoria seja aplicada de forma eficaz a um projeto de arqueologia, devemos levar em consideração não apenas os acervos materiais:

Archaeological Collections are comprised of several components, including but not limited to artifacts, environmental and dating samples, field documentation, laboratory documentation, photographic records, related historical documents, and reports. (SHA, 1993, p. 1)¹²

Se levarmos em consideração todas as documentações concernentes ao projeto, devemos ter como pressuposto que a curadoria seja pensada desde o início do planejamento de campo como um “*integral element of the archaeological process and refers to the long-term management and preservation of archaeological*

¹¹ Os arqueólogos têm a obrigação ética de preservar os dados coletados durante projetos arqueológicos para as gerações futuras.

¹² Coleções Arqueológicas são formadas de vários componentes, incluindo, mas não limitadas a artefatos, amostras de meio ambiente e datação, documentação de campo, documentação de laboratório, registros fotográficos, documentos históricos relacionados e relatórios.

materials and their associated documentation” (SHA, 1993, p. 1)¹³. No entanto, a curadoria vai além dos trabalhos de arqueologia, pois deve se caracterizar como um processo contínuo, ligado também as futuras instituições de salvaguarda desses acervos arqueológicos e documentais. Essa perspectiva também deve ser levada em consideração, para processos de pesquisa como a história do artefato em si, uma das perspectivas abordadas pelas novas tendências da arqueologia.

Além disso, estamos, segundo os conceitos de Schiffer (1995), exumando vestígios do “contexto arqueológico” e os recolocando em um “contexto sistêmico”, o que acarreta um sistema curatorial eficaz para a preservação. Já que também estamos interferindo no contexto arqueológico (SCHIFFER, 1995) e na matriz de sustentação (CALDARELLI, 2007) do mesmo. Assim, a curadoria possui uma cadeia operatória própria, como a museologia (BRUNO, 2007) e como a arqueologia. Além disso, como a arqueologia vem inserindo em sua cadeia operatória a questão comunicativa, pelo menos desde as perspectivas e críticas apontadas por Hodder (2003), é de suma importância entendermos a cadeia operatória curatorial como inserida num aspecto mais amplo do que apenas as pesquisas de campo em arqueologia. Essa também é uma maneira de evitarmos uma divulgação do conhecimento circunscrita entre pares (BRUNO, 2005, p. 237), possibilitando uma acessibilidade mais ampla ao acervo arqueológico e documental, que segundo a legislação brasileira é direito de todos os cidadãos. Também devemos levar em consideração que projetos mal delineados frente à curadoria e à comunicação dos conhecimentos estão colocando acervos em reservas técnicas, deixando-os sem utilidade social, criando um abandono, quase como recolocar esses acervos em um contexto arqueológico (SCHIFFER, 1995).

A seguir apresento um quadro esquemático da inserção da cadeia operatória curatorial na cadeia operatória arqueológica e de preservação/comunicação:

¹³ elemento integrante do processo arqueológico e refere-se à gestão a longo prazo e preservação de materiais arqueológicos e sua documentação associada.

Figura 1 – Cadeia Operatória da Curadoria Arqueológica

Nessa perspectiva de inserções que identifico a importância da formação do arqueólogo, a ética envolvida em manipular objetos e produzir uma documentação adequada como um dever frente à sociedade.

No que concerne ao acervo e documentação gerada no âmbito do “Programa de Prospeções e Resgate Arqueológico Quadra 090, Setor 008 – Perímetro Nova Luz, Município de São Paulo” (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2010), do qual participei do processo curatorial, que utiliza as diretrizes da SHA (1993) e que vem sendo aprimorado na *práxis* do processo, o acervo exumado passou pelos seguintes procedimentos:

Limpeza do Material: o acervo exumado é submetido à lavagem ou limpeza mecânica a seco, de acordo com a categoria artefactual e de seus estados de conservação. Cerâmicas, louças, vidros e materiais construtivos são lavados com procedimento específico. Fragmentos cerâmicos são escovados apenas nas fraturas, evitando a formação de estrias artificiais que dificultariam as análises das superfícies. Ossos e metais recebem uma limpeza mecânica para não acelerar seus processos de decomposição ou ferrugem.

Recipientes com conteúdos internos presentes foram lavados na parte externa e após os resíduos internos serem recolhidos e reservados para futuras análises químicas, receberam a lavagem interna. Na impossibilidade da retirada dos resíduos sem a danificação dos objetos, os mesmos permaneceram no interior dos recipientes.

Triagem e Numeração: as peças foram dispostas em bancadas de acordo com sua proveniência para a triagem e numeração. Cada conjunto de peças provenientes de uma mesma intervenção e nível recebem um número de lote e posteriormente as peças abrangidas pelas categorias de cerâmica, louças, vidros, polímeros, têxteis, metais (quando identificáveis), osteodontomalacológicos (relevantes) e construtivos (relevantes) recebem um número individual. Peças com menos de 15mm e demais peças em metal, osteodontomalacológicos e construtivos não recebem numeração individual sendo identificados apenas pelos lotes. As peças numeradas individualmente recebem uma camada de esmalte incolor na superfície, posteriormente é feita a numeração seqüencial precedida pela sigla do sítio Q90, feita com tinta nanquim (branca ou preta de acordo com a coloração da peça) e finalizada com uma segunda mão de esmalte incolor. No caso dos metais, osteodontomalacológicos e algumas peças com menos de 15 mm (bases, bordas, decoradas ou com inscrição) a numeração ocorreu em etiquetas de papel acondicionadas em saquinhos plásticos (**Prancha 48**).

Documentação: Com o uso de planilha de controle do acervo e fotografias gerou-se uma documentação que facilita o acesso ao acervo e a busca de peças.

Análise: o acervo recebe análises pormenorizadas de acordo com os questionamentos da pesquisa e as categorias artefatuais. No que concerne ao acervo da Quadra 090, priorizou-se a análise das louças e vidros como será descrito mais adiante.

Remontagem: para esse processo é utilizada cola branca neutra, não prejudicial à conservação dos objetos. Esse processo é importante para a etapa anterior, pois permite identificarmos dinâmicas da formação do registro arqueológico além do cálculo de número mínimo de recipientes. Quando a remontagem ocorreu com fragmentos de lotes diferentes é adicionada à planilha de curadoria a informação de qual lote a peça foi acondicionada.

Acondicionamento: após as etapas anteriormente descritas, as peças são acondicionadas em sacos plásticos com etiquetas de identificação também acondicionadas em pequenos sacos plásticos, evitando o contato direto entre elas. Posteriormente o acervo foi acondicionado em caixas, dividido por tipos de materiais e pesos.

Esses procedimentos foram efetuados de forma a promover a conservação do acervo e assim permitir a sua preservação. No entanto, para a preservação é necessário que ocorra interação. Segundo Ferreira (2008, p. 86) “As relações sociais não se dão simplesmente entre pessoas e grupos; elas sempre envolvem artefatos” e se queremos de fato estabelecer uma relação comunicacional, relação social, estamos frente a um privilégio da Arqueologia. Assim, um sistema curatorial eficaz irá permitir que essa relação social se estabeleça.

Desse modo, o acervo total da Quadra 090 apresenta 13006 peças arqueológicas das quais 49% são peças diagnósticas e o restante não diagnóstico. Cabe salientar que os materiais construtivos compõem as peças não diagnósticas, bem como osteodontomalacológicos que não conformam utensílios sendo apenas resíduos de alimentação. No gráfico a seguir é possível vislumbrar a composição do acervo geral:

Gráfico 1 – Composição do Acervo da Quadra 090, Zanettini Arqueologia (2010)

O acervo geral ainda apresenta uma pesagem, para os materiais osteodontomalacológicos, de 42,376Kg de ossos e 6,288 Kg de conchas. Além disso, parte do acervo é selecionada durante o processo de análise, conformando uma amostra denominada de coleção de referência, a qual serve como instrumento de futuras socializações do acervo. Essa coleção de referência é composta por 99 conjuntos (remontagens) e 504 peças individuais.

Mesmo os dados de curadoria servindo como base preliminar das análises de material, algumas peças passaram por análise pormenorizada tanto quantitativa quanto qualitativa.

A análise constitui uma importante parte da compreensão do contexto arqueológico. Os objetos exumados associados à sua localização no espaço nos trazem compreensões das ações humanas: o que os fizeram chegar até os locais onde foram encontrados pelas mãos dos arqueólogos. Os objetos falam sobre como eram as pessoas que os portaram, transgredindo o estado de inanimados, com agências (BOURDIEU,1996) em relação às agências de seus portadores. Mais do que isso, no momento em que são colocados novamente em um contexto

sistêmico, tomam novos significados, deixando de ser passado e tornando-se uma presença pretérita no presente. Nesse aspecto que a leitura que fazemos deles é uma parte integrante da relação presente que o observador tem com o mesmo.

No mundo em que vivemos conseguimos fazer falar tantas coisas! Como conseguimos? Justamente graças ao mecanismo [...] pelas perguntas que fazemos a elas. Claro que esquecemos que somos nós quem as fazemos. Todas as coisas falam, e estamos inclusive vendo, faz algum tempo, um pequeno frêmito lá no fundo dos átomos, essas curiosas coisas cujos os nomes se multiplicam: nêutrons, mésons etc. Tudo isso sonha em responder às nossas perguntas, loucamente até! (LACAN, 2008, p. 59).

Através dessa relação que se estabelece entre os objetos e o observador que os questiona, forma-se um diálogo compreendido de forma individual, particular. No entanto, a interpretação, a este relativismo do princípio da fenomenologia frente à essência do objeto, está a salvo através do uso do discurso (FOUCAULT. 2007): criamos uma essência comum ao objeto como símbolo, mesmo perante a um grupo que partilha dos mesmos discursos em suas estruturas culturais, mas que percebe essas peças de maneiras distintas.

Assim, a análise arqueológica da cultura material possui em seu cerne a busca de símbolos desses objetos, que geram os dados para a compreensão do contexto observado. Buscamos dados através do *habitus* (BOURDIEU, 2009) da estrutura que estamos inseridos como arqueólogos, o que acarreta que nossas percepções e discursos sobre esses pedaços não serão os mesmos que a de indivíduos inseridos em outros *habitus*, premissa já percebida por Hodder, a exemplo, em suas escavações na Turquia. Isso novamente nos relembra da questão da análise desses resíduos do passado ocorrer frente às perspectivas do presente.

Tomando como base essas premissas que considero importantes para expressar os parâmetros utilizados nas análises do acervo material, permitindo a outros observadores o ponto de partida até impressões pessoais. Na arqueologia histórica, alguns manuais sobre a análise trazem à tona esse *habitus* da extração de dados e somo-me a eles nessas análises, buscando nos objetos características que já foram buscadas por outros observadores de objetos próximos aos que observo.

Como pontuou Lacan, “lembro que o símbolo talvez tenha essencialmente um valor de relação” (2008, p. 48), assim apresento seguir os parâmetros de análise que foram utilizados.

Os procedimentos de análise consistiram em:

- Separação dos itens construtivos daqueles considerados “utensílios”.
- Triagem preliminar por matéria prima;
- Triagem amostral de artefatos específicos para análise pormenorizada;
- Análise dos utensílios por universos de práticas cotidianas (Alimentação; Higiene pessoal, saúde e toucador; Utilidades Domésticas, manutenção da casa; Trabalho; Lúdico)
- Estabelecimento de funções presumidas de alguns artefatos; (Vidros associados a forma, (**Anexo 2**)
- Construção de barras cronológicas para artefatos indicadores temporais;
- Integração dos dados;

Como demonstrado anteriormente, os dois primeiros pontos da análise foram efetuados ainda durante os procedimentos curatoriais. Posteriormente a cultura material foi examinada a partir das esferas de ação, caracterizando os universos de práticas cotidianas. Nesse aspecto, partindo dos pressupostos de Tânia Andrade Lima (1985, p. 11) segundo a qual:

... os sistemas classificatórios concebidos para os objetos recuperados em sítios históricos devem transcender os aspectos meramente formais, sob o risco de serem construídas falsas categorias, totalmente diferentes das que foram criadas pelo grupo estudado. Para que não se transformem em exercícios estéreis, como resultados duvidosos, as tipologias devem ter como base critérios tecnológicos, estilísticos e funcionais, fundamentados em sólidas quantificações.

Assim os objetos, também não foram analisados primordialmente com base em questões de *status* socioeconômico - principal questão de grande parte das pesquisas arqueológicas históricas – não excluindo, no entanto, inferências em

relação a *status* social e diferenças identitárias dos ocupantes da Quadra 090. Essas análises tradicionais, providas da arqueologia histórica processualista foram criticadas por Therrien (2006), já que a complexidade das formas de aquisição, produção e consumo de objetos é aberta, principalmente após o sistema de fábricas e produtos industrializados. As críticas a essas abordagens são evidentes em Monks (1999) e na sociologia, antropologia e historiografia critica aos efeitos de *trickle down* (BARBOSA, 2004).

Partindo desses pressupostos as análises ocorreram de forma amostral, priorizando objetos advindos das intervenções que se encontravam no interior das áreas, mais especificamente do entorno das casas, locais de descarte e unidades de produção. Nesse aspecto ocorreu uma pré-seleção de artefatos que possibilitassem uma maior qualidade de dados e informações, tendo em vista que arqueologia é uma ciência amostral por essência. Os artefatos foram então selecionados segundo alguns atributos funcionais, morfológicos e decorativos. A tabela a seguir sintetiza a seleção efetuada para as análises pormenorizadas:

Matéria Prima	Seleção
Cerâmicas e Louças	Bordas, Bases, Paredes decoradas e em casos de remontagens foram incluídas paredes sem decoração.
Vidros	Bases, Gargalos, Bordas, Paredes com inscrições e em casos de remontagens foram incluídas paredes sem inscrições.
Metais, Polímeros e Têxteis Osteodontomalacológicos	Quantificados durante a curadoria e interpretados de forma qualitativa.
Osteodontomalacológicos	Análisados por especialista na área, apenas o material provindo da etapa de prospecção, tendo o material advindo do resgate sido apenas quantificado e pesado.

Tabela 2 – Síntese do Processo de Análise

Como já expresse anteriormente, a interpretação procurou ultrapassar esses limites impostos pelas matérias primas, focando-se nos meios onde os objetos circularam e agiram (LUCAS, 2001). Essa percepção é de suma importância, pois objetos de uma mesma matéria prima podem circular em esferas do cotidiano diferentes.

Assim os objetos foram submetidos a uma ficha de análise baseada na compreensão da matéria prima, mas ultrapassando esse aspecto foram considerados em universos de ação e uso, compreendidos da seguinte maneira:

Alimentação: artefatos associados à esfera do consumo, produção, armazenamento e transporte de alimentos e bebidas;

Higiene Pessoal, Saúde e Toucador: artefatos ligados aos cuidados com o corpo, tanto em termos higienistas como estéticos, além de artefatos ligados a produção desses;

Lúdico: artefatos associados ao lazer e ao brincar;

Utilidades domésticas e Manutenção da casa: associados aos cuidados com a casa, utilidades e mobiliário;

Trabalho: artefatos da esfera de produção e de trabalho;

Os pedaços do passado exumados da Quadra 090 trazem à tona alguns detalhes sobre as ocupações que ali existiram. A saber, tratarei das intervenções denominadas como Poço, Lixeira H5, Lixeira H4.1 e Bolsão de Lixo H6.1 todas da Área 1 e do acervo das Áreas 2, 3 e 4.

2.2.1 Área 1

Essa área constitui a amostra mais densa do sítio arqueológico e com contextos específicos, como as lixeiras construídas em alvenaria. Ao que tudo indica essa área tratava-se de uma grande edificação que foi sofrendo modificações no decorrer dos seus usos. A descrição dos dados obtidos através da análise do acervo podem elucidar esses usos e transformações.

Poço

Com 1,04m de diâmetro e 2,80m de profundidade, foram exumadas do interior do poço 545 peças arqueológicas, distribuídas conforme gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Acervo por matéria prima Poço Zanettini Arqueologia (2010)

Depois de seu período de utilidade como poço o mesmo passou a ser preenchido com lixo, prática observada em outros contextos já descritos por Bostwich (1980), Barber (1976), Denton & Gardner (1983). Essa ação acaba caracterizando o poço como uma lixeira em alvenaria, como as outras encontradas no contexto da Quadra 090, Lixeira H4.1 e Lixeira H5. No entanto, o mesmo pode ter perdido sua função e assim ter sido preenchido com lixo, o que também não difere muito da primeira hipótese. Do total de peças, excluindo o acervo osteodontomalacológico, foram analisadas 173 peças, principalmente de vidros e louças. A seguir o gráfico com as formas/funções identificadas:

Gráfico 3 – Formas Louças e Cerâmicas, Resgate, UE Poço Zanettini Arqueologia (2010)

Gráfico 4 – Formas Vidros, Resgate, UE Poço Zanettini Arqueologia (2010)

Muito provavelmente o poço passou a ser usado como lixeira num período próximo do término do uso da edificação como moradia. A quantidade de peças encontradas em relação ao volume do poço é muito inferior ao de outras lixeiras da

quadra. Há grande quantidade de sedimento junto ao descarte, para supressão dos odores causados pela decomposição da matéria orgânica.

Como o poço não se encontrava em uma área especificamente voltada para o descarte do lixo, esse controle dos odores ocorreu de forma mais profícua que das demais lixeiras, pois estava associado a uma área de lazer ou até mesmo de passagem continua dos residentes da casa. No entanto, é possível perceber algumas escolhas referentes aos objetos ali encontrados, escolhas diretamente ligadas às teses higienistas vigentes; a presença da bacia em ágate é um exemplo dessas escolhas, sendo mais durável que outros materiais e possuindo esmalte na superfície como as louças. Os gráficos acima estão mostrando o número de fragmentos presentes na amostra, no entanto, é possível apresentarmos um número mínimo de objetos para a amostra do poço.

Utensílio	Nº Mínimo
Garrafas	7
Copo	3
Taça	3
Malga	2
Xícara	3
Prato	10
Penico	2
Tigela	2
Frascos	5
Moringa	2
Bacia (ágate)	1
Tinteiro (vidro)	1

Tabela 3 – Número mínimo UE Poço Zanettini Arqueologia (2010)

A presença de uma moringa no acervo pode estar associada, em contraponto às práticas anteriormente descritas, a uma manutenção ou sobrevivência de práticas tradicionais, ligadas a utilização de objetos cerâmicos, tão caros a contexto colonial da cidade de São Paulo.

Como já observado no gráfico de quantidades por matéria prima, as faianças finas aparecem como o segundo tipo em quantidade, essas possuindo decorações que se distribuíram conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Decorações louças, Resgate, UE Poço Zanettini Arqueologia (2010)

O trigal também está associado a uma evasão da decoração nas caldeiras dos pratos (SOUZA, 2010), do espaço destinado ao alimento, reforçando as práticas relacionadas à higiene, uma vez que melhora a visualização de sujeira; além de ser um padrão decorativo com menos variações o que possibilitava a fácil substituição de um objeto quebrado por outro. A barra cronológica gerada a partir dos dados decorativos das louças nos mostra que o refugio do poço localiza-se na segunda metade do século XIX, não podendo ter ocorrido antes de 1868 que, segundo a cartografia histórica, indica a impossibilidade da existência do poço antes dessa data.

Gráfico 6 – Cronologia UE Poço Zanettini Arqueologia (2010)

Com a barra podemos perceber as questões relacionadas ao acesso e ao consumo desses bens, já que um dos indicadores possui seu término de produção anterior à presença do poço. Além disso, é possível observar a presença de marcador cronológico com data inicial de 1880, assim o descarte no poço possivelmente ocorreu passado o século XIX. Uma vez que o indicador com maior quantidade adentra o século XX, quanto a sua produção, e a decoração na técnica de decalcomania é do final do oitocentos.

Ao voltarmos a atenção novamente à tabela de número mínimo, deparamo-nos com um amostra relacionada principalmente ao Universo da Alimentação, seguido pelo Universo da Higiene Pessoal e Toucador. Essa referência é importante para relacionar o poço a um descarte de contexto doméstico, pela predominância desses indicadores, não que na mesma edificação não pudesse ter existido outros contextos, mas esse espaço estava relacionado à vida doméstica (**Prancha 50 e 51**).

Lixeira H4.1

Com dimensões de 1,25x1,04x0,8m, a lixeira construída em alvenaria, possuía um total de 1457 peças com boa integridade: peças inteiras ou que possibilitaram a remontagem quase total, tendo a seguinte distribuição material:

Gráfico 7 – Acervo por matéria prima Lixeira H4.1 Zanettini Arqueologia (2010)

UNIDADE DE ESCAVAÇÃO POÇO

PRANCHA 50

fotos: Zanettini Arqueologia

MATERIAL ARQUEOLÓGICO UNIDADE DE ESCAVAÇÃO POÇO

PRANCHA 51

fotos: Zanettini Arqueologia

A grande quantidade de vidros em relação às demais matérias primas associa a lixeira a questões de higiene e saúde, (relaciona-se a um boticário ou farmacêutico). Apesar dessa especialização, a lixeira também foi utilizada para descarte de objetos relacionados ao universo da alimentação. As louças, por exemplo, apresentaram a seguinte distribuição formal:

Gráfico 8 – Formas louças e cerâmicas, Resgate, H4.1 Zanettini Arqueologia (2010)

Gráfico 9 – Formas vidros, Resgate, H4.1 Zanettini Arqueologia (2010)

Outras unidades de escavação próximas, UE D4 e UE G4 apresentaram fragmentos de vidros de microscópio, além da UE F4 onde se exumou um fragmento de copo graduado. A tabela a seguir apresenta, os números mínimos presentes nessa lixeira:

Utensílio	Nº Mínimo
Garrafas	91
Copo	27
Tampa (vidro)	1
Xícara	2
Tigela	3
Tampa	1
Prato	24
Penico	1
Pote	5
Prato Sobremesa	2
Tinteiro	3
Frascos	61
Garrafa de Licor	1
Artefatos de farmácia	13

Tabela 4 – Número mínimo Lixeira H4.1 Zanettini Arqueologia (2010)

Associado ao universo da alimentação ainda temos a presença de 13,57Kg de ossos e 1,206 de Ostras (*Crassostrea* sp.). As louças usadas como suporte do alimento dentro das práticas higienistas implicam também numa cronologia para a lixeira, segundo as decorações presentes na amostra.

Gráfico 10 – Decorações louças, Resgate, H4.1 Zanettini Arqueologia (2010)

Esses dados foram inseridos na barra cronológica apresentando a seguinte configuração:

Gráfico 11 – Cronologia Lixeira H4.1 Zanettini Arqueologia (2010)

Assim o ano mais recuado para o início da formação desse contexto é 1860, o fim da utilização da lixeira torna-se um tanto impreciso, já que também foi retirado do local um pente de plástico, destoando das cronologias propostas através das louças. Essa questão também parece ser incerta devido à presença de indicadores da primeira metade do século XIX, estando associados possivelmente aquilo que Schiffer (1976) chamou de ciclagem lateral (*lateral cycling*) ou ainda associadas a um processo de conservação e permanência.

O que está claro, é que nos Universos de Ação e Uso presentes nesse contexto - Alimentação, Higiene Pessoal e Toucador e Trabalho - é que o mesmo servia como unidade doméstica e produtivo/comercial, devido a presença dos objetos de laboratório (**Prancha 52 e 53**)

Lixeira H5

Construída em alvenaria de tijolos maciços com as dimensões de 6,30x1,40m, tendo nas extremidades a profundidade de 0,8m e no ponto central de 1,30m, essa lixeira apresentou uma grande quantidade de material totalizando 4109 peças. Essa grande densidade de material foi exumada em meio a um sedimento marrom escuro com sedimento branco, esse último poderia ser cal ou cinza de carvão, utilizado para a supressão de odores (WHEELER, 2000, P. 12). Ressalta-se a presença de lixeiras semelhantes, no Caribe, conhecidas como “letrinas”, lixeiras de alvenaria que compunham cômodos das residências (ROMERA & CASTRO, *no prelo*), assim como alguns exemplos norte-americanos onde latrinas foram reaproveitadas como lixeiras (HECK & BILICKI, 1996; WHELLER, 2000; BUSH, 2000). O gráfico a seguir apresenta a distribuição das peças exumadas por matéria prima:

Gráfico 12 – Acervo por matéria prima, Lixeira H5 Zanettini Arqueologia (2010)

UNIDADE DE ESCAVAÇÃO H4.1, LIXEIRA

PRANCHA 52

fotos: Zanettini Arqueologia

A enorme quantidade de vidro, representada principalmente por garrafas, muito superior à quantidade de louças, pode indicar um poder aquisitivo específico, uma vez que podiam estar sempre consumindo vidro, não havendo necessidade de re-uso. Congregando-se a esse aspecto a presença de uma clarineta e um óculos também são indicadores do poder aquisitivo dos ocupantes dessa casa. Outro material com grandes quantidades são os vestígios orgânicos com 13,57Kg de ossos e 1,2Kg de conchas do gênero *crassostrea* sp., além dos fragmentos de casca de ovo observados em campo.

Assim como a Lixeira H4.1 a integridade do material é grande, permitindo em muitos casos a remontagem mesmo que não integralmente. Considerando que a lixeira consiste em um refugo secundário e que a mesma foi totalmente escavada, essas remontagens incompletas podem estar indicando que ocorria com frequência um esvaziamento, mas que não ocorria inteiramente, fazendo com que partes de um objeto permanecessem ali e partes fossem descartadas em outro local. Um exemplo disso são os fragmentos de *Black Basalt*, ambos de objetos diferentes e sem possibilidade de remontagem.

As louças que totalizam 545 peças apresentaram a seguinte característica:

Gráfico 13 – Morfologia dos artefatos por Matéria Prima, Louças, H5 Zanettini Arqueologia (2010)

Nota-se o predomínio de pratos e xícaras, no entanto, essas duas formas possuem notada diferença frente à matéria prima de produção. Essa diferenciação está associada a interações sociais diferenciadas, estando os pratos em faiança fina (mais barata) associada às refeições em família, suscetível assim a maior uso, transporte e, portanto, quebra e descarte; enquanto as xícaras transitam no cerne de cerimoniais e ritualizações de socialização, necessitando de um refinamento e, assim, sendo em porcelana (mais cara). Outra forma presente, que devemos dar atenção, a malga que segundo Symansky (1998) e Souza (2010) no decorrer do século XIX e primeira metade do XX são associadas a um consumidor com *background* cultural mais rural, colonial, hábito que passa a ser combatido nos discursos de modernidade, que estão em crescimento na São Paulo do período. Souza (2010), conclui, que essa forma é preferencialmente consumida por grupos mais pobres, operários, mamelucos, trabalhadores livres e pequenos comerciantes onde o “padrão burguês de comportamento” não tinha sentido em suas expressões identitárias. Com 678 peças analisadas foi possível chegar a seguinte contagem de números mínimos:

Utensílio	Nº Mínimo
Garrafas	53
Copo	27
Cálice Licor	1
Cálice	2
Vasos	8
Tampa (Vidro)	4
Prato	34
Tigela	10
Pote	26
Prato Sobremesa	26
Malga	7
Frascos	71
Garrafa (Grês)	1
Xícara	35
Penico	8
Tinteiro	1
Tampa	6
Sopeira	1
Jarra	2
Bule	1
Pires	3

Tabela 5 – Número mínimo Lixeira H5 Zanettini Arqueologia (2010)

O número mínimo é bastante elevado o que indicaria que a lixeira não se refere ao refugio de uma unidade doméstica, podendo referir-se a outros contextos de unidades domésticas plurifamiliares, pensão, hotel entre outros. Esse contexto, pela quantidade material assemelha-se ao contexto de institutos como, sítio arqueológico Instituto Bom Pastor e parte do sítio arqueológico Casa do Itaim. Assim é possível que o refugio que compõem a lixeira seja:

- a) Descartes de diversas ocupações da mesma unidade doméstica;
- b) Comum a diversas unidades domésticas;
- c) Refira-se não apenas a uma unidade doméstica, mas um local de comércio, hotel, pensão, bordel, algum local onde a manipulação de recipientes similares seja maior;

É possível que o refugio seja de duas ocupações, se confrontarmos com os dados dos registros arquitetônicos, uma primeira ocupação associada à unidade doméstica e uma segunda na qual há uma mudança no uso da edificação, tornando-se uma das opções da alternativa “c”.

Apesar da grande quantidade de frascos na amostra, os mesmo apontam para um uso diferenciado do que da lixeira H4.1, que concentra um universo produtivo. Outro fator que pode corroborar plausivelmente a essa idéia são as decorações presentes na amostra. Há nesse aspecto, um predomínio de decorações *standard* em relação aos temas naturais e decorações fabricadas com procedimentos artesanais e manuais. Assim, essas últimas louças descritas podem estar associadas a uma primeira ocupação relacionada, talvez, a uma elite cafeicultura efetuando uma manutenção de hábitos trazidos do campo enquanto as decorações *standard* poderiam ser facilmente recolocadas frente às dinâmicas de descarte sem destoar do conjunto.

Relacionando essas questões ao processo de esvaziamento freqüente da lixeira, podemos considerar que o mesmo não ocorria de forma integral, mantendo-se, assim, objetos referentes à primeira ocupação em baixa densidade. A seguir gráfico com a distribuição de fragmentos por decoração:

Gráfico 14 – Decorações em louças, Resgate, H5 Zanettini Arqueologia (2010)

Quanto às cronologias da amostra, grande parte é de produção da primeira metade do século XIX, destacando-se que antes do ano de 1868, segundo cartografia histórica, não existiria a lixeira em alvenaria no local.

Gráfico 15 – Cronologia Lixeira H5 Zanettini Arqueologia (2010)

Essa evidente presença de decorações na primeira metade do XIX traz à tona as problemáticas referentes ao consumo, dado que essas datas na barra cronológica estão associadas aos períodos de produção que diferem dos de consumo. Se as decorações mais rústicas estão associadas à primeira ocupação é possível que as mesmas tenham sido adquiridas através de herança ou mesmo uma manutenção desses objetos, fazendo com que a cronologia da lixeira recuasse (**Prancha 54 e 55**).

Bolsão de Lixo H6.1

A Unidade de Escavação (UE) H6.1 caracteriza-se pela abertura de um buraco no solo utilizado para descarte de lixo. Esse é o tipo de lixeira mais comum de ser encontrado no contexto da arqueologia histórica brasileira. Segundo dados obtidos ainda na curadoria do acervo desta lixeira, com um total de 526 peças, distribuiu-se segundo matérias primas de acordo com o gráfico a seguir:

UNIDADE DE ESCAVAÇÃO H5, LIXEIRA

PRANCHA 54

Gráfico 16 – Acervo por matéria prima bolsão de lixo H6.1 Zanettini Arqueologia (2010)

Com grande quantidade de material osteodontomalacológico que se distribui em 2,6Kg de conchas e 2,4Kg de ossos. Em seguida, as faianças finas conformam juntamente com as louças as matérias primas com maior densidade no acervo. As louças apresentaram a seguinte distribuição formal:

Gráfico 17 – Formas louças e cerâmicas, Resgate, H6.1 Zanettini Arqueologia (2010)

Pontua-se a presença de um cachimbo cerâmico de caulim, invariavelmente de produção estrangeira e de valor aquisitivo elevado segundo Agostini (2009). Nos vidros foram identificadas as formas funcionais de garrafas e copos.

No que concerne aos atributos decorativos das louças foi possível identificar a seguinte distribuição:

Gráfico 18 – Decorações em louças, Resgate, H6.1 Zanettini Arqueologia (2010)

Que inseridos na barra cronológica apresentam a seguinte característica:

Gráfico 19 – Cronologia H6 Zanettini Arqueologia (2010)

O período de predomínio de informações está localizado entre os anos de 1845 e 1900, podendo estar associado tanto a períodos mais antigos de ocupação como ocupações já inseridas no contexto do Brasil República, já que, diferentemente das demais lixeiras, a mesma tem como suporte o próprio solo. Considerando também, a proximidade da mesma com o centro da quadra, este descarte pode ter sido uma ação contínua de diferentes unidades domésticas e outras ocupações da quadra, mas tendo a frente o descarte de objetos relacionados à alimentação assim como os resíduos alimentares - ossos e conchas - (**Prancha 56 e 57**).

A área apresentou diferentes contextos relacionados a mesma edificação. Esse parece ser um indicativo de que a mesma teve diferentes funções quanto a(s) ocupação(ões). Frente a esse aspecto, definido a partir da cultura material presente em cada um dos contextos analisados, elaborou-se um gráfico de datação relativa comparativo entre os contextos analisados.

UNIDADE DE ESCAVAÇÃO H6.1, BOLSÃO DE LIXO

PRANCHA 56

fotos: Zanettini Arqueologia

MATERIAL ARQUEOLÓGICO DA UNIDADE DE ESCAVAÇÃO H6.1, BOLSÃO DE LIXO

PRANCHA 57

fotos: Zanettini Arqueologia

Gráfico 20 - Datação Relativa da Área 1

Esse gráfico foi organizado a partir da maior concentração de dados cronológicos de cada um dos contextos arqueológicos analisados. A partir desse é possível perceber uma diferença clara principalmente entre o grupo da lixeira H5 e H6.1 e o grupo da Lixeira H4.1 e o Poço. Levando em consideração a questão anteriormente aventada sobre a ocupação da quadra iniciar apenas a partir de 1868, data da planta da cidade onde aparecem edificações no local, pode-se considerar que ocorreram duas ocupações diferentes no local.

Primeiramente uma unidade doméstica que foi substituída por uma unidade doméstica/comercial, sendo que essa segunda pode ter sido unifamiliar ou ainda plurifamiliar. Ambos os contextos parecem estar associados ao processo de alastramento da área urbana da cidade de São Paulo e posterior abandono da área central. Essas ocupações demonstram como uma família de posses abandona esse espaço, deixando-o para um contexto socioeconômico menos abastado e assim sucessivamente.

2.2.2 Área 2

Localizada no centro da quadra, essa área, evidenciou um descarte aleatório de lixo no quintal/jardim, caracterizado pela ação de jogar a partir de portas e janelas, prática observada em contextos norte-americanos por South (1977) e denominada como *Brunswick Pattern disposal refuse*, dificultando cronologias segundo o contexto estratigráfico. O acervo da área totaliza 629 peças das quais 261 são provenientes da etapa de prospecção e 368 da etapa de resgate, com predomínio de materiais osteodontomalacológico, faianças finas e vidros.

Gráfico 21 – Acervo por matéria prima Área 2 Zanettini Arqueologia (2010)

Atenção seja dada à presença de cerâmica vidrada, em quantidade não observada em outros locais da quadra. Essa diferença está associada à presença de alguidares, vasos e artifícios decorativos de áreas externas, claramente vinculada à ornamentação e plantio que compunha o jardim. A presença de vidros na área parece ser expressiva como as louças e o material osteodontomalacológico; no entanto a contagem de números mínimos apresenta outra perspectiva frente a esses dados:

Utensílio	Nº Mínimo
Prato Sobre mesa	8
Pires	6
Pote	3
Xícara	6
Prato	4
Sopeira	1
Vaso	1
Malga	2
Garrafa	1
Copo	1
Frascos	7

Tabela 6 – Número mínimo Área 2 Zanettini Arqueologia (2010)

Assim é possível observarmos uma predominância de louças no descarte ocorrido no jardim em detrimento dos vidros que são na grande maioria frascos de remédios, os quais não poderiam ser reutilizados como garrafas, além de ser material perigoso se descartado em locais de circulação. Buscando dados sobre a cronologia, através das louças, foi possível averiguar as seguintes cronologias por unidades de escavação:

Gráfico 22 – Cronologia C6, Área 2, Prospecção Zanettini Arqueologia (2009)

Gráfico 23 – Cronologia D6, Área 2, Prospecção Zanettini Arqueologia (2009)

Gráfico 24 – Cronologia H7, Área 2, Resgate Zanettini Arqueologia (2010)

As barras apontam para o começo de formação desse registro no início da segunda metade do século XIX e entrando em algumas décadas da primeira metade do século XX, indicando que as práticas de descarte no local perduraram por diferentes ocupações da quadra.

Ainda quanto às implicações cronológicas, o acervo dos metais, composto por fixadores (pregos, cravos e tachas), um projétil de arma de fogo e duas tampas com inscrições, possibilitou através desses últimos descritos, corroborar com os dados obtidos através das louças. As inscrições presentes nessas tampas metálicas, ambos produtos farmacêuticos, com os dizeres “Opobyl Bailly” e “Merck”, são produtos que foram comercializados e se popularizaram nas décadas de 30 e 40 do século XX (**Prancha 58 e 59**).

2.2.3 Área 3

Caracterizada como uma unidade produtiva, devido à baixa variabilidade da morfologia artefactual, principalmente dos objetos metálicos e ossos. Esse comportamento do contexto arqueológico é comum a áreas de ocupação de unidades produtivas ou que estavam de algum modo associadas ao universo do trabalho, a exemplo do sítio Petybon (SOUZA, 2010). Além disso, a própria distribuição arquitetônica da área e a presença do maquinário de um elevador de pressão associam-se a esse universo.

O processo de formação desse registro indica que ocorreu a remoção de parte do piso de tijolos da fábrica para descarte de lixo, conformando uma estratigrafia com uma camada de metais sobre outra camada de ossos com poucos metais sobrepondo-se ainda a uma camada mais antiga, um bolsão de refugio de uma unidade doméstica anterior a escala fabril. No procedimento de abertura para descarte da fábrica, interferiu-se na camada de refugio doméstico já existente, assim, com a utilização do sedimento junto ao novo descarte, ocorreu uma mistura dos artefatos e da estratigrafia.

Gráfico 25 – Acervo por matéria prima Área 3 Zanettini Arqueologia (2010)

Os metais presentes nessa amostra apresentam de médio a alto grau de corrosão, impossibilitando a plena identificação, no entanto, foi possível averiguar uma predominância daqueles forjados em ferro doce. Também foram identificados 6 fragmentos de limas, 4 integras, fabricadas com ferro com alto teor de carbono.

Gráfico 26 – Configuração da amostra de metal Zanettini Arqueologia (2009)

Nesse aspecto, creditasse à possibilidade da unidade produtiva em questão estar associada ao processamento de ossos, devido à grande profusão destes associados às ferramentas em metal, possivelmente tendo como produtos finais farinha, botões, cabos ou sabão por exemplo. Apoiando essa idéia a amostra apresentou majoritariamente ossos de *Bos sp.* (96%), principalmente ossos longos como costelas, com sinais de queima para manipulação.

Gráfico 27 – Porcentagem das marcas presentes na amostra de ossos Zanettini Arqueologia (2009)

Quanto ao acervo que poderia ser relacionado ao refugo anterior à fábrica, majoritariamente temos a presença de louças e vidros que se distribuíram da seguinte maneira, segundo formas/função:

Gráfico 28 – Formas louças e cerâmicas, Resgate, Área 3 Zanettini Arqueologia (2010)

Gráfico 29 – Formas vidros, Resgate, Área 3 Zanettini Arqueologia (2010)

Uma amostra particular à situação doméstica, com presença de uma variabilidade comum a outros contextos desse gênero. A seguir observamos as implicações cronológicas, primeiramente referente à etapa de prospecção e posteriormente as duas barras referentes à etapa de resgate:

Gráfico 30 – Cronologia F8, Área 3, Prospecção Zanettini Arqueologia (2009)

Gráfico 31 – Cronologia F8, Área 3, Resgate Zanettini Arqueologia (2010)

Gráfico 32 – Cronologia F8.1, Área 3, Resgate Zanettini Arqueologia (2010)

De acordo com as configurações acima apresentadas, é possível aferir que o galpão é posterior ao período de produção da maior parte das louças, ou seja, o ano de 1900, sendo que o descarte da unidade doméstica teria ocorrido entre os anos de 1860 e 1900 (**Prancha 60 e 61**).

ÁREA 3

PRANCHA 60

fotos: Zanettini Arqueologia

2.2.4 Área 4

Essa área está principalmente associada às estruturas de edificação com embasamento em pedra, como já descrito. No resgate essas estruturas foram evidenciadas sem ter ocorrido vestígios móveis, a amostra, apenas da etapa de prospecção, provem das unidades de escavação UE A6, UE B6 e UE B7. Dessa maneira o acervo da área configura-se na seguinte distribuição:

Gráfico 33 – Acervo por matéria prima Área 4 Zanettini Arqueologia (2010)

Praticamente todo o acervo é proveniente da unidade de escavação UE B6, onde foi encontrado um bolsão de lixo com evidente perturbação. Essa perturbação foi associada à construção ou reforma da edificação que passou a se sobrepor ao bolsão de lixo. Nesse aspecto, o referido refugo não estaria associado à ocupação dessa edificação, que no caso tem como registro dos seus descartes a área do jardim. Destaca-se no acervo, dois botões em madre pérola e um tinteiro em grês, além das louças decoradas, algumas atribuídas a um poder aquisitivo alto, como as peças decoradas com borrão azul sobre pintura a mão, consideradas louças caras devido aos custos de produção.

Assim, a análise das faianças finas, possibilitou averiguar a cronologia relativa do bolsão de descarte entre os anos de 1865 e 1890, dado que a casa com

embasamento em pedra, segundo cartografia histórica, situa-se no período de 1881 a 1930.

Gráfico 34 – Cronologia B6, Área 4 Zanettini Arqueologia (2009)

Nesse aspecto, o refugio está situado em um período entre a ocupação de Dona Mariana Fortes – período em que a região encontrava-se ainda com características rurais – e a casa construída em embasamento de pedra (**Prancha 62 e 63**).

2.2.5 A Quadra

A quadra apresentou diferentes contextos que estão intimamente ligados ao desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo. Segundo a cartografia anteriormente apresentada podemos perceber a transição de uma área rural para uma área urbana, segundo o surgimento dos arruamentos, loteamentos e importantes construções. Além do advento do novo, com o alastramento da malha urbana, iniciou-se um processo de constante transformação do espaço, parte dele marcado pelos contextos e cultura material exumados pelas mãos dos arqueólogos.

ÁREA 4

PRANCHA 62

fotos: Zanettini Arqueologia

MATERIAL ARQUEOLÓGICO DA ÁREA 4

PRANCHA 63

fotos: Zanettini Arqueologia

A seguir apresento um gráfico comparativo das datações relativas da Quadra 090, considerando dois contextos para a área 1 e um para cada uma das demais áreas aqui apresentadas:

Gráfico 35 - Datação Relativa da Quadra 090

Ao observarmos o gráfico é possível perceber uma concomitância nas concentrações de datas relativas das áreas da Quadra 090; ao menos em relação as ocupações da área 1, 2 e 3 e um segundo momento das áreas 2, 3 e 4. Segundo os apontamentos anteriores, é possível dizer que no caso das área 1 e 3 ocorreram duas ocupações, que no caso da primeira é possível observar pelos contextos diferentes; já para a área 3 isso é percebido pela inversão dos indicadores cronológicos na estratigrafia.

Essas observações sobre as ocupações da quadra são importantes para entendermos o processo de assentamento no local e como o mesmo sofre modificações no decorrer do tempo, essa transformação está intimamente ligada ao desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo, bem como o deslocamento das áreas de interesse por diferentes grupos socioculturais. De um aspecto rural, o local assimilou-se a malha urbana da cidade, sendo ocupada possivelmente por famílias

abastadas que posteriormente abandonaram a região por outras áreas da cidade; principalmente durante a transição de séculos e início do século XX.

Dando continuidade a prática da análise, a seguir apresenta-se alguns apontamentos teóricos com base nos estudos desenvolvidos e pensando na reflexão que se dará adiante. Esses apontamentos baseiam-se na Arqueologia Urbana, no contexto arqueológico apresentado e no confronto entre o que é passado e presente. Essa reflexão é importante para que possa ser feita uma interpretação em consonância com o presente e com a resignificação do que foi exumado (**Prancha 64, 65, 66 e 67**).

2.3 Arqueologia Urbana com a Cidade de São Paulo

A natureza é um bem cultural, na medida em que mesmo que não seja alterada, ela é percebida e dotada de significados e valores pelo homem. (SCHEINER apud CÂNDIDO 2008, p.59)

Mesmo que em um meio urbano não estejamos falando da natureza, esse aspecto de considerar a paisagem como algo cultural é de suma importância, dotando espaços de significados singulares a cada indivíduo. Assim, resgatando as questões propostas por Staski (1999; 2008) e Salwen (1978) em que a arqueologia urbana deve tratar a cidade como um *locus* arqueológico no qual deve ser realizada uma arqueologia *da, na e para* a cidade; conceito ampliado em estudos posteriores, juntamente com o pesquisador Rafael de Abreu e Souza, trazendo uma abordagem que considera uma “arqueologia *com* a cidade” (TESSARO & SOUZA, 2011). Essa reflexão, no entanto, não exclui as considerações anteriores, engloba as de Staski(1999; 2008) e Salwen (1978) frente ao contexto urbano, alcançando assim, o aspecto mais abrangente da disciplina arqueológica, onde a interação e a comunicação são partes integrantes da pesquisa arqueológica.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO DA QUADRA 090

PRANCHA 65

fotos: Marcos Issa acervo: Zanettini Arqueologia

MATERIAL ARQUEOLÓGICO DA QUADRA 090

PRANCHA 67

En último lugar, una arqueología totalmente crítica y responsable ha de ser capaz de usar la objetividad y la realidad de la experiencia de sus datos, con el fin de dar forma y transformar la experiencia del mundo. (HODDER, 2003, p. 189)¹⁴

Segundo Hodder (2003), para transformarmos a experiência do mundo, os dados arqueológicos devem entrar em relação com a sociedade já que:

Existe una relación dialéctica entre el pasado y el presente: se interpreta el pasado en función del presente, pero puede también utilizarse el pasado para criticar y desafiar al presente. (HODDER, 2003, p. 189 – 190)¹⁵

É neste último aspecto que a arqueologia integra-se à museologia, ratificando assim, a necessidade de ser pensada conjuntamente e não como aspectos separados e compartimentados. Assim como estamos nos inserindo em um contexto mais amplo, onde as discussões sobre a cidade são efetuadas por diversas disciplinas.

Se o sítio arqueológico, no caso da arqueologia urbana, é a cidade inteira, cada compartimento desse sítio – rua, quadra, edifício, várzea, fábrica – será um contexto arqueológico, ou seja, cada ente da cidade será um fragmento do sítio arqueológico, o que equipara em termos de relevância os fragmentos enterrados – objetos de atuação por excelência da arqueologia – e as informações fornecidas pela paisagem, pela bibliografia e pela iconografia (BAVA DE CAMARGO 2009).

Corroborando esse aspecto, Zanettini (2004) afirma: “o arqueólogo urbano não tem necessariamente que restringir suas análises aos locais que escava”. Podemos inserir aspectos percebidos nas perspectivas da geografia, as “rugosidades” (SANTOS, 2008), elementos do passado que permanecem na paisagem, inserindo a esse ponto de vista os aspectos percebidos também pelo urbanismo, antropologia urbana entre outras. Assim, pensamos problemas que afetam o cotidiano da cidade (ZANETTINI, 2004) adentrando na proposta apontada por Staski:

¹⁴ Finalmente, uma arqueologia totalmente crítica e responsável deve ser capaz de usar a objetividade e a realidade da experiência dos seus dados, a fim de dar forma e transformar a experiência do mundo.

¹⁵ Há uma relação dialética entre o passado eo presente: o passado é interpretado em termos do presente, mas o passado também pode ser usado para criticar e contestar a presente.

Of Course, an important topic of research among urban archaeologists is urbanization, the general process related to the emerge and development of cities (STASKI, 2008, p.07).

Conformando também, a perspectiva apresentada por Tocchetto & Thiesen:

Para o arqueólogo, a cidade pode ser entendida como uma construção estratificada, que deve ser lida da mesma forma como lemos uma estratigrafia numa escavação: interpretando as sucessivas camadas de história ali depositadas, sob o solo e sobre o solo. (TOCCHETTO & THIESEN, 2007, p.176)

Frente a isso, pensando a cidade de São Paulo como sexta cidade mais populosa do planeta, a cidade-mundo (AUGÉ 2010), devo considerar também que “a expansão territorial das megacidades debilita a conexão entre suas partes (GÁRCIA CANCLINI, 2008 p .21). Ao lidarmos com ela, observamos seus fragmentos, seus pedaços, mas ainda ligados e conectados através dos meios comunicacionais (GÁRCIA CANCLINI, 2008), objeto de estudo dessa interface entre arqueologia e museologia.

... pode-se considerar o museu como ponte entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói em imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque (CHAGAS, 2005, p.18)

Aliando-se a essa perspectiva apresentada por Chagas podemos considerar assim como Ferreira (2008) que as relações sociais envolvem artefatos: “cultura material que poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem” (MENESES, 1983, p. 112). Atestando a essa cultura material o valor de símbolo, que, segundo Lacan (2008), “possui essencialmente um valor de relação” e que é intrinsecamente individual (MEREALEAU-PONTY, 2007; 2011). No entanto, por mais que possua uma essência individual, essas relações e apropriações estão inseridas dentro de uma estrutura que pode ser lida através do *habitus* (BOURDIEU, 2009) e do discurso (FOUCAULT, 2007).

O *habitus* [...] é uma regra [...] ou, melhor um *modus operandi* [...] faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar conduta adequada. (BOURDIEU, 2009, p. 23)

Apesar desse conceito atrelar-se ao estudo de caso da Ciência, elaborado por Bourdieu, ele pode ser utilizado para compreensão de diferentes universos presentes na sociedade: ao cotidiano dos indivíduos que se inserem em uma mesma cultura e ao próprio estudo em apreço. Esse *habitus*, entende-se como parte da cultura, está associado a diferentes discursos e relações de poder, inserindo-se ainda numa relação individual, pois nas considerações de Freud (2010) “o *eu* contém tudo, mais tarde ele segrega de si um mundo exterior”. Esse mundo exterior surge da contraposição do *eu* com os discursos da sociedade.

O discurso (FOUCAULT, 2007), pode ser compreendido com o exemplo da história do filme “O Enigma de Kaspar Hauser” (HERZOG, 1974, “Jeder für sich und Gott gegen alle”, Alemanha, 110min), onde um jovem que viveu desde seus primeiros anos de vida preso em um porão, sem contato com a sociedade, quando é abandonado em uma cidade tem dificuldades em locomover-se e comunicar-se. Utilizo esse exemplo para demonstrar como o discurso está atrelado a uma forma, a um *modus operandi*. O fazer em si algo de um determinado jeito, como o simples ato de caminhar, já é em si um discurso, uma cultura que é criada, pensada, modificada, assimilada e significada por indivíduos.

Assim *habitus* e discursos ligam-se à reflexão sobre a cidade, considerando o “empilhamento estratigráfico” (DE CERTEAU, 2008) e não mais uma história que se divide do presente:

... a historiografia separa seu presente de um passado. Porém, repete sempre o gesto de dividir. Assim sendo, sua cronologia se compões de “períodos” [...] entre os quais se indica sempre a decisão de ser outro ou de não ser mais o que havia sido até então [...]. Por sua vez, cada tempo “novo” deu lugar a um discurso que considera “morto” aquilo que o precedeu [...].

Muito longe de ser genérica está construção é uma singularidade ocidental. Na Índia, por exemplo, “as novas formas não expulsaram as antigas”. O que existe é o “empilhamento estratigráfico”. (DE CERTEAU, 2008, p. 15 – 16)

Nessa reflexão é que o presente da cidade deve ser compreendido como “contexto arqueológico” e “contexto sistêmico” (SCHIFFER, 1972).

O morto assombra o vivo; ele re-morde (mordida secreta e repetida). Assim, a história seria “canibal”, e a memória tornar-se-ia o recinto fechado em que se opõem duas operações contrárias: por um lado, o esquecimento, que não é uma passividade nem uma perda, mas uma ação contra o passado; e, por outro, o vestígio **mnésico**, que é o retorno do esquecido, ou seja, uma ação desse passado, daqui em diante forçado ao disfarce. (DE CERTEAU, 2011, p. 71 – 72)

Assim a cidade deve ser tratada como um *locus*, no qual as significações e discursos presentes fazem parte da interpretação do passado. A Paisagem, nesse aspecto, torna-se um importante objeto na compreensão do que é a cidade, não apenas em seus “lugares significativos” (ZEDEÑO & BOWSER, 2008), mas nas ações que ali ocorrem.

Os conceitos de contexto arqueológico e contexto sistêmico de Schiffer (1972) servem para refletirmos sobre a cidade, seus lugares e não lugares (AUGÉ, 2010).

Systemic context labels the condition of an element which is participating in a behavioral system. Archaeological context describes materials which have passed through a cultural system, and which are now the objects of investigation of archaeologists. (SCHIFFER, 1972, p.17)

Assim, contexto sistêmico está ligado à vida de uso dos objetos, englobando: fabricação, aquisição, utilização, manutenção, descarte, reciclagem e ciclagem lateral (SCHIFFER, 1972). E contexto arqueológico corresponde ao término da vida dos artefatos inseridos no contexto sistêmico; ocorrendo assim processos de descarte durante um dos procedimentos do contexto sistêmico, ou, descarte primário – quando no local de uso do objeto, e descarte secundário – quando em local especializado para tal (SCHIFFER, 1972). No contexto da cidade estamos, portanto, lidando com artefatos do passado que permanecem na paisagem ou são reciclados, possuindo novos significados, como artefatos do passado abandonados, ou seja, uma mútua existência do contexto arqueológico e sistêmico. Nessa reflexão, com a inserção do trabalho arqueológico, estaríamos recolocando objetos no contexto sistêmico, através da ressignificação, consequentemente alterada a função do

objeto; pois uma garrafa quebrada, exumada do contexto arqueológico com fragmentos faltando e posteriormente remontada, não pode mais ser utilizada com a função de garrafa, sendo inserida ao contexto sistêmico através da ressignificação, como uma “reciclagem”. Esse processo não se restringe a objetos fragmentados que não se remontam completamente, mas associa-se também a objetos inteiros que, mesmo por questões técnicas, possam ser ainda utilizados dentro de suas funções, são ressignificados tanto pelo pesquisador como pelo observador.

Outro aspecto relevante dessa reflexão frente ao contexto da cidade é que alguns artefatos de descarte secundário podem ser inseridos em outro artefato que continua no contexto sistêmico. Como exemplo disso, uma lixeira observada como artefato (pois se trata de uma construção humana), possui no seu interior objetos de descarte secundário, mas a mesma em si, pensada no conjunto, permanece no contexto sistêmico, até seu abandono, quando se torna um descarte primário. Segundo Harris (1979), a unidade de estratificação é um artefato, portanto uma camada estratigráfica de aterro é um artefato (SOUZA, 2010) pensado e fabricado pelo homem. Nesse aspecto, um aterro que possui descartes secundários em seu interior, pode ser um descarte primário quando o mesmo em si possui uma funcionalidade. Pode também estar no contexto sistêmico quando suas funções ainda são úteis, mesmo que elas não sejam visíveis na paisagem; como por exemplo, um aterro feito sobre uma drenagem para supressão dessa e suporte ao que está acima (edifícios, praças e demais construções humanas).

A cidade, portanto, possui contextos arqueológicos e sistêmicos em coexistência, o que torna o contexto sistêmico parte do trabalho arqueológico, contrapondo-se à ideia de que o arqueólogo reflete apenas sobre o primeiro contexto para interpretar o contexto que deixou de existir. É nesse aspecto, que a cidade deve ser pensada como um *locus*, pois estamos lidando com artefatos “vivos” que moldam a paisagem, edifícios que são reutilizados e aterros não abandonados que ainda estão no contexto sistêmico. Assim, contrapondo-se à ideia de que os contextos arqueológicos da cidade são prioritariamente descartes secundários. A seguir, apresento o quadro que sintetiza as idéias dessa reflexão, utilizando como base figuras apresentadas por Schiffer (1972).

Figura 2 - Baseada nas Figuras 1 e 3 de Schiffer (1972, p. 158,162); partes em vermelho inseridas

Para além dessa reflexão estamos lidando com a manipulação de artefatos exumados do subsolo, retornando para um novo contexto sistêmico, e, portanto, atribuindo novas funções através da ressignificação. Assim, na ideia de que essa cultura material é um direito de todos e não de um indivíduo como seu detentor, mas a sociedade em si, é necessária a ressignificação e transformação das funções dos objetos, para que possam servir de forma qualificada a essa sociedade que os detém. Uma arqueologia que é despreocupada com essa reciclagem/ressignificação, dos objetos exumados colocando-os em uma reserva técnica sem uma nova funcionalidade, está, praticamente, os realocando novamente em um contexto arqueológico, pois estaríamos lidando com abandono novamente, ou como pontuou Bruno (1995) uma “estratigrafia do abandono”. Essa relação com o abandono torna-se mais evidente em fins do século XX e início do século XXI com o aumento dos trabalhos em arqueologia preventiva e encontra-se explícita no desenvolvimento histórico da Arqueologia Brasileira e dos museus como pontuou Wickers (2010).

Assim, um importante aspecto da preservação do patrimônio arqueológico encontra-se na curadoria, pois essa “é o ciclo completo de atividades relativas ao acervo, compreendendo a execução e/ou orientação científica” (BRUNO, 1995, p.232) e na comunicação como parte integrante desse processo onde se encontram os caminhos da Arqueologia e da Museologia.

Uma **Arqueologia com a Cidade** deve estar ciente de considerar a cidade como um lócus, pois lida com contextos de abandono (arqueológicos) e contextos vivos (sistêmicos), os quais possuem relações diretas com a paisagem da cidade. Esses contextos, mesmo que não visivelmente, estão no cotidiano da cidade, presentes no desenvolvimento da mesma, seja por marcas ou rugosidades visíveis, seja por intermédio da Arqueologia que os recoloca no contexto sistêmico, para dar espaço a novas expressões culturais – já que Arqueologia Preventiva está associada a um licenciamento. Ao lidarmos com o contexto sistêmico, lidamos conjuntamente com as relações sociais presentes no local, não somente com os artefatos, mas os mesmo inseridos no contexto cultural no dia a dia do imaginário, da percepção e da ressignificação por indivíduos que utilizam esse espaço. Nessa reflexão de uma arqueologia comprometida com a cidade que a proposta de Hodder (2003) de uma arqueologia que pensa, discute e critica o presente é que podemos inserir também o futuro, na perspectiva de que, a comunicação e extroversão dessas análises pode contribuir para a construção de um futuro.

Partindo da ideia de uma Arqueologia com a cidade e com base no que já apresentou-se sobre a cidade e sobre a Quadra 090, podemos discutir inúmeros temas. Contudo, dado o próprio contexto que será refletido a seguir, três temas que interagem entre si serão abordados: "O Homem e o Lixo na Paulicéia", "Transformações Urbanas e o Impacto na Sociedade" e "Identidades na Urbe". Esses temas são propostos a partir do contexto da Quadra 090 e em consonância como o que é o Centro de Arqueologia de São Paulo e ao que ele se propõe, servindo como base para a uma nova proposta de musealização da arqueologia com a cidade de São Paulo.

CAPÍTULO 3 – Musealizando Pedacos da Urbe

Quando um arqueólogo encontra uma garrafa, ou melhor, vários fragmentos de vidro que podem vir a se tornar uma garrafa, bastando ter um tubo de cola, paciência e vontade de montar um quebra cabeça, ele não está a encontrar uma garrafa, por mais que a forma indique esse objeto. A forma indicativa é apenas uma lembrança, uma memória do que um dia foi, nesse caso, a materialidade passada que se encontra no presente tomou uma nova função, obrigou-se ao disfarce no presente.

No caso da Arqueologia Urbana, o contexto analisado é parte do presente da cidade, por mais que esteja disfarçado como a garrafa fragmentada e colada. É nesse aspecto que a interpretação de contextos arqueológicos inseridos na malha urbana deve estar ciente do presente da cidade, pois os conceitos estão versando sobre ela, sobre seus problemas, sobre suas dificuldades e sobre suas qualidades. Quando interpretada dessa maneira, a arqueologia contribui de forma direta com a proposição museológica, pois está permitindo que suas análises abarquem, não só o objeto, mas também o cenário e o homem. Assim, não nos compartimentamos dentro do que é a função estabelecida para arqueologia e para a museologia, mas as ressignificamos sem retirarmos as suas essências.

A seguir, no decorrer desse capítulo, mistura-se a interpretação arqueológica pautada pela compreensão do urbano e da cidade presente com o necessário para a extroversão através da museologia, com sua tríade reflexiva objeto X homem X cenário, de tal modo que ocorra a **musealização da arqueologia**. Três assuntos foram diagnosticados através da Quadra 090 para pensar a cidade. Posteriormente, apresenta-se o espaço institucional para a fruição dessas reflexões e a inserção desse espaço, o Sítio Morrinhos (Museu da Cidade de São Paulo), através do que é produzido pela Arqueologia Urbana Paulistana. Por fim, temáticas e espaço se encontram e tornam-se propositura expositiva para o Sítio Morrinhos.

3.1 Estratigrafia, Tempo e Cidade

Da Quadra 090, foram selecionados três temas para reflexão: as práticas em relação ao lixo; a configuração estratigráfica; e a identificação social. A partir dessas características identificadas no contexto arqueológico é possível refletir aspectos do desenvolvimento urbano e cultural da cidade de São Paulo, integrando-se com outras áreas de estudo e buscando observar o presente.

3.1.1 O Homem e o Lixo na Paulicéia

Um dos principais aspectos percebidos no contexto da Quadra 090 foram as lixeiras construídas em alvenaria, uma vez que esse tipo de estrutura é incomum nos contextos arqueológicos brasileiros; aproximando-se, talvez, da transformação das estruturas de poços em lixeira, característica também identificada nesse caso. Além dessas duas caracterizações de lixeira, também foram registrados bolsões de lixo, comumente encontrados em sítios arqueológicos históricos. Essas lixeiras apontam para a preocupação que se estabelece em torno da higiene, seja por suas existências, ou mesmo por objetos que podem ser encontrados em seu interior.

Uma das primeiras menções acerca da relação estabelecida entre homem e lixo no território paulistano é citada por Afonso Taunay:

A 14 de Março de 1589 legislava ela: "Por estar a Vila em perigo de imundíces que era perigo do povo", a ordenar que se limpassem dez braçadas de redor dos muros. Devia cada morador executar tal serviço em seus terrenos, sob pena de um tostão de multa e o sequestro dos chãos. (TAUNAY, 2003, p. 127).

Nesse trecho, resgatado dos autos das autoridades do período, Taunay possibilita vislumbrarmos as relações que se estabelecem com aquilo que não se quer mais, ou que não tem mais funcionalidade no cotidiano. Para o período, do

século XVI, a ação de descarte é carregada do aspecto cultural de afastamento, no entanto, ao que parece, esse ato de afastar não foi o bastante; problema que também seria observado se pensarmos no gradual crescimento populacional e alargamento territorial, uma vez que essas áreas de descarte passariam a ser parte do contexto de circulação e habitação.

No século seguinte, é destacado por Bruno (1984), com base nas atas da Câmara (1623, 1635, 1637, 1640 e 1642), que o governo municipal determina "que os moradores da vila limpassem as ruas dos cardos e espinhos que havia em abundância". Novamente, é importante ressaltar dois pontos nesse aspecto: primeiramente que, novamente, a atribuição da limpeza foi imposta pelas autoridades; segundo ponto é que elementos da natureza estavam sendo combatidos como sujeira. Pode-se dizer, nesse aspecto, que estava ocorrendo, numa concepção de urbano, a necessidade de assepsia em relação à natureza.

Ora, naquele momento, pela noção que se tinha de limpeza vinculada ao espaço público, bastava tirar do campo de visão as sujidades que incomodavam o olhar. Limitada a ocasiões extraordinárias, a preocupação com a limpeza pública não era ainda um sistema técnico. (MIZIARA, 2008, p.3)

Apesar de, como apontado, a limpeza não ser um sistema técnico, as autoridades intervinham de modo a tentar organizar a limpeza. Essa intervenção surtia efeito sobre a população, mas a responsabilidade sobre o ato da limpeza acabava repousando sobre negros e detentos (BRUNO, 1984; MIZIARA, 2008; DIAS, 1994); "Quem realizava esse trabalho de recolhimento das sujeiras eram os considerados excluídos da sociedade" (MIZIARA, 2008, p. 3), ou seja, havia um aspecto moral de exclusão.

Em 1722, ao contrário do que vinha ocorrendo, as autoridades regulamentam a tratativa em relação aos despejos, impondo multas em caso de descumprimento, inclusive se os servos, responsáveis por essa atividade, não forem supervisionados para o real e adequado cumprimento da atividade (MIZIARA, 2008). A partir desse período que irá se observar uma inversão da responsabilidade sobre o lixo produzido e a higiene. O século seguinte, onde temporalmente se localizam as

estruturas de lixeira da Quadra 090, é fortemente marcado pelo combate às imundices e advento das teses higienistas.

Essa proximidade das pessoas com o lixo era, até meados do século XIX, percebida e vivida como algo, se não natural, pelo menos pouco problemático. (MIZIARA, 2008, p. 4)

O pouco problemático passa a ser muito problemático, ao menos devido ao advento das teses higienistas, que se basearam muito nas descobertas feitas pelo francês Pauster (TOCCHETTO, 2010). Na arqueologia que trata desse período, a bibliografia é vasta em termos de citar essas teses, como exemplos: Symanski (1998), Tocchetto (2010), Souza (2010). As teses higienistas desenvolvem-se primeiramente em um contexto europeu, devido aos processos de industrialização. Isso, porém, não indica que as práticas que começam a vigorar no Brasil do século XIX não possuem suas especificidades.

[..] a medicina social se desenvolveria no Brasil no século passado, conferindo às reflexões médicas aqui produzidas um sentido prático que se expressava na intenção de agir sobre o corpo doente, curando-o, ou seja, sobre a cidade, ordenando-a dentro dos padrões médicos que definiam a higiene e a saúde. (ENGEL, 1988, p. 51)

Passa-se a instalar um controle dos indivíduos através do corpo, uma relação biopolítica (FOUCAULT, 2011) entre sociedade e autoridades - o preceito organizativo do Estado Moderno. No caso paulistano, a primeira marca desse direcionamento encontra-se na determinação dos locais para despejo dos dejetos:

no terreno próximo ao rio Anhangabaú, defronte os fundos das taipas e muros das casas do Tenente Joaquim Manuel Prudente, no fundo da pequena casa entre a ponte de Marechal, e a casa de Bento Vieira;

no terreno que fica além da última casa pertencente ao mosteiro de São Bento;

no terreno próximo ao rio Tamanduateí, que fica nos fundos da casa do Tenente Coronel Antônio Maria Quartim;

no buracão do Carmo, no lugar imediato à primeira casinha pertencente a este conselho... (MIZIARA, 2008, p. 3 e 4)

Nesse contexto, descrito pela autora supracitada - com base no Registro Geral da Câmara Municipal de São Paulo, 1821, v.16 - é possível identificar outras áreas que já foram alvo de pesquisas arqueológicas, como, por exemplo o Vale do Anhangabaú, caracterizado como área de descarte de lixo. Essas práticas também são apontadas por outro historiador:

O próprio Anhangabaú recebia os restos dos bois abatidos e atravessava com eles ruas e bairros inteiros. Por outro lado a estagnação das águas no Tamanduateí continuava dando margem a que se formassem em suas várzeas [...] depósitos perigosos de cisco e de bichos mortos. A própria limpeza das ruas - apesar das preocupações maiores do poder municipal nesse sentido que em outros tempos - era ainda bastante precária, acontecendo até as vezes que se derramassem nelas desastrosamente os conteúdos dos "tigres". (BRUNO, 1991b, p. 723 e 724)¹⁶

Com a intervenção das autoridades, inclusive com a utilização de multas, o tratamento com o lixo começou a modificar. Mas ainda havia algo com que se preocupar:

Ainda alguns anos depois - em 1863 - receava-se que a falta de asseio nos quintais da cidade fizesse com que a epidemia de varíola tomasse ainda maiores proporções do que acusava então. (BRUNO, 1991b, p. 729)

Aqui que se encontram os dados históricos com os arqueológicos, pois as lixeiras encontradas na Quadra 090 e em outros contextos de unidades domésticas do século XIX da cidade são vestígios dessa ação de criar e manter locais destinados ao lixo nos quintais das casas. Mais tarde, o abandono dessa prática em relação a um sistema municipal de recolhimento do lixo pode servir como parâmetro de análise sobre o alastramento urbano sob a ordenação do poder público.

A partir desse ponto, irei discutir três itens relacionados à lixeira e aos materiais encontrados nelas: primeiramente, sobre a especificidade da presença das louças em grande quantidade e a relação com as teses higienistas; posteriormente, os vestígios relacionados à farmácia e ao boticário; e sobre as relações domésticas em relação à lixeira no quintal.

¹⁶ "Tigres" são uma espécie de recipiente em madeira, carregado por escravos, que servia para o transporte e despejo de matéria fecal;

As louças encontradas nas lixeiras da Quadra 090 representam uma mudança em relação aos cuidados com os alimentos, assunto que passou a ser abordado com acuidade no século XIX. Antes do advento das louças em faiança fina, ironstone e porcelana, o contexto paulistano era marcado principalmente pela presença das cerâmicas de produção local/regional (ZANETTINI, 2005). Essa mudança ocorreu, pois as cerâmicas e as faianças possuíam uma maior porosidade em sua pasta, diferentemente das outras louças citadas que possuem uma porosidade menor. O que significa isso em termos de higiene? Que as menos porosas e esmaltadas dificultavam a absorção de matéria orgânica dos alimentos, diminuindo sensivelmente a possibilidade de formação sujeiras que poderiam vir a causar doenças. Do ponto de vista tecnológico, as faianças também eram esmaltadas, mas essa superfície cai com facilidade, além das mesmas serem menos resistentes e em termos produtivos, as demais louças associaram-se à indústria do século XIX, resultante da Revolução Industrial, baixando tempo produção e custo.

A segunda questão material relaciona-se aos vestígios de farmácia e botica que demonstram a preocupação que se passou a ter com o cuidado de si. Cuidado que está relacionado ao medicamento necessário em caso de doença, mas também com o perfume, o sabonete e as escovas de dentes utilizadas para limpeza pessoal e controle de odores, uma vez que odores ruins eram vistos como indicadores de moléstias.

Essa questão dos odores não está relacionada apenas aos odores em si, mas também aos cheiros que eram produzidos pelas lixeiras, pelas matérias orgânicas descartadas. Por estarem tão próximas, essas lixeiras necessitavam constantemente de intervenções que pudessem diminuir os odores produzidos. Em outro contexto arqueológico da cidade de São Paulo, em uma lixeira do início do século XX na Casa Bandeirista do Itaim Bibi, foi possível observar e registrar a utilização de cinzas, carvão, cal e também marcas de que em alguns momentos era ateado fogo à lixeira (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2011). No caso da Quadra 090, as cinzas e o cal também estavam presentes, mas com uma incidência muito diminuta. Além disso, é possível que as lixeiras construídas em alvenaria sejam relacionadas a esse controle dos odores e da dispersão do lixo, sendo ainda que ficou claro que ao menos uma delas era esvaziada para ser novamente preenchida.

A ansiedade que escorre do cimo da pirâmide social reanima a intolerância para com o fedor. É o olfato que cabe a destruição da confusão do pútrido e a detenção do miasma, a fim de exorcizar a ameaça nauseabunda. (CORBIN, 1987, p. 292)

Aqui chegamos a um ponto do desenvolvimento sobre a questão das relações do homem com o lixo, que pode ser sintetizada por um aspecto da psique humana. Uma vez que por traz de todas essas ações, por mais válidas que elas sejam, frente à saúde humana, as mesmas se relacionam a um aspecto de assepsia que surge da relação estabelecida entre indivíduo e sociedade:

Também no esforço da cultura por limpeza, que encontra uma justificação posterior nas considerações higiênicas, mas que já se havia exteriorizado antes que estas fossem compreendidas, há um inconfundível fator social. O estímulo para a limpeza nasce do ímpeto de remover os excrementos, que se tornaram desagradáveis para os sentidos. Sabemos que as coisas são diferentes no quarto das crianças. Os excrementos não despertam nelas nenhuma repulsa, mas lhe parecem valiosos como parte que se desprende de seus corpos. Quanto a este ponto, a educação insiste de maneira especialmente enérgica na aceleração do desenvolvimento iminente que deve tornar os excrementos sem valor, asquerosos, repulsivos e detestáveis. Tal reviravolta de valores dificilmente seria possível se essa matéria subtraída ao corpo não fosse condenada pelos seus odores intensos a partilhar do destino reservado aos estímulos olfativos depois que o homem se ergueu do solo. (FREUD, 2010, p. 104 e 105)

Fica evidente o papel do odor e do olfato nas atribuições higiênicas individuais, mas extrapolam o indivíduo e torna-se um aspecto social, um aspecto do que é socialmente aceitável. Mas o desenvolvimento das ações humanas em relação ao lixo e à higiene não param o seu desenvolvimento no reconhecimento da importância do odor; e também não é pela falta do reconhecimento da questão olfativa nas indicações anteriores que o mesmo não estava presente. Na verdade, em certo momento, excede-se o papel preponderante do sentido olfativo e o sentido visual adquire também grande importância. A prática do afastar de si, já apontada, passa a correlacionar-se com todos os sentidos no momento que é gerado o sentimento de asqueroso, repulsivo e detestável. Voltemos ao desenvolvimento das relações do homem com o lixo.

Em 1893, através do Ato nº 2, de 6 de maio, foi feito o primeiro contrato protocolado, já com uma empresa particular em São Paulo, para os serviços de coleta domiciliar e de varrição, lavagem de ruas, limpeza de bueiros e bocas-de-lobo, incineração do lixo e limpeza de mercados. (MIZIARA, 2008, p. 6)

É nesse ponto que a municipalidade assume totalmente a responsabilidade sobre o lixo, retirando-a de quem o produz. O século XIX foi marcado por um equilíbrio dessa responsabilidade entre municipalidade e produtor de resíduos. Essa também é uma característica que determina o que é uma área urbanizada dentro de preceitos modernos, uma vez que os espaços domésticos deixam de possuir espaço de armazenamento de lixo por períodos de tempos mais longos. É estabelecido como uma atribuição do Estado Moderno, assim como outras, já que o mesmo é responsável pela sociedade que ele representa. Sem essa responsabilidade, o indivíduo não necessita mais ter preocupação com o destino do lixo que produz, pois no momento em que esse é colocado na rua para ser coletado, ele já foi afastado dos sentidos sensoriais do corpo. Além de não ser mais o responsável, o indivíduo está agindo da maneira adequada, segundo a sociedade, além de pagar seu imposto para ter esse serviço. Ironia é que o próprio Estado Moderno criou o "homem politicamente correto".

E voltamos à Quadra 090, mas agora em um aspecto do presente: a forma como a região é conhecida pelos nomes de "Cracolândia" e "Boca do Lixo". Esses nomes foram atribuídos a essa região do centro da cidade devido, principalmente, à presença dos "nóias"¹⁷. Quem são esses usuários na lógica social do Estado Moderno? São os homens que não são politicamente corretos e, portanto, merecem ser excluídos da sociedade, pois infringiram o ordenamento social e do corpo. Trata-se de dois aspectos de higiene nesse ponto, o primeiro relacionado ao corpo que se encontra fora da ordem; e o segundo à higiene social, ou assepsia que a sociedade produz, colocando em papel de exclusão aqueles que fogem ao ordenamento.

[...] lixo humano, ou, para ser mais preciso, "pessoas rejeitadas" - pessoas não mais necessárias ao perfeito funcionamento do ciclo econômico e, portanto, de acomodação impossível numa estrutura social compatível com a economia capitalista.

¹⁷ Como são chamados os usuários de crack;

O "lixo humano" tem sido despejado desde o início em todos os lugares nos quais essa economia foi praticada. (BAUMAN, 2005, p. 47)

E assim como o lixo colocado na rua, fora das residências, no qual o produtor do mesmo não possui mais responsabilidade, a sociedade também não se sente responsável pelos que foram excluídos do ordenamento, despejando-os em espaços como a "Cracolândia". O aspecto paisagístico de exclusão que se construiu na cidade de São Paulo será abordado a seguir.

3.1.2 Transformações Urbanas e Impactos na Sociedade

A "Cracolândia" e a região central da cidade de São Paulo tornaram-se espaços de exclusão, onde se priorizou o que pode ser descartado - ao menos podia, ao lembrarmos da característica de desenvolvimento urbano que se deu principalmente a partir da segunda metade do século XX e que está sofrendo uma alteração atual. A Quadra 090 apresentou contextos diversificados, tratando-se de uma quadra inteira, uma vez que não possuía apenas unidades domésticas em seu contexto. Podemos dizer que ela se caracterizava como um espaço multifacetado com a presença de unidade doméstica, unidade doméstica/comercial e unidade produtiva.

Essa diversidade funcional do espaço permitia a circulação de pessoas com diferentes intenções e motivos, possibilitando pequeno deslocamento para ter acesso a distintas necessidades. Além disso, os materiais encontrados nas lixeiras do sítio arqueológico demonstram que ocupação, ao menos doméstica, estava relacionada a um grupo economicamente abastado que, em um determinado momento, abandona a região. Isso é possível perceber pelas descrições de entrevistas sobre a cidade:

Porém, com a expansão da cidade, o Centro foi abandonado pelas elites.

Assim, o Centro cresceu na direção do quadrante sudoeste. Em sua retaguarda ficou a área abandonada, que foi, então, ocupada pelas classes populares. (VIVEIROS, 2011, p. 34 e 36)

Porém, antes desse abandono total que cria o já citado esquema organizacional da rosquinha, a região central sofre uma alteração que irá propiciar esse abandono. Tem-se assim o primeiro momento, marcado pela característica multifacetada da Quadra 090, essa passa a se alterar em fins do século XIX, principalmente pelo crescimento populacional e o início da formação da indústria.

O rápido crescimento de São Paulo no final do Séc. XIX exigiu alterações profundas na estrutura urbana que perdurava desde o período colonial. [...] o intenso crescimento populacional com a imigração de mão de obra européia para substituir o trabalho escravo na lavoura do café e nascente indústria brasileira: entre 1890 e 1900 a cidade passou de 65 mil para 240 mil habitantes. Junto com os trilhos, a prefeitura remodelou o padrão viário [...]. (ANELLI, 2011, p. 14)

Esse crescimento populacional e o surgimento da indústria impulsionaram, também, a mudança da área central. Com o sistema de mobilidade sendo organizado, a crescente indústria se afasta do centro da cidade, deslocando-se para áreas marginais da malha urbana e promovendo o desenvolvimento de moradias específicas para os operários, as vilas operárias. Esses contextos também foram alvo de pesquisas arqueológicas, a exemplo, o Sítio Petybon, uma fábrica de louças do início do século XX (SOUZA, 2010). Alteram-se profundamente as características de utilização diversificada do espaço central.

Quanto à circunscrição espacial, até o início do século XX o comércio paulistano, especialmente aquele relativo a artigos industrializados, concentrou-se na área do Triângulo [...], assim, como as atividades fabris, tendeu a ser empurrado para áreas periféricas. (BARBUY, 2006, p. 29)

Assim, gradativamente também se inicia o deslocamento do comércio e dos serviços que estavam localizados no centro da cidade de São Paulo. Essa movimentação gera, por conseguinte, o afastamento das residências, ficando a região relegada a um novo grupo econômico. Esse poderia ser afastado, ou no caso alocado em uma área de abandono, e mantido em determinados locais segundo a

organização do espaço pelo Estado Moderno. Essa é uma relação que se estabelece materialmente na paisagem em correlação com as relações de poder indicadas por Foucault (2011) e as indicações sobre o descarte efetuado dentro de uma lógica econômica, como apontou Bauman (2005).

O abandono do local desenvolveu-se a ponto de não ocorrerem políticas públicas para a região, que foi gradativamente tornando-se espaço de descarte. A Quadra 090, antes da modificação que resultou no projeto de arqueologia, havia se tornado um espaço limpo, em relação à natureza que é combatida pelo urbano. Nesse momento, era quase inteiramente área de estacionamento e posto de gasolina, criando um espaço morto e demonstrando a priorização da cidade por questões viárias e pelo automóvel em detrimento do meio ambiente e indivíduos. Além disso, recentemente a região da "Cracolândia" foi alvo de intervenções que buscaram higienizar a paisagem da cidade. Nesse contexto, é aventada a possibilidade desse interesse pelo centro ter surgido por especulação imobiliária, gerada em grande parte pelo Projeto Nova Luz. Em contraponto, intervenções culturais vêm ocorrendo e apontam um outro caminho de reocupação e ressignificação do centro da cidade, como o projeto "Baixo Centro" e também a intervenção realizada pelo grupo "Teatro da Vertigem".

Já que citei a assepsia em torno da natureza e a priorização do espaço para o automóvel na cidade, vamos nos direcionar para esses pontos, partindo da estratigrafia do sítio arqueológico. Conforme os perfis estratigráficos apresentados no capítulo anterior, é possível perceber entre as camadas uma grande quantidade de pisos sobrepostos, sendo os mais recentes em concreto e às vezes até em asfalto. Essa, de modo geral, foi a configuração da estratigrafia arqueológica, uma vez que a área que pode ser escavada havia sido um estacionamento, as camadas superiores ou mais recentes correspondiam exatamente aos pisos de concreto e asfalto (**Prancha 68**).

A grande sobreposição de pisos no contexto arqueológico urbano indica um artifício assumido frente à constante transformação da cidade. Esses pisos são intercalados por aterros de material construtivo, portanto, uma higienização do passado, colocando-o fora do campo de visão.

SOBREPOSIÇÃO DE PISOS, UNIDADE DE ESCAVAÇÃO C8

PRANCHA 68

fotos: Zanettini Arqueologia, informações adicionadas: Piero Tessaro

Ocorre, também, que essa quantidade de pisos também se relaciona à limpeza do que é natural, impedindo a formação de áreas com a presença da natureza. A semente dessa característica urbana para a cidade de São Paulo é percebida já no século XVII, como exposto anteriormente. A natureza é algo que foge ao sistema organizacional. Além disso, a sobreposição de pisos diminui em muito a possibilidade de absorção e drenagem da água das chuvas, congregando isso às grandes transformações no sistema hidrográfico da cidade, temos como resultado as inundações.

O nascer do século XX concretiza na cidade de São Paulo uma febre de dessecaamentos, canalizações, aterros e obras de redução das grandes superfícies de água aparente, febre nascida das preocupações epidemiológicas e com higiene do "final do século", parte de um movimento mundial. (KAHTOUNI, 2004, p. 67)

Gradativamente, as águas foram sendo suplantadas ou relegadas a segundo plano no contexto paulistano, relacionadas a aspectos de higiene, mas também sendo sobrepostas pelo sistema viário que tem seu principal ponto de expansão a partir da década de 1960.

A sobreposição de pisos, mesmo que considerada de um ponto de vista ingênuo, produz o efeito de impermeabilização, além de se sobrepor aos cursos naturais da água, tão valiosos ao contexto paulistano do surgimento da vila.

A cidade de São Paulo empregou todas as soluções tecnológicas clássicas, mas afastou seus esgotos, poluindo seus rios, perdeu seus mananciais próximos, passou a importar água cada vez mais distante, invadiu território de expansão das águas em épocas de cheias e sofre, na ocasião das fortes chuvas, os efeitos das inundações [...]. (KAHTOUNI, 2004, p. 149)

Essa imposição da urbanização paulistana, marcada principalmente pela figura de Preste Maia, é apresentada no documentário "Entre Rios" (FERRAZ, Caio; 2009, Brasil, 25min). No documentário, é demonstrada a priorização que o automóvel tem frente ao contexto de crescimento e funcionamento da cidade de São Paulo. Corroborando com esse aspecto, podemos citar o contexto arqueológico do Sítio Pinheiros I, onde foi possível, em escavações, observar que se deu espaço

para o asfalto a calha de um pequeno córrego que se encontra correndo poucos metros ao lado, dentro de uma galeria (A LASCA, 2012).

Um automóvel ocupa um espaço 150 vezes maior que um homem confortavelmente de pé, e um carro estacionado, 1500 vezes. Uma pessoa andando ocupa uma área 50 vezes menor que um automóvel em movimento. (BOAL apud SANTOS, 2009a, p. 91)

Há, nessa ideia de ceder o espaço ao carro, dois problemas que podem ser observados no contexto paulistano. O primeiro resulta do que Jorge Wilhelm (2011) denominou de espaço morto, que em questão de números pode ser observado pelos cálculos do trecho acima citado. Como observado no contexto da Quadra 090, pré execução do campo arqueológico, o local configurava-se como um estacionamento e posto de gasolina, era um espaço morto do ponto de vista de utilização por um pedestre, ou mesmo da existência de um espaço de lazer como um parque - excluiu-se o ser humano em favor do automóvel. Além disso, o segundo problema, representado pela presença do trilho de bonde em um dos perfis estratigráficos, demonstra como um meio de transporte coletivo e democrático foi deixado de lado para dar espaço ao automóvel, privado.

Quando a cidade atinge maiores proporções, no final da década de 1950 e início da de 1960, os bondes são eliminados da circulação e seus trilhos retirados ou recobertos de asfalto, de modo a permitir que se pudesse implantar o modelo de desenvolvimento rodoviário que é hoje ainda dominante. (SANTOS, 2009a, p. 29)

Novamente, apresenta-se um caso de exclusão ligado à mobilidade urbana, que na cidade de São Paulo apresenta-se de modo deficitário para a maior parte da população. Caímos, assim, no próximo ponto a ser abordado: a noção de identidade que é intrinsecamente ligada à noção de pertencimento.

3.1.3 Identidades na Urbe

Pensar em identidade no contexto de uma cidade das proporções de São Paulo é, em suma, um exercício complexo e amplo. Porém, a proposta interpretativa dentro dessa pesquisa pretende apenas iniciar a discussão em torno desse tema, limitando-se à possibilidade apresentada pela interpretação da arqueologia com a inserção de alguns pontos de outras disciplinas. Nesse aspecto, a grande parte dessa discussão inicial é referendada pelas duas temáticas apresentadas anteriormente, e nas possibilidades que elas apresentam para contribuir na temática de discussão da identidade.

Retomamos à ideia inicial do capítulo, onde falamos que os fragmentos de vidro que se tornam, quando colados, uma garrafa com uma nova função, tendo apenas a lembrança marcada do que foi um dia. Essa história pode ser utilizada como uma metáfora para pensarmos sobre a identidade e em como ela se fragmenta e se refaz, sendo sempre modificada, mas tendo uma essência. No contexto da cidade de São Paulo, historicamente, a maior parte da população é imigrante e migrante, ou descendente desses, com exceção dos primeiros ocupantes desse território, que são representados arqueologicamente pelos contextos de material lítico, o Sítio Morumbi, e o contexto indígena, ocorrências de vasilhas cerâmicas; mesmo esses primeiros habitantes são posteriores ao território, ainda que esse seja compreendido na delimitação cultural atual.

Assim, buscando na metáfora dos fragmentos de vidro, podemos dizer que o território corresponderia a esses fragmentos e as diferentes sociedades que foram utilizando esse território podem ser relacionadas à cola utilizada para unir os fragmentos. Sempre vamos ter, portanto, a ressignificação ou a identidade como uma remontagem de sucessivos fragmentos que se formam com a utilização de diferentes colas, mas ainda assim existiremos com uma essência, a escolha de um território, no qual buscamos nos sentir pertencentes.

Essa questão fica ainda mais complexa nas condições líquidas do tempo na modernidade (BAUMAN, 2007). O imperativo da globalização e a ineficiência do Estado Moderno frente à economia geram esse aspecto fluído, em que identidade é uma escolha, em que ela agrega ou exclui (BAUMAN, 2005). As ações de agregar e

excluir ficam em grande evidência no contexto urbano paulistano. Em primeiro lugar, isso ocorre pela representação de si, ponto que será demonstrado adiante. Nesse contexto, há uma grande exacerbação de dois contextos da cidade, os bandeirantes e o nacional; esse último carregado da significação, do início do século XX, de cidade locomotora do país.

Em primeiro lugar, a passagem da fase "sólida" da modernidade para a "líquida" - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam. (BAUMAN, 2007, p. 7)

Já não há mais espaço para a manutenção de uma forma, no contexto paulistano, uma vez que as transformações contínuas não dão mais espaço para isso. Transformações essas que se apresentam, também, materialmente na paisagem da cidade, basta olharmos com atenção a estratigrafia deixada no solo urbano. Percebe-se, nesse contexto, que foi observado na estratigrafia da Quadra 090 uma constante sobreposição que tenta esconder o passado abaixo de um novo piso - a fluidez de sempre ter algo novo sem o tempo necessário de reorganização. Acumula-se a isso o hibridismo e o meio do caminho apontado por Néstor García Canclini (2011), em que temos o constante novo, mas a representação de si ainda tenta se validar na orquestração do Estado Moderno. Ocorre que essa característica implica essencialmente em exclusão, em não pertencimento.

Em um território em que basicamente somos todos imigrantes ou descendentes, a identidade não pode ser definida pelo nascimento, como se isso acarretasse propriedade por esse território; também não pode ser definida pela herança de participação na construção dele. Mas pode ser constantemente organizada na perspectiva da escolha desse território.

No caso do território paulistano, dois momentos de escolhas são apresentados mais usualmente com a chegada de imigrantes; a primeira no final do século XIX e início do XX, e a segunda a partir da década de 1950. A primeira aparece em indicações de Heloisa Barbuy (2006), sobre os imigrantes europeus e

que já foi apresentada na temática anterior, como um dos pontos de crescimento populacional da cidade que altera a paisagem. Já o segundo é descrito em números por Milton Santos que indica que "entre 1970 e 1980 a região metropolitana de São Paulo acolheu 3.351.600 imigrantes" (2009b, p. 87), pondera-se que esse segundo fluxo também altera a paisagem.

Juntando-se ao contexto da imigração vem a exclusão, que se baseia no que o Estado Moderno e sua organização definiu como identidade, agregando ou excluindo dentro dessa determinação. Como demonstrado nas interpretações anteriores, a exclusão surge do desenvolvimento de uma noção de higiene. Na perspectiva do grande e rápido crescimento urbano (território e população) da cidade de São Paulo, criaram-se artifícios e espaços de exclusão.

A "Cracolândia" é um desses espaços de exclusão e pode ser observado pelo contexto sobre o solo da Quadra 090, baseado numa concepção de identidade organizada e asséptica que despejou naquele espaço indivíduos que não fazem parte do sistema organizacional aceito pela sociedade. A possibilidade de escolha como pertencentes lhes foi tirada, por mais que se mantenham dentro do território paulistano, e foram alocados em um local com a funcionalidade de descarte.

Quanto aos aspectos da infraestrutura urbana, ela também cria a exclusão no momento que prioriza o advento do carro, no momento que a cidade se molda para dar e criar espaços mortos para esse tipo de transporte privado, precarizando o transporte coletivo e diminuindo sensivelmente a mobilidade urbana. A identidade nesse ponto, na perspectiva de pertencimento, volta-se para quem pode ou escolhe ter esse meio de transporte privado. Não que o mesmo não seja válido, mas, quando a maioria não o utiliza, apesar da estrutura da cidade se voltar a isso, está se criando a exclusão.

Se você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo de previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori. O significado da "identidade de subclasse" é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do "rosto" - esse objeto do dever ético e da preocupação moral. Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas. (BAUMAN, 2005, p. 46)

Nesse aspecto, mesmo que novos espaços sejam incorporados ao território, a cidade com sua política de exclusão cria locais de descarte, daqueles que não são inseridos dentro dos discursos econômicos, organizacionais e culturais que o decadente Estado Moderno exige.

Assim, a cidade vai sempre expandindo, incorporando novas áreas e sempre segregando os seus moradores de acordo com a estratificação social. (SANTOS apud SANTOS, 2009a, p. 72)

Esse processo de segregação é incorporado ao território, mas fica marcado pela infraestrutura da cidade e pela funcionalidade que determinados locais recebem. A exclusão consequentemente designa um sentimento de **não pertencimento**. Se não pertenço a um território também não necessito pensá-lo, não necessito tentar mudá-lo para que seja melhor, pois já fui excluído *a priori*. Passar horas dentro de um transporte público ineficiente, estar sujeito aos problemas de inundações e não possuir espaços de lazer, como um parque, não irá, certamente, fazer com que a população se sinta parte da cidade.

Sem o sentimento de pertença ligado à noção de território, não é possível que se organize uma identidade para a cidade de São Paulo. A escolha por esse território e o sentimento de pertença é que são essa identidade, que deve ser fluída e estar em constante remontagem, com fragmentações novas e também outras colas. Além disso, por ser a identidade uma escolha (BAUMAN, 2005), as outras identidades podem coexistir e inclusive fazer parte do sentimento de pertença.

3.2 Museu de Arqueologia da Urbe

São Paulo já foi tomada por diversas ideias de transformação dos espaços culturais da cidade, principalmente em relação às representações de si mesma.

Projetos foram iniciados e não concluídos, deixando um legado riquíssimo de conceitos e proposições para expor o que é essa grande urbe, legitimando ou não a organização de uma identidade, de um sentimento de pertença.

Desde a inauguração do Museu Paulista, em 1895, até a proposta para implantação do Museu da Cidade e do Sistema Municipal de Museus, delineada a partir de 2003, a cidade tem sido alvo de vários projetos que procuram decodificar suas entranhas culturais, as suas razões patrimoniais e, especialmente, os seus caminhos interpretativos [...]. (BRUNO, 2004, p. 24)

Franco (2009) também indica essa variedade de projetos, afirmando que a cidade possui "um significativo conjunto de instituições culturais esparsas por seu território que referenciam segmentos, partes, frações dessa história sem, contudo, compor um plano emblemático". Ou seja, os espaços para representação de si existem, mas parecem não se conectarem, há uma desintegração que segue a fragmentação ao menos conceitual do território urbano. Outro ponto indicado por Franco (2009), é que as representações empreendidas aqui oscilaram entre a cidade e o nacional, esse último se sobrepondo ao outro nos discursos expositivos.

As principais iniciativas em torno do expor-se foram¹⁸:

- Década de 1930, Museu Municipal; iniciativa suspensa devido ao Golpe de Estado em 1938.
- Década de 1950, IV Centenário de São Paulo, a criação do Parque do Ibirapuera como local de memória juntamente com as casas bandeiristas; na década de 1970 foi contestado o modelo de construção histórica dessas casas, causando a descontinuidade das exposições vigentes.
- Década de 1970, Museu de Rua; dessacralizou o espaço museológico, sendo ainda adotado hoje, porém com novas aplicações.
- Década de 1980, Museu da Cidade; baseada na perspectiva de museus comunitários, tendo vários programas e estabelecendo, em 1994, o núcleo central no Solar da Marquesa de Santos.

¹⁸ Informações advindas da tese de doutoramento de Maria Ignêz Mantovani Franco (2009).

- Década de 1980/1990, Casa da Memória; levou em consideração dinâmicas variadas da cultura como: memória, política, moda, culinária, religião, etc. Tanto a propositura de Museu da Cidade e da Casa de Memória, praticamente concomitantes, que não se consolidaram plenamente.
- Década de 2000, Museu da Cidade e Expedição São Paulo 450 anos, essa proposta buscou valorizar as contribuições anteriores e ampliar o olhar sobre a complexidade territorial da cidade. Porém, em 2005, com a posse do Prefeito José Serra, o projeto sofreu interrupção, voltando o Museu da Cidade a funcionar de modo fragmentado nas casas históricas.

Hoje o chamado "Museu da Cidade de São Paulo" que se encontra espalhado por 13 diferentes espaços, apresenta a seguinte contribuição para as representações da cidade¹⁹:

Sede do Museu da Cidade	Vocação
1- Solar da Marquesa de Santos	Sede do Museu da Cidade;
2- Beco do Pinto	Abriga projetos de artistas contemporâneos desenvolvidos especialmente para o espaço;
3- Casa nº 1 / Casa da Imagem	Espaço destinado à memória fotográfica da cidade de São Paulo;
4- Chácara Lane	Gabinete do desenho;
5- Casa do Tatuapé	Atividades Socioculturais;
6- Monumento a Independência	Homenageia a independência do Brasil e abriga o mausoléu de D. Pedro I e suas esposas;
7- Casa do Grito	Incorporada ao Parque da Independência e é relacionada ao evento histórico do grito de independência;
8- Sítio da Ressaca	Destinada à memória da cultura afro-brasileira e popular;
9- Casa Modernista	Espaço de referência e estudo do Modernismo em São Paulo;
10- Capela do Morumbi	Destinado a exposições de arte contemporânea, priorizando instalações artísticas;
11- Casa do Sertanista	Destinada à instalação artística de arte contemporânea da artista plástica Sandra Cinto;
12- Casa do Bandeirante	Museu evocativo ao Bandeirante e ao período histórico dos mesmos;

¹⁹ Tabela baseada em informações do site da Prefeitura Municipal de São Paulo, <http://www.museudacidade.sp.gov.br/index.php>, acessado em 08/11/2013;

Sede do Museu da Cidade	Vocação
13- Sítio Morrinhos	Abriga a exposição arqueológica "Escavando o Passado: arqueologia na cidade de São Paulo", além do Centro de Arqueologia de São Paulo;

Tabela 7 - Espaços do Museu da Cidade de São Paulo e suas destinações;

Como é possível observar, o Museu da Cidade manteve basicamente o delineamento proposto: nas décadas de 1950, priorizando espaços ligados ao conceito da arquitetura bandeirista; e nas décadas de 1980 e 1990 onde se distribui em diferentes sedes. É possível ainda perceber resquícios da representação e do culto ao nacional dentro do que deveria ser a representação da cidade de São Paulo. Além disso, segundo as proposituras de cada um dos treze espaços, fica evidente a priorização da arte contemporânea, do bandeirante e do período relacionado a eles.

Prancha 69 - Mapa de Localização das Sedes do Museu da Cidade

É importante demonstrar esse delineamento, pois é nesse contexto que se insere o Sítio Morrinhos, local que abriga acervos arqueológicos da cidade, uma exposição sobre algumas dessas coleções e o Centro de Arqueologia de São Paulo. Sobre a Arqueologia, existem dois museus com essa temática na cidade.

Além do Sítio Morrinhos, a cidade de São Paulo sedia o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo. Apesar de encontrar-se inserido no território da cidade de São Paulo, o mesmo não desenvolve até o momento atividades e propostas expositivas vigentes voltadas para a Arqueologia Urbana paulistana. Portanto, o mesmo não será objeto de estudo do presente trabalho.

O Sítio Morrinhos, por sua vez, sendo parte do Museu de Cidade e vocacionado à Arqueologia paulistana, torna-se importante objeto de reflexão sobre os processos de musealização. Além de ser destinado à comunicação desse tema, é também detentor da grande parte dos acervos de ocorrências e sítios arqueológicos. A seguir, apresenta-se lista dos acervos encontrados na reserva técnica do Sítio Morrinhos/Centro de Arqueologia de São Paulo:

1 MORUMBI	37 LÍBERO BADARÓ
2 CASA DO ITAIM BIBI	38 CASA MATARAZZO – AV. PAULISTA
3 SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS	39 EUSÉBIO MATOSO
4 VALE DO ANHANGABAÚ	40 COOPERATIVA AGRÍCOLA DE COTIA
5 MIRIM	41 CHÁCARA BELA VISTA
6 RAMOS DE AZEVEDO	42 CASA REGENTE FEIJÓ
7 DOUTOR FALCÃO	43 CASA ANASTÁCIO
8 SENADOR QUEIRÓS	44 SEMINÁRIO EPISCOPAL
9 FARIA LIMA	45 PERUS
10 CAPELA S. SEBASTIÃO	46 MATADOURO VILA MARIANA
11 JARDIM DA LUZ	47 ESTAÇÃO DA LUZ – METRÔ
12 GUARULHOS	48 CASA DO BISPO – ANHANGUERA-GUARULHOS
13 CASA 1	49 POÇO JOÃO TEODORO – METRÔ
14 S. MIGUEL PAULISTA 1 E CASA DO FERROVIÁRIO – LINHA F. DA CPTM	50 VERGUEIRO – METRÔ L. 04
15 CAPELA DE S. MIGUEL	51 FERREIRA ARAÚJO – METRÔ L. 04
16 CAPÃO	52 LICEU – METRÔ LINHA Z
17 MORRINHOS	53 BUTANTÃ – METRÔ L. AMARELA
18 NOVA LUZ – QUADRA 090	54 CAXINGUI – METRÔ L. AMARELA
19 PINHEIROS II	55 WALDEMAR FERREIRA – METRÔ
20 BOM PASTOR	56 PRINCESA 01 – LT ANHANGUERA-GUARULHOS
21 FÁBRICA ADELINAS	57 CASA DO GRITO
22 MACKENZIE – METRÔ L. 04 AMARELA	58 FLORÊNCIO DE ABREU
23 DOMINGOS FERREIRA – METRÔ	59 FARIA LIMA 3500
24 VILA SÔNIA – METRÔ L. AMARELA	60 RESSACA
25 JOSÉ EUSÉBIO – METRÔ	61 PRAÇA DAS ARTES
26 REPÚBLICA – METRÔ L. 04	62 CASA DO TATUAPÉ
27 USE MOUMBI – METRÔ L. 04	63 CHÁCARA LANE
28 CONDOMÍNIO ITAGUAZU – LT ANHANGUERA-GUARULHOS	64 AL. SANTOS 2326
29 CTL – ECOURBIS AMBIENTAL	65 BECO DO PINTO
30 FLSC	66 PETYBON
31 CASA DO BANDEIRANTE – BUTANTÃ	67 CONGÁS
32 IGREJA DE ITU	68 CORETO DA LUZ
33 MAR VIRADO	69 PINHEIROS I
34 STA. ISABEL	70 CASA DO SERTANISTA
35 RUÍNAS DE MAIRIPORÃ	71 HORÁCIO LAFER
36 GASÔMETRO	

Essa lista dos acervos que estão na reserva técnica foi fornecida pela arqueóloga Patrícia Pontin, representante do Centro de Arqueologia de São Paulo (CASP), juntamente com a arqueóloga Paula Nishida. Destaquei alguns dos contextos arqueológicos da lista por serem os com maior divulgação, possibilitando

demonstrar a diversidade cultural que apresentam (de acordo com a numeração da lista):

Contexto Arqueológico	Números de Referência da Lista
Pré-colonial, oficina lítica	1
Unidade Doméstica (Diferentes Períodos Históricos)	2, 3, 13, 17, 18 , 19, 31, 59 e 69
Unidades Comerciais	18 e 69
Unidades Produtivas	18 , 19, 21, 46, 66
Instituições	2 e 20
Área Públicas utilizadas para Descarte	4 e 69
Religioso	15 e 17

Tabela 8 - Contextos Arqueológicos de Sítios com Acervo no CASP;

Essa diversidade demonstra como as coleções presentes no Sítio Morrinhos podem servir para versar sobre diferentes contextos e aspectos culturais da cidade de São Paulo, principalmente levando em consideração os processos de urbanização da cidade, se pensarmos esses contextos na paisagem da cidade. Destaquei novamente o número 18, correspondente à Quadra 090, pelo mesmo ter apresentado, como já exposto também no capítulo anterior, três contextos diferenciados.

Esse diagnóstico em relação às coleções serve para que possamos refletir sobre a atual exposição do Sítio Morrinhos, "Escavando o Passado: arqueologia na cidade de São Paulo", quanto à presença dessa diversidade cultural existente conjuntamente com as questões teórico-metodológicas da Arqueologia Urbana. Essa exposição foi elaborada por uma equipe de diferentes profissionais, destacando-se a arqueóloga Lúcia Juliani como coordenadora e a arqueóloga Cintia B. Simões como curadora.

O roteiro da exposição está organizado em 7 módulos: "O Sítio Morumbi", "Os Índios Ceramistas", "Aldeias e Caminhos Indígenas", "A Capela de São Miguel", "As Casas Bandeiristas", "O Sítio Morrinhos" e "O Núcleo Urbano" (Material Gráfico da Exposição, acervo do Sítio Morrinhos, **Prancha 70, 71 e 72**; Material Gráfico, Catálogo da Exposição, acervo do Sítio Morrinhos, **Anexo 3**; Áreas expositivas, **Prancha 73**).

ROTEIRO DE VISITAÇÃO

MÓDULO 5 - AS CASAS BANDEIRISTAS
O cotidiano das casas coloniais rurais, feitas de taipa de pilão, é redescoberto através dos objetos retirados do interior e do entorno dessas construções históricas.

Bolsa de couro, parte de um traje popular em Portugal nos séculos XVI e XVII - Casa do Tatuapé.
Acervo: DPH/PMSP

MÓDULO 6 - O SÍTIO MORRINHOS
As pesquisas arqueológicas realizadas no Sítio Morrinhos revelam diferentes aspectos do cotidiano vivido nesta casa bandeirista, local de intensas atividades relacionadas à moradia e produção da sociedade colonial paulista.

Base de moringa torneada com decoração incisiva
Acervo: DPH/PMSP

MÓDULO 7 - O NÚCLEO URBANO
Artefatos arqueológicos, que resultaram dos diferentes usos dados às primeiras construções do núcleo urbano de São Paulo, revelam como era a vida dos moradores e trabalhadores dessa vila colonial.

Faiança fina inglesa, técnica decorativa Borão Azul - Beco do Pinto.
Acervo: DPH/PMSP

ROTEIRO DE VISITAÇÃO

MÓDULO 1 - O SÍTIO MORUMBI
Inúmeros artefatos líticos compõem essa grande oficina de lascamento utilizada por povos caçadores-coletores que viveram na região de São Paulo em tempos pré-históricos.

Ponta de flecha unifacial
Acervo: DPH/PMSP

MÓDULO 2 - OS ÍNDIOS CERAMISTAS
A urna funerária encontrada na região do Brás, em 1896, ilustra a ocupação dos campos de Piratininga por povos indígenas horticultores e ceramistas.

Desenho Vallandro Keating, 2009

MÓDULO 3 - ALDEIAS E CAMINHOS INDÍGENAS
Os caminhos por terra - Peabirus - e por vias fluviais, e as principais concentrações populacionais redesenham o panorama da ocupação indígena em território paulista.

MÓDULO 4 - A CAPELA DE SÃO MIGUEL
Escavações arqueológicas realizadas na Capela, construída em 1622, e seus arredores localizaram objetos de uso cotidiano e também vestígios associados a sepultamentos humanos situados dentro dessa construção de grande valor histórico.

Medalha localizada em área de sepultamentos no interior da Capela
Acervo: DPH/PMSP

ESCAVANDO O **PASSADO**

ARQUEOLOGIA NA CIDADE DE SÃO PAULO

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
Prefeito Gilberto Kassab**SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA**
Secretário Carlos Augusto Calil**DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO**
Diretor Walter Pires**DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO**
Diretora Andréa de Oliveira Tourinho**MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO**
Diretora Inês Raphaelian**CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE SÃO PAULO**
Maria Lúcia Perrone de Faro Passos
Lúcia J. Cardoso Oliveira Juliani**CURADORIA**
Cintia Bendazzoli
Renata Chiatti (apoio técnico)**PROJETO, EXECUÇÃO E MONTAGEM**
Escritório Julio Abe Wakahara Ltda.

Fotografia: Claudio Wakahara

Sítio Morrinhos

Centro de Arqueologia de São Paulo
Rua Santo Anselmo, 102 / Jd. São Bento - São Paulo - SP
CEP 02525-080 / Fone: 11 2236 6121
Visitação de terça a domingo, das 9h às 17h
Entrada franca

Agendamento de visita guiada e
programação do Museu da Cidade:
www.museudacidade.sp.gov.br

Capa: Desenho de Vallandro Keating, 2009
Sítio Morrinhos e imediações do rio Tietê, baseado
em mapa de Milleville, 1891. Acervo: DPH

Realização:**CENTRO DE
ARQUEOLOGIA
DE SÃO PAULO** **DPH** DEPARTAMENTO
DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO

ÁREA EXPOSITIVA

PRANCHA 73

ESC 1/100

fonte: planta do acervo documental do Sítio Morrinhos

- O Sítio Morumbi: trata do contexto arqueológico pré-colonial de uma oficina lítica encontrada na região do bairro do Morumbi; Além de objetos em pedra lascada, esse módulo conta com uma representação do sítio arqueológico durante a escavação (**Prancha 74**). Ocupa a área central e de acesso ao museu (Área A).
- Os Índios Ceramistas: destaca uma urna funerária tupi-guarani encontrada na região do Brás em fins do século XIX, sendo peça única desse módulo (**Prancha 75**). Ocupa a área central posterior (Área B).
- Aldeias e Caminhos Indígenas: não possui acervo associado sendo composta apenas por informações textuais que também constam no material gráfico da exposição (**Anexo 3**, p. 14 e 15). Ocupa a área central posterior direita (Área C).
- A Capela de São Miguel: acervo relacionado à capela do século XVII, entre os quais objetos cotidianos e vestígios relacionados a sepultamentos humanos (**Prancha 76**). Ocupa a área central posterior esquerda (Área D).
- As Casas Bandeiristas: acervo relacionado aos trabalhos de arqueologia realizados nas casas bandeiristas, empreendidos principalmente pela arqueóloga Margarida Andreatta (**Prancha 77**). Ocupa a sala posterior esquerda (Área E).
- O Sítio Morrinhos: apresenta acervo relacionado aos dois períodos de ocupação do local, o primeiro que o caracteriza como casa bandeirista e posteriormente a utilização pelos monges beneditinos (**Prancha 78**). Ocupa a sala direita (Área F).
- O Núcleo Urbano: acervo relacionado às escavações realizadas nas primeiras construções do núcleo urbano de São Paulo - Casa da Rua Florêncio de Abreu, Casa nº 1, Solar da Marquesa de Santos e Beco do Pinto - (**Prancha 79**). Ocupa a sala frontal esquerda (Área G)

ÁREA EXPOSITIVA A

PRANCHA 74

fotos: Piero Tessaro

ÁREA EXPOSITIVA B

PRANCHA 75

fotos: Piero Tessaro

ÁREA EXPOSITIVA D

PRANCHA 76

fotos: Piero Tessaro

ÁREA EXPOSITIVA E

PRANCHA 77

fotos: Piero Tessaro

ÁREA EXPOSITIVA F

PRANCHA 78

fotos: Piero Tessaro

ÁREA EXPOSITIVA G

PRANCHA 79

fotos: Piero Tessaro

Em consonância com as demais proposições do Museu da Cidade, fica clara a predominância do núcleo central, na discussão sobre o urbano, tratar os períodos coloniais, os bandeirantes e por fim o mito fundador da cidade.

Conjunto expressivo de peças desta exposição foi recuperado nos sítios arqueológicos das chamadas casas bandeiristas, que constituem um acervo arquitetônico de valor reconhecido por tombamento federal, estadual municipal. (PIRES, Walter; Material Gráfico, Catálogo da Exposição, acervo Sítio Morrinhos, p. 5)

Está mostra também aborda o modo de vida da São Paulo histórica, cujo o cotidiano se vê redescoberto e retratado pelos objetos retirados das escavações das antigas Casas Bandeiristas e de outros edifícios de grande valor histórico e cultural. (Material Gráfico, Catálogo da Exposição, Introdução, acervo Sítio Morrinhos, p. 6)

Além do direcionamento e reconhecimento por aspectos específicos da história paulistana, a exposição se organiza de maneira linear e fragmentada, o que demonstra apenas um aspecto da Arqueologia Urbana, a arqueologia *na* cidade, deixando de lado a arqueologia *da* cidade e *para* a cidade. Considerando que a exposição é do ano de 2010, pode-se dizer que a mesma não deu a devida atenção à produção científica da arqueologia paulistana, pois principalmente arqueólogos como Paulo Zanettini e Lúcia Juliani já utilizavam essas abordagens. Também na introdução do catálogo da exposição, podemos observar esse direcionamento, pois "A exposição 'Escavando o Passado: arqueologia na cidade de São Paulo' tem por objetivo divulgar as descobertas arqueológicas realizadas **no** município de São Paulo" (destaque nosso).

No entanto, é importante na exposição a representação do período pré-colonial, com a presença do acervo do Sítio Arqueológico Morumbi e da Ocorrência Arqueológica da Urna funerária do Brás. Por ser o acesso expositivo através desses contextos diminutos, os mesmos não passam despercebidos, algo que poderia ocorrer se os mesmos estivessem ocupando alguma sala lateral. Nesse aspecto, a própria disposição da exposição conseguiu exercer um equilíbrio sobre seu aspecto linear e fragmentado.

O edifício do Sítio Morrinhos conta ainda com outros espaços que não estão ligados diretamente à exposição:

- Recepção: localizada na área central frontal (Área H);
- Sala do Educativo: localizado na sala frontal direita (Área I);
- Arquivo Documental: localizado no mezanino (não está presente na planta, mas encontra-se sobre a parte central posterior inteira e salas frontal e posterior esquerdo, o mesmo não é parte integrante do edifício original);
- Sala do Primeiro Piso: localizado sobre a sala posterior direita, parte da edificação com acesso apenas por escada (Área J);
- Banheiros e Copa: localizados a esquerda da edificação principal (Áreas K e L);
- Jardim Interno: área localizada entre muros separando a edificação principal e os anexos (Área M);
- Centro de Arqueologia de São Paulo: primeiro anexo localizado a esquerda do jardim interno e com mezanino adicionado (Área N);
- Reserva Técnica: anexo à esquerda do CASP (Área O);

Pranchas 80 e 81

Os espaços do Arquivo Documental, Educativo, Centro de Arqueologia de São Paulo e Reserva Técnica vêm complementar esse espaço museal, como base de apoio para a reflexão museológica que se reflete na exposição. Nesse princípio, compreende-se a principal missão do espaço: "constituir-se enquanto espaço de memória e reflexão sobre a arqueologia paulistana e suas descobertas científicas" (Material Gráfico, Catálogo da Exposição, acervo do Sítio Morrinhos, p. 6).

Considerando a tríade museológica proposta por Guarnieri (2010), e Varine-Bohan (2008), **homem X objeto X cenário**, percebe-se que a atual exposição do Sítio Morrinhos ficou apenas no objeto, apesar de ter em sua missão e suas bases o material necessário para que essa tríade museológica funcione. Esse aspecto compõe a reflexão a seguir, buscando resgatar os alicerces da Arqueologia Urbana e de uma arqueologia com a cidade.

SÍTIO MORRINHOS

PRANCHA 80

fotos: Piero Tessaro

SÍTIO MORRINHOS

PRANCHA 81

3.3 Pedacos Propondo uma Discussão

Pedaços, fragmentos e partes são os objetos utilizados nessa pesquisa, pois como no contexto arqueológico, lidamos com uma amostragem de uma totalidade; "coisas" se perdem no processo de preservação do contexto arqueológico. Por isso tratar de uma megacidade como São Paulo, é refleti-la a partir de uma amostragem.

Em nosso mundo de hoje, quando, mais do que nunca, os objetos intermedeiam nossas ações, as grandes cidades frequentemente nos aparecem como monstruosas, intratáveis, ameaçadoras da integridade social e individual, pelo fato de que elas separam em lugar de unir e nos deixam a impressão de que empobrecem a vida cotidiana ao invés de melhorá-la. (SANTOS, 2009a, p 11)

Assim, como explicitado, o hibridismo que se configura entre o globalizado e o Estado Moderno gera um variedade de possibilidades identitárias, que se articulam através do pertencimento e do não pertencimento, gerando a impressão de fragmentação, o empobrecimento da vida cotidiana, como indica o texto de Milton Santos acima exposto. Mas antes da existência da exclusão através da identidade, temos um espaço, um território que é pensado e materializa essa fragmentação, quando, ao invés disso, ele é um e fazemos uma escolha por ele.

Nesse contexto, defendo que o museu é um espaço social onde identidades são buscadas. Portanto, um espaço que pode e deve ser utilizado para pensar a escolha, o território e por conseguinte o que se almeja em relação a ele. Essa discussão é entrelaçada com o objeto de estudo museológico, **objeto X homem X cenário**. E se esse local de discussão, vai apresentar argumentos museológicos sobre o cenário, através de objetos e na relação que isso terá com o homem, estamos inevitavelmente atrelados a questões identitárias.

Quer dizer que a identidade tem um caráter orgânico (ou sistemático) de permanência, de resistência e de continuidade (jamais de eternidade), que impõe suas marcas, seus registros na memória coletiva. Essa memória, por sua vez, não é somente passado (perspectiva) mas o registro do presente e a possibilidade do futuro (prospectiva). (GUARNIERI, 2010, p. 177)

Aqui o encontro entre arqueologia e museologia impõe ao fazer arqueológico a questão de futuro, muitas vezes deixada de lado pelos arqueólogos. Para o encontro dos caminhos, de ambas as Ciências, resultando na musealização da arqueologia é imprescindível que nos utilizemos do passado que se encontra disfarçado, do presente de maneira crítica e do futuro que se almeja.

Tratando-se de uma musealização ligada ao conceito de Museu da Cidade temos como base o representante existente em São Paulo, que se caracteriza por 13 sedes, cada uma com seu conteúdo. Essas sedes são, ao menos conceitualmente, integrantes de uma rede de museus, porém, sem uma sede central que poderia conter a diversidade das demais. Em um plano ideal, a existência de um sede central seria importante por conter um pouco do que está sendo apresentado nas outras unidades, ou para direcionar um plano comum entre todas; além disso, esse núcleo serviria como uma possibilidade de levar os visitantes a interessarem-se pelas outras sedes com suas especificidades, não só por seus conteúdos diferentes, mas por localidades diferentes da cidade. Complementar-se-ia a isso se cada uma dessas unidades também pudesse conter um espaço expositivo temporário para constantemente receberem conteúdos umas das outras, gerando um circuito expositivo, que levaria ao conhecimento dos visitantes a existência das demais sedes.

Apesar de considerar essa perspectiva como um ideal, não cabe aqui uma discussão aprofundada sobre esse aspecto, mas ele serve para compreender algumas escolhas relacionadas à proposta museológica para o Sítio Morrinhos. Outra questão relacionada ao conteúdo da exposição, é que a concepção da mesma se deu baseada majoritariamente nas reflexões em torno do Sítio Arqueológico Quadra 090; algumas indicações já efetuadas sobre outros contextos arqueológicos integram de modo comedido a proposta. Esses demais sítios e ocorrências que se encontram na reserva técnica do Centro de Arqueologia de São necessitariam uma análise mais detalhada dos mesmos, o que não caberia à presente pesquisa de mestrado que optou pela Quadra 090 para refletir sobre a musealização da arqueologia urbana. Esse é um princípio do caminhar na direção dessa ação de encontro entre Museologia e Arqueologia.

Assim, a proposta museológica que será apresentada organizou-se a partir da seguinte estrutura:

- Introdução
- Tema e conceito gerador
- Argumentos
- Justificativa
- Objetivos
- Roteiro Temático
- Croqui de espacialização
- Descrição expográfica

Essa estrutura também foi elaborada levando em consideração a missão do Museu da Cidade Sítio Morrinhos:

A sua principal missão é constituir-se enquanto espaço de memória e de reflexão sobre a arqueologia paulistana e suas descobertas científicas.²⁰

Seguimos a partir dessas considerações com a proposta museológica para o Sítio Morrinhos/Centro de Arqueologia de São Paulo.

Pedaços de um Paulicéia Espalhados pela Urbe

Introdução

A cidade de São Paulo é um grande centro urbano, denominada por pesquisadores que se debruçam sobre ela como uma megalópole. Vários são os níveis de representação dessa Paulicéia, portanto, a existência de uma rede de

²⁰ Material Gráfico, Catálogo da Exposição, acervo Sítio Morrinhos, p. 6

museus, conhecida como Museu da Cidade, contribui para expressar essa diversidade. A unidade, Sítio Morrinhos, delineou-se como o espaço de expressão da arqueologia paulistana, tendo a frente dessa especificidade as pesquisas arqueológicas que geraram conhecimento acerca do que se encontra sob e sobre o solo. É nesse espaço que se materializa, através dos acervos arqueológicos, o encontro entre passado e presente de São Paulo, buscando com isso sonhar com um futuro. Esse último, só existe se exercermos mudanças no presente considerando a maneira como olhamos para o passado.

A exposição do Sítio Morrinhos nos leva a fazer uma "Arqueologia com a Cidade", onde contexto arqueológico é vivido, pensado e sentido para que possamos notar que escolhemos esse território, mas que também queremos melhorá-lo para sermos pertencentes a ele. Para isso, além dos vestígios arqueológicos e imagens, adentraremos no universo do trabalho do arqueólogo, mostrando como, dentro dessa, Ciência transformamos os objetos do passado em objetos que falam do presente.

Tema e Conceito Gerador

Arqueologia com a Cidade de São Paulo, como o encontro entre passado, presente e futuro. Juntando os pedaços que formam essa grande urbe para viver, sonhar e agir.

Argumentos

Pesquisa Arqueológica: esse aspecto serve como ponto de partida, com a ideia de demonstrar o trabalho arqueológico em diferentes aspectos, mostrar como é exercido o pensamento no conceito de "arqueologia com a cidade". Assim, mostra-se o contexto arqueológico e os vestígios exumados; a interpretação desses dados e a recolocação dos mesmos no contexto vivo (contexto sistêmico), dando uma nova funcionalidade para objetos e aspectos da paisagem urbana. Devido a especificidade da Arqueologia Urbana, congrega-se aqui o aspecto da cidade em pedaços, mas pensada com um lócus único, já que os pedaços são abrangidos pelo processo de urbanização.

Território: dando sequência à indicação de pedaços com um denominador comum, a urbanização, que acontece em um cenário, ou território. Esse é composto por uma diversidade de aspectos, além da diversidade cultural e identitária. O denominador comum é a representação das escolhas do indivíduo por esse espaço, seja por questões históricas, econômicas ou sentimentais.

Problemas da urbanização: o processo de urbanização, relacionado às relações de poder que se criam em torno dele, acaba criando problemas ligados ao cotidiano da cidade. Três questões são levantadas nesse aspecto, "a relação do homem com o lixo", "a infraestrutura urbana" e "questões de identidade"; essas três feições do processo de urbanização paulistano estão ligadas ao sentimento de pertencimento ou não desse território.

Possibilidade de futuro: se através da escolha desse território os indivíduos se tornam parte dele - uma vez que território só existe na ideia de que o mesmo é pensado e partilhado culturalmente - cabe exercer por essa sociedade, continuamente a reflexão em torno do que se deseja. A possibilidade de resolução dos problemas urbanos deve ser almejada como parte do sentimento de pertencimento.

Justificativa

A Arqueologia Urbana se configura como uma das formas de se analisar as cidades e seus processos de urbanização. Nessa característica, a mesma, se coloca de forma interdisciplinar como observadora crítica do passado que torna-se presente através do desenvolvimento de sua pesquisa; mais do que analisar os contextos que estão sob o solo, ela busca também compreender o que está sobre ele. Assim, o contexto que uma vez era vivo, contexto sistêmico, tornou-se contexto arqueológico pela ideia de abandono. Uma vez que o arqueólogo está exumando esse contexto arqueológico, ele está o recolando novamente em um contexto sistêmico, ou seja, dando uma nova funcionalidade ao que encontra.

Na cidade de São Paulo, esses contextos recolocados, encontram-se depositados no Centro de Arqueologia de São Paulo, pelo menos em sua grande maioria. Para que os mesmos possuam em si uma nova funcionalidade é necessário

que eles sejam utilizados pela sociedade, a fim de que não se tornem novamente um contexto de abandono na reserva técnica de um museu.

Essa nova funcionalidade dos acervos e documentações arqueológicas tem a capacidade informativa sobre a cidade, uma vez que foram metodologicamente resgatados dentro da ideia de compreensão do processo de urbanização paulistano. Em suma, eles possibilitam que a cidade possa ser observada com um olhar crítico em relação ao seu crescimento e transformações. Tendo nessa característica o intuito de fazer compreender que a diversidade e fragmentação são inevitavelmente partes integrantes desse território, assim como a sociedade que o vivencia. Gera-se nisso o sentimento de pertencimento, necessário para pensar novas mudanças e transformações capazes de resolver problemas que são gerados no processo de urbanização.

Sem se apoiar no projeto de dar uma nova funcionalidade aos vestígios do passado no presente, a Arqueologia não teria um sentido social e, portanto, a sua essência como uma Ciência Social e Humana estaria perdida. A capacidade informativa e transformadora que ela possui complementa-se com essa mesma capacidade de outras Ciências que também buscam compreender a cidade. Assim a comunicação é intrínseca à competência, ao devir da Arqueologia e demais Disciplinas.

Objetivos

Objetivo Principal:

Exercer um arqueologia com a cidade, demonstrando o passado que discute o presente para estabelecer o almejar do futuro.

Objetivos específicos:

- Entender como o arqueólogo urbano lê a cidade;
- Mostrar a diversidade cultural que integra o território da cidade de São Paulo, levando em consideração passado e presente;
- Articular o processo de desenvolvimento urbano com os contextos arqueológicos paulistanos;

- Problematizar a urbanização da cidade;
- Discutir as relações do homem com o lixo;
- Discutir a infraestrutura urbana e seu impacto na sociedade;
- Discutir a identidade da Paulicéia;
- Incentivar o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento;
- Almejar um futuro para a cidade de São Paulo com a resolução de problemas urbanos;
- Possibilitar o uso do espaço para pesquisa e lazer;
- Possibilitar que o Sítio Morrinhos seja um espaço de representação da cultura paulistana;

Roteiro Temático

Módulo 1: Arqueologia com a Cidade

Módulo 2: A Diversidade no Território Paulistano

Módulo 3: O Processo de Urbanização e os Sítios Arqueológicos Urbanos

Módulo 4: Problemas gerados pela urbanização

Módulo 5: O Homem e o Lixo na Paulicéia

Módulo 6: Transformações Urbanas e Impactos na Sociedade

Módulo 7: Identidades na Urbe

Módulo 8: Pertencimento, sentimento de resolução para um futuro

Módulo 9: Exposições Temporárias

Módulo 10: Laboratório e Reserva Técnica

Croqui de Espacialização (Prancha 82)

Descrição Expográfica

Módulo 1: Arqueologia com a Cidade

Nesse módulo pretende-se mostrar o trabalho dos arqueólogos, suas metodologias de pesquisa frente às atividades de campo e de laboratório. Essa representação ainda deve estar marcada por alguns conceitos que serão desenvolvidos nos demais módulos temáticos da exposição; assim, utilizar-se-á a ideia de que os objetos do passado fazem parte do presente, mas não mais com suas funcionalidades passadas. Para buscar isso serão utilizados dois aspectos: a história de uma peça arqueológica, sua exumação, o contexto arqueológico onde foi encontrada, seu registro, análise e musealização; posteriormente, com a utilização de um frasco do Sítio Quadra 090, irá se mostrar o processo de remontagem da peça e a tentativa de utiliza-la, demonstrando que sua funcionalidade passada existe apenas como um essência e que agora há a necessidade de se ressignificar o material. Para essa expografia recomenda-se a utilização dos seguintes materiais: vídeos, fotografias, iluminação, painéis e vitrines com as duas peças arqueológicas que foram utilizadas nos vídeos e fotografias.

Módulo 2: A Diversidade no Território Paulistano

Aqui é proposto que o visitante tenha contato com a diversidade cultural do território paulistano, buscando mostrar como há escolhas relacionadas a esse espaço culturalmente construído e transformado. Além disso, é proposto que esse espaço seja (des)organizado de maneira lúdica para atingir do público infantil ao adulto. Será um jogo de encaixe que se estabelece entre uma linha do tempo e os objetos arqueológicos e objetos cotidianos. Os seguintes materiais são propostos: linha do tempo do presente ao passado disposta no piso, painéis, vitrines, peças arqueológicas de diferentes representações culturais (líticos, cerâmicas indígenas e materiais históricos), peças do cotidiano e que possam ser confundidas ou até mesmo ligadas ao material que é arqueológico (louças, cerâmicas, plásticos, metais) e iluminação.

Módulo 3: O Processo de Urbanização e os Sítios Arqueológicos Urbanos

Esse módulo propõe mostrar através de mapas a evolução urbano territorial da cidade de São Paulo e também a localização dos sítios e ocorrências arqueológicas com a indicação cronológica dos mesmos. Além disso, poderá conter a dispersão populacional, conforme o período de cada mapa e informações, quando possível, da densidade populacional. Para isso é proposto a utilização de: painéis e iluminação.

Módulo 4: Problemas gerados pela urbanização

Para esse espaço temático serão apontados problemas gerados pela urbanização paulistana como por exemplo: a infraestrutura urbana debilitada pela mobilidade e por inundações; e produção de lixo e espaços de descarte. Além disso, já se colocará de modo sintético os temas dos três módulos seguintes a partir do contexto arqueológico, mostrando a ligação que foi efetuada. O material proposto para esse espaço são: painéis, representação de uma lixeira arqueológica, representação de uma estratigrafia urbana e iluminação.

Módulo 5: O Homem e o Lixo na Paulicéia

Propõe-se que esse módulo aprofunde o aspecto indicado no módulo anterior sobre a questão do lixo. Para isso será utilizado a representação de uma lixeira da Quadra 090 e as denominações do local onde está esse sítio arqueológico, "Cracolândia" e "Boca do Lixo", caracterizando porque ele é considerado um lugar de descarte humano. A ideia central desse módulo é questionar como as práticas de higiene se desenvolveram até o ponto de descartar-se seres humanos e o que consideramos como lixo. Material indicado: representação de uma das lixeiras da Quadra 090, materiais arqueológicos que caracterizam-se por um aspecto econômico abastado, painéis e iluminação.

Módulo 6: Transformações Urbanas e Impactos na Sociedade

Dando continuidade aos apontamentos do Módulo 4, retoma-se a representação da estratigrafia de sítios arqueológicos urbanos que mostram a evolução urbana; a sobreposição de pisos e a priorização do concreto e do asfalto. Tendo como apontamento central o questionamento dessa evolução urbana que priorizou a higienização da natureza e o carro, construindo uma infraestrutura excludente. Poder-se-ia também utilizar a vista da cidade que o Sítio Morrinhos possui na parte dos fundos do edifício. Material proposto: representações de estratigrafias arqueológicas urbanas, painéis, vista da cidade e iluminação.

Módulo 7: Identidades na Urbe

Direcionando-se para o final da exposição, esse módulo irá fechar o que foi colocado pelos Módulos 5, 6 e 7. Além disso, propõe uma retomada da questão da diversidade no território urbano, que foi abordada no Módulo 2. Problematisa-se o que é a identidade do paulistano e como ela pode ser causa de exclusão em um território compartilhado pela diversidade. Materiais indicados: materiais arqueológicos representantes da diversidade cultural, painéis, vitrines e iluminação.

Módulo 8: Pertencimento, sentimento de resolução para um futuro

Esse módulo será concluinte do conceito de **Arqueologia com a Cidade** e buscará mostrar, com base no que foi mostrado até então que viver no território da Cidade de São Paulo é uma escolha e que, portanto, todos somos pertencentes e responsáveis por ele. Ele também será um espaço de proposição do que se almeja para essa megalópole. Materiais: painéis, iluminação e painel interativo.

Módulo 9: Exposições Temporárias

Esse módulo destina-se a receber pequenas exposições das outras sedes do Museu da Cidade de São Paulo, exposições de trabalhos arqueológicos que estão ocorrendo, mostra de projetos urbanos que estão em planejamento e exposição

sobre assuntos da região onde se encontra o museu. Todas essas propostas terão tempo de duração curtos, possibilitando a frequente renovação.

Módulo 10: Laboratório e Reserva Técnica

Esse módulo é uma alternativa de dar continuidade à demonstração do trabalho arqueológico e incluindo também as atividades e espaços do museu que não se encontram na exposição. A perspectiva desse módulo é valorizar o trabalho de arqueologia e o do museu. Devido às questões do cotidiano, tanto do museu quanto das pesquisas arqueológicas esse módulo pode ter uma frequência de utilização diferenciada em relação aos outros módulos.

Outros espaços do Museu podem vir a ser utilizados com o propósito de comunicação e apoio à exposição "Pedaços de uma Paulicéia Espalhados pela Urbe" (as referências dos mesmos encontram-se também no croqui de espacialização):

- A. Área de recepção e acolhimento dos visitantes;
- B. Balcão de Informações e Educativo;
- C. Jardim interno, pode ser utilizado para mostrar uma escavação arqueológica e local de lazer;
- D. Toda a área externa à edificação pode ser utilizada para uma trilha, discussão sobre natureza²¹ e lazer;

²¹ Essa proposta é da arqueóloga Paula Nishida, responsável pelo Sítio Morrinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminhar por diferentes caminhos é o que propus, vivenciar a cidade de São Paulo, buscando não só perceber o que se encontra espalhado por ela, mas pensá-la, sentir pertencente, assumindo uma escolha. Esse andar me mostrou como essa megalópole se comporta, transforma e muda no seu desenvolvimento urbano. Contendo dentro de si, a cidade paulistana, diversidade e fragmentação que a torna tão específica culturalmente. Há nesse território, onde está contida essa diversidade cultural, uma essência viva das escolhas passadas em um presente necessário da atitude do sonhar com um futuro. Um por vir que deve começar a sua construção agora e que busque incluir a diversidade presente e que virá.

As andanças trouxeram consigo diferentes elementos sobre a Paulicéia, mas principalmente os relacionados à Arqueologia e à Museologia executada nesse território. Mas esses não foram os únicos caminhos tomados para compreender a urbanização paulistana, outros caminhos foram tomados em certos instantes, porém, todos os caminhos culminaram na construção do caminho escolhido, **Musealizar a Arqueologia Urbana**.

Como suporte para essa experiência, utilizou-se o Sítio Arqueológico Quadra 090, pesquisado pela empresa de arqueologia preventiva Zanettini Arqueologia nos anos de 2009 e 2010. Não só o contexto arqueológico demonstrou o potencial para discutir a urbanização da cidade de São Paulo, como o contexto sistêmico da região onde se localiza a Quadra 090; fixada entre as ruas Aurora, do Triunfo, dos Timbiras e dos Andradas, nesse espaço da cidade que é pejorativamente conhecido como "Cracolândia" e "Boca do Lixo", próximo a Estação da Luz, no centro da urbe.

O suporte da experiência complementou-se com a existência do Sítio Morrinhos - Centro de Arqueologia de São Paulo (Unidade do Museu da Cidade, Departamento do Patrimônio Histórico, Prefeitura Municipal de São Paulo). Uma instituição vocacionada a receber coleções arqueológicas e divulgar o conhecimento gerado pela arqueologia paulistana. Um espaço de pesquisa, de fruição e de expressão cultural da cidade. Espaço que possibilitou a proposição museológica

com base nas interpretações feitas sobre a Quadra 090 e demais contextos arqueológicos da cidade de São Paulo.

Para iniciar foi apresentada as características teóricas e metodológicas da Arqueologia Urbana e como a mesma, apesar de ter sido gestada pela Arqueologia Histórica, não deve ser pensada como uma parte de sua progenitora; uma vez que a Arqueologia voltada para contextos urbanos pode deparar-se tanto com contextos históricos como pré-históricos. Por estarem esses contextos, indiferente da filiação temporal, dentro de um território sujeito a um desenvolvimento urbano, os mesmos constituem parte importante da compreensão do que é a cidade. Considera-se nesse ponto, que o passado tornou-se presente através de vestígios, portanto, parte integrante do presente.

Pondera-se, nesse aspecto, que ao tratarmos de um sítio arqueológico na cidade, também estamos abordando ela como um *locus* único. Dessa ideia que surgem as conceituações: arqueologia *na* cidade, arqueologia *da* cidade e arqueologia *para* a cidade (SALWEN, 1978; STASKI, 1987; 1999; 2008; JULIANI, 1996; ZANETTINI, 2005; 2006; BAVA DE CAMARGO, 2009; SOUZA, 2010). Essas conceituações fazem parte da construção do que é a Arqueologia Urbana Paulistana.

Assim como o contexto estrangeiro, no caso paulistano, a Arqueologia Urbana é filha da Arqueologia Histórica e teve suas primeiras incursões mediadas pela arqueóloga Margarida Andreatta; sob os auspícios dela que formaram-se arqueólogos como Paulo Zanettini, Lúcia Juliani e Rafael de Abreu e Souza, que utilizam-se das conceituações da arqueologia *na*, *da* e *para* a cidade. Além deles outros arqueólogos com diferentes formações - entre contextos históricos e pré-coloniais - estiveram a frente de pesquisas arqueológicas no Município de São Paulo.

As pesquisas que se desenvolveram nesse *locus*, trouxeram o que estava sob o solo para mostrar a diversidade cultural que compõe esse território, como por exemplo o sítio lítico Morumbi, as ocorrências de cerâmicas indígenas e demais representações do período histórico. Através desses contextos arqueológicos da cidade é possível ver a diversidade cultural que construiu e está presente nesse território.

Variedade cultural que fica evidente também quando buscamos amparo do que se desenvolveu na conjuntura museológica paulistana. Apoiada pelos conceitos da Sociomuseologia - que objetiva de forma interdisciplinar o desenvolvimento de onde atua (WICHES, 2009) - a principal propositura já ocorrida na cidade de São Paulo, o Museu da Cidade, foi amparado pela experiência da "Expedição São Paulo 450 anos" (FRANCO, 2009) e pelo conceito de território; esse projeto almejava a conexão de diferentes conhecimentos para a representação da cidade. No entanto, devido a questões de cunho político da Prefeitura Municipal de São Paulo, a troca de prefeitos entre os anos de 2004 e 2005, esse projeto não foi levado adiante. Atualmente o Museu da Cidade é baseado em exposições individuais nas 13 unidades que o compõe, dentre elas o Sítio Morrinhos.

Alguns exemplos de Museus de Cidade, demonstram como é possível convergir esse espaço de comunicação dentro da perspectiva de interdisciplinaridade e também como local de cultura e lazer. O caso do *Museum of the City of New York*, por exemplo, utiliza-se do seu espaço para representações do desenvolvimento urbano histórico, o presente da cidade - como ações ativistas - e os projetos de infraestrutura que estão sendo propostos.

Se a interdisciplinaridade é um aspecto tanto da Arqueologia como da Museologia, é imprescindível, que uma proposta de musealização da arqueologia busque em outros conhecimentos indicações para a interpretação sobre o território urbano. No caso da cidade de São Paulo, para chegar a uma compreensão do seu desenvolvimento, diversidade, fragmentação e identidade, buscou-se na História, Geografia Urbana, Sociologia, Antropologia bases de sustentação para a explanação do que é São Paulo. Além disso, os exemplos de ativismo presentes nas atuais circunstâncias da cidade, possibilitaram o confronto com o que foi descoberto pela arqueologia na Quadra 090.

Optou-se, assim, por uma pesquisa pautada pelo conceito de Ciência Social Nômade (GARCÍA CANCLINI, 2011) capaz de transitar por diferentes conhecimentos. Esse processo, mostrou como com a abertura dos limites científicos, de cada área de conhecimento, é possível ressignificar o papel social de cada uma dessas disciplinas sem, no entanto, deixar a essência de cada uma delas viva. Utilizar essa metodologia é se manter atualizado frente às características culturais

no mundo líquido (BAUMAN, 2013), algo necessário onde estruturas, discursos e *habitus* (FOUCAULT, 2007; BOURDIEU, 2009) se tornam fluidos.

Como objeto de estudo para iniciar a colocada em prática dessas referências teórico-metodológicas foi escolhido o Sítio Arqueológico Quadra 090. Apesar de ter sido promovida a sua pesquisa no âmbito da Arqueologia Preventiva esse elemento tem as qualidades necessárias para o estudo pautado pelos parâmetros expostos; mostrando com isso que trabalhos arqueológicos desse meio possuem condições para questionar o presente (HODDER, 2003) e cumprir, portanto, com a sua função social frente a sociedade detentora desses bens arqueológicos.

A Quadra 090 como ponto de partida para a reflexão da cidade apresentou uma diversidade de contextos do ponto de vista material, estrutural²² e temporal. Sendo registrada a presença de lixeiras construídas em alvenaria e bolsões de lixo relacionados às práticas cotidianas de higiene, também relacionadas aos materiais de boticas e farmácias encontrados; além disso, as camadas estratigráficas que mostram a evolução urbana e a priorização do asfalto e do concreto; e a caracterização paisagística culturalmente construída sobre o solo como um local de descarte. A análise desses materiais e registros arqueológicos, mesmo que considerando a individualidade do observador numa perspectiva fenomenológica (MERLEAU-PONTY, 2007; 2011) contribui para a compreensão dos dados, uma vez que mesmo com esse ponto relativista estamos ligados por um denominador comum que é a linguagem (LACAN, 2008; FREUD, 2010; FOUCAULT, 2007).

Como estamos à frente desse denominador comum e compreendendo que a análise do passado se dá com parâmetros do presente, uma vez que somos nós quem impomos perguntas aos objetos (LACAN, 2008), cabe utilizar as respostas como possibilidade de crítica do presente (HODDER, 2003). Junta-se a isso, o dever social arqueológico como Ciência Social e Humana. Nesse aspecto, e levando em consideração a proposta conceitual de contexto arqueológico e contexto sistêmico (SCHIFFER, 1995), a Arqueologia está colocando os vestígios do passado em um contexto sistêmico presente através da ressignificação. Assim, no processo de ressignificar, estamos dando uma nova funcionalidade aos registros e materialidade do passado. Fica implícito nessa questão que apenas depositar o acervo

²² Estrutural aqui é utilizado em referência a aspectos construtivos e edificados.

arqueológico em um reserva técnica, desmerecendo sua utilização, é novamente colocá-lo em um contexto arqueológico, em um contexto de abandono, é retirar a vida e a função que lhe foi dada na exumação.

Buscando congregar essa nova funcionalidade, da Quadra 090, ao contexto sistêmico onde foi depositada, o Sítio Morrinhos - Centro de Arqueologia de São Paulo, ocorreu o encontro entre Museu e Coleção Arqueológica, comunicação e conhecimento. Para isso e com base nas análises arqueológicas e nos contextos paulistanos apresentados inicialmente, foram interpretados três temas, que posteriormente tornaram-se argumentos para uma proposta museológica.

A primeira interpretação se pautou por dois aspectos percebidos na Quadra 090, o cotidiano passado relacionado ao lixo e o cotidiano presente relacionado ao local do sítio arqueológico que se configura como lugar de descarte humano (BAUMAN, 2009). Desse modo, pode-se analisar o desenvolvimento da ideia de higiene e como a mesma chega a se tornar um artifício de exclusão social.

Posteriormente, a explanação se deu sobre o desenvolvimento da estratigrafia da quadra. Assim, foi possível perceber a priorização de certos aspectos na infraestrutura urbana, relacionada ao uso do concreto e do asfalto: para higienizar o urbano do que é natureza; e para dar espaço ao carro privado, novamente colocando em papel de exclusão, através da mobilidade aqueles que não podem consumir esse bem.

Para finalizar foi efetuada uma síntese interpretativa dos problemas urbanos apresentados com os temas da relação do homem com o lixo e dos impactos na sociedade causados pela infraestrutura urbana. Mostrou-se como esses aspectos são causadores de exclusão e do sentimento de não pertencimento, causa da não resolução de uma identidade paulistana baseada na escolha desse território.

Na sequência abordou-se o Museu da Cidade com suas 13 unidades e em especial o Sítio Morrinhos - Centro de Arqueologia de São Paulo. Fica evidente nessa questão museológica que o primeiro não está pautado em uma ideia de representação da sociedade paulistana, uma vez que prioriza os aspectos relacionados aos bandeirantes e a motivos nacionais em detrimento dos locais. Já a unidade detentora de uma missão relacionada com a arqueologia, apresenta uma

análise de sítios e contextos urbanos em separado, desconsiderando a questão primordial da Arqueologia Urbana que é o processo de urbanização em um território.

Evidenciou-se, assim, a necessidade de uma nova proposta tanto de Museu de Cidade, que não coube a essa pesquisa apesar dos apontamentos comedidos, como para o Sítio Morrinhos - Centro de Arqueologia de São Paulo, integrante da rede de museus formadora da supra citada instituição. Para o segundo, no entanto, foi efetuada uma proposta museológica, uma vez que o mesmo converge ao encontro do objeto desse estudo.

A proposta museológica, buscou resgatar os três aspectos interpretativos sobre a cidade de São Paulo. Pois essas temáticas, que eles se tornaram, já continham em si um aspecto da sociomuseologia, que é a tríade **objeto X homem X Cenário** (GUARNIERI, 2010; VARINE-BOHAN, 2008). À sugestão expositiva cabe o papel de mediar esses três, buscando nessa relação que se estabelece buscar a representação e a identificação. Para isso é importante que se experencie, para o alcançar um gozo intelectual (WAGENSBERG, 2009).

Considerando esse último apontamento conceitual, a proposta museológica buscou conjuntamente inserir o trabalho arqueológico como parte fundamental de compreensão dos temas aventados pela arqueologia. Portanto, os módulos temáticos da exposição apresentaram aspectos do fazer arqueológico como ferramentas de experiência da leitura arqueológica interdisciplinar. É compêndio dessa conjuntura a Arqueologia, a Museologia, demais Áreas do Conhecimento e as ações ativistas que pontuaram e pontuam os problemas urbanos.

A ideia dessa propositura foi incitar um sentimento de pertencimento ao território, mostrando que o mesmo é composto pela diversidade e pelas escolhas de estarmos nele. Instiga-se assim um almejar de resoluções que faz parte do presente para construir o futuro. Ocorre assim, encontro entre passado que é presente, onde se constrói o futuro. A **musealização da Arqueologia** se complementa com um novo conceito, dessa Ciência arqueológica preocupada com sua função social, a **Arqueologia com a Cidade**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- A LASCA, (2012a). **Programa de Arqueologia Preventiva e Peritagem Arqueológica do Projeto de Reconversão Urbana do Largo da Batata, Pinheiros, no Município de São Paulo, SP**. São Paulo: Relatório Resgate da Área Localizada a Rua Teodoro Sampaio, Relatório Técnico.
- A LASCA, (2012b). **Programa de Arqueologia Preventiva Lote 2 Linha Lilás 5 – Metrô - Estação e Acesso Alto da Boa Vista**. São Paulo: Relatório Técnico.
- AGOSTINI, C. (2009) Cultura material e a experiência africana no sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens in: **Revista Topoi**, v. 10, n. 18, jan.-jun., p. 39-47. Disponível em <http://www.revistatopoi.org>, acessado em 20/06/2010.
- ANELLI, R. (2011). **Plano de Conformação da Base da Metrópole: redes de mobilidade paulistanas**. Porto Alegre: MarcaVisual.
- ARAÚJO, A. G. M.; CAMPOS, M. C.; JULIANI, L. C. O. O (2006). Departamento de Patrimônio Histórico e a Arqueologia do Município de São Paulo: 1979-2005 in **Revista do Arquivo Municipal**, n. 204, São Paulo, pp. 129-138
- AUGÉ, M. (2008) **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus.
- AUGÉ, M. (2010). **Por uma antropologia da mobilidade**. São Paulo, Maceió: Edunesp, Edufal.
- BARBER, M. (1976). The Vertebrate Fauna from a Late Eighteenth Century Well: The Bray Plantation, Kingsmill, Virginia in: **Historical Archaeology**, Volume 10, pp.68-72.
- BARBOSA, L. (2004). **Sociedade de consumo**. Zahar. São Paulo.

- BARBUY, H. (2006). **A Cidade Exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo 1860-1914**. São Paulo: EDUSP.
- BAUMAN, Z. (2005). **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BAUMAN, Z. (2007). **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BAVA DE CAMARGO, P. (2009). **Arqueologia de uma cidade portuária: Cananéia, século IX-XX**. Tese (doutorado), MAE/USP, São Paulo.
- BOSTWICK, J. A. (1980). **The Plaza II Site Excavation of a Colonial Spanish Well** in St. Augustine, Florida, *Historical Archaeology*, Volume 14.
- BOURDIEU, Pierre (1996). **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus.
- BOURDIEU, Pierre (2009). **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRUNO, E. S. (1984). **História e Tradições da Cidade de São Paulo**: metrópole do café (1872-1918). São Paulo: Editora Hucitec, volume 3.
- BRUNO, E. S. (1991a). **História e Tradições da Cidade de São Paulo**: arraial dos sertanistas (1554-1828). São Paulo: Editora Hucitec, volume 1.
- BRUNO, E. S. (1991b). **História e Tradições da Cidade de São Paulo**: burgo de estudantes (1828-1872). São Paulo: Editora Hucitec, volume 2.
- BRUNO, M. C. O. (1995). **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BRUNO, M. C. O. (1996). **Museologia: algumas idéias para a sua organização disciplinar**. Cadernos de Sociomuseologia, n.9. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- BRUNO, M. C. O. (2004). As expedições no Cenário Museal in: BRUNO, M. C. O. CAUHY, J., FRANCO, M. I. M., MAGNANI, J. G. C. & WAKARA, J. A. (Coord.). **Expedição São Paulo 450 anos** – uma viagem por dentro da metrópole. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura: Instituto Florestan Fernandes.
- BRUNO, M. C. O. (2005). Arqueologia e Antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos in **Revista do Patrimônio**, IPHAN, nº. 31, p. 235 – 247. BRUNO 2006

- BRUNO, M. C. O. (2007). **Musealização da Arqueologia** – alguns Subsídios. Texto digitado.
- BRUNO, M. C. O. (2012a). **Museologia: especificidades e delimitações do campo de conhecimento**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia – USP, Disciplina de Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos, aula (conferência oral e manuscrito).
- BRUNO, M. C. O. (2012b). **Museologia: elos do quadro referencial da disciplina**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia – USP, Disciplina de Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos, aula (conferência oral e manuscrito).
- BUSH, R. D. (2000). Interpreting the latrines of the Johnson's Island Civil War Military Prison in: **Historical Archaeology**, V. 34, Number 1.
- CALDARELLI, S. B. (2007). Pesquisa arqueológica em projetos de infra-estrutura: a opção pela preservação in: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 33, p. 153-174, 2007.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. (2008). Ondas do pensamento museológico brasileiro. Balanço sobre a produção brasileira. in: **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento** – Propostas e reflexões museológicas. São Cristovão: MAX/ UFS.
- CARVALHO, M. R. R. (1999) **Pratos, xícaras e tigelas: um estudo de Arqueologia Histórica em São Paulo, séculos XVIII e XIX**. Mestrado (dissertação), MAE/USP.
- CHAGAS, Mario (2005). Museus: antropofagia da memória e do patrimônio in **Revista do Patrimônio**, IPHAN, nº. 31, p. 15 – 25.
- CHERMANN D. (2008). **Memória do Futuro: registros arqueológicos em tempo real**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, tese de doutoramento.
- CORBIN, A. (1987). **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos Séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Companhia das Letras.

- DE CERTEAU, M. (2008). **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- DE CERTEAU, M. (2011). **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- DENTON, M. H. and GARDNER, J. S. (1983). The Recovery and Conservation of Water-Logged Goods from the Well Excavated at the Fort Loudoun Site, Pennsylvania in **Fort Loudoun**. V. 17(I), pp. 96-103.
- DIAS, M. O. L. S. (1994). **Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**. São Paulo: Editora Brasiliense.
- ENGEL, M. (1988). **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense.
- FERNANDES V. C. (2004). **Capela Santo Alberto, século XVII: um estudo em arqueologia histórica**. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, dissertação de mestrado.
- FERREIRA, Lucio M. (2008). Sob Fogo Cruzado: Arqueologia Comunitária e Patrimônio Cultural in: **Revista de Arqueologia Pública**. São Paulo: Unicamp, nº. 3.
- FONSECA, F. P. (2007). **As águas do passado e os reservatórios de Guaraú, Engordador e Cabuçu: um estudo de arqueologia industrial**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, tese de doutoramento.
- FOUCAULT, Michel (2007). **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel (2011). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal.
- FRANCO M. I. M. (2009). **Museu da Cidade de São Paulo: um novo olhar da Sociomuseologia para uma megacidade**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, tese de doutoramento.
- FREUD, S. (2010). **O mal Estar na Cultura**. Porto Alegre: L&PM.
- FUNARI P. P. A. (2005) **Comparative method in archaeology and the study of Spanish and Portuguese South American material culture**. In: FUNARI, P. P. A.; ZARANKIN, A. & STOVEL, E. Global Archaeological Theory.

- GARCIA CANCLINI, N. (2008). Imaginários Culturais da Cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento in **A Cultura Pela Cidade**. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural.
- GÁRCIA CANCLINI, N. (2011). **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: EDUSP.
- GUARNIERI, W. R. C. (2010). Museologia e Identidade in: BRUNO, M. C. O.(Coord. Ed.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, vol. 1.
- HARRIS, E. C. (1979) **Principles of Archaeological Stratigraphy**. London/Orlando: Academic Press.
- HECK, D. & BILICKI, J. (1996). Katherine Naylor's House of Office: data recovery of a Seventeenth-Century privy in: **The Society for Historical Archaeology Conference on Historical and Underwater Archaeology**. Cincinnati: paper presented.
- HODDER, I. (2003). La Arqueología Postprocessual in: HODDER, I & HUDSON, S. **Intepretación em Arqueología**. Barcelona: Crítica.
- INSTITUTO PÓLIS (2007). **Coleta Seletiva com Inclusão dos Catadores**: Fórum Lixo e Cidadania da Cidade de São Paulo, Experiência e desafios. São Paulo: Instituto Pólis.
- INSTITUTO PÓLIS (2008). **Políticas Públicas para o Centro**: controle social do financiamento do BID à Prefeitura Municipal de São Paulo. São Paulo: Instituto Pólis.
- JULIANI, L. J. C. O. (1996). **Gestão Arqueológica em Metrôpoles: uma proposta para São Paulo**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da USP, dissertação de mestrado.
- KAHTOUNI, S. (2004). **Cidade das Águas**. São Carlos: RiMa, 2004
- LACAN, Jacques. (2008). **O mito individual do Neurótico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- LIMA, T. A. (1985). Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas (resumo). In: **1º Seminário de Arqueologia Histórica**. Rio de Janeiro: SPHAN-FNPM, Comunicação.
- LIMA, T. A. (1993). Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do museu paulista**, história e cultura material (Nova Série). v. 5, pp. 93-129. São Paulo.
- LUCAS, G. (2001). **Critical Approaches to Fieldwork: contemporary and historical archaeological practice**. London: Routledge.
- MAGNANI, J. G. C. (1998). Transformações na Cultura Urbana das Grandes Metrópoles in: **Sociedade Global: cultura e religião**. Petrópolis: Editora Vozes.
- MALUF, P. (2013). Vamos Salvar o Elevado in: **Folha de São Paulo**: São Paulo: Folha Opinião, 08 de Fevereiro de 2013.
- MAZIARA, R. (2008). Por uma História do Lixo in **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**. São Paulo: Senac, v.3, n. 1, Artigo 6, jan/abril.
- MENESES, U. B. (2003). O Museu de Cidade e a Consciência da Cidade. In: Santos, A. C. M., Guimaraens, C. & Kessel, C. (Orgs.) **Museus & Cidades – Livro do Seminário Internacional**, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional.
- MENESES, U. B. (2012). **O Museu Tem Futuro?**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia – USP; aula inaugural do mestrado (conferência oral).
- MENESES, U. B. A (1983). Cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, v. 115, p. 103-117.
- MERLEAU-PONTY, M. (2007). **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Perspectiva.
- MERLEAU-PONTY, M. (2011). **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- MONKS, G. G. (1999). On rejecting the concept of socio-economic status in historical archaeology. In: FUNARI, P. P. A.; HALL, M. & JONES, S. (org.) **Historical Archaeology: back from the edge**. Routledge. pp. 204-216. Londres.

- MOURA, D. S. (2005). **Sociedade Movediça**: economia, cultura e relações sociais em São Paulo (1808-1850). São Paulo: Editora da Unesp.
- MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO (2004). **Expedição São Paulo 450 anos**: uma viagem por dentro da metrópole. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Instituto Florestan Fernandes
- NICHOLS, Jr. & HERBERT, L. (1973). **Moving the Earth: The workbook of excavation**. North Castle: North Castle Books.
- PETCH, D. (1982). **Earthmoving machines and their employment on archaeological excavations**. Chester: Academic Journal Offprint.
- PRADO Jr, C. (1998). **A Cidade de São Paulo**: geografia e história. São Paulo: Editora Brasiliense.
- RIBEIRO, C. M. P. J. (2005). **Anotações de Literatura e de Cultural Regional**. Caxias do Sul – RS: EDUCS.
- RIBEIRO, R. (2013). Arqueologia em São Paulo: cidade oculta in: **Revista National Geographic Brasil**. São Paulo: Editora Abril, Edição 157, Abril.
- ROLNIK, R. (2013a). Por uma agenda de mobilidade urbana em nossas cidades in: **blog da Raquel Rolnik**, <http://raquelrolnik.wordpress.com/> acessado em 05/10/2013.
- ROLNIK, R. (2013b). Em Torno do Direito de ir e vir: existe diálogo em SP in: **blog da Raquel Rolnik**, <http://raquelrolnik.wordpress.com/> acessado em 05/10/2013.
- ROMERA, L. & CASTRO, S. **La inmundicia en La Habana**: legado colonial. (No prelo).
- SALWEN, B. (1978) Archaeology in Megalopolis: Updated Assessment in: **Journal of Field Archaeology**, 5, 453-459
- SANTOS, M. (2008). **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp.
- SANTOS, M. (2009a). **Metrópole Corporativa Fragmentada**: o caso de São Paulo. São Paulo: EDUSP.
- SANTOS, M. (2009b). **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: EDUSP.

- SCHIFFER, M. B. (1972) Archaeological context and systemic context. **American Antiquity**, v. 37, nº 2, pp. 156-165.
- SCHIFFER, M. B. (1976). **Behavioral Archaeology**. Academic Press, New York; San Francisco; London.
- SCHIFFER, M. B. (1995). Archaeology as Behavioral Science in: SCHIFFER. M. B. **Behavioral Archaeology: first principles. Foundations of Archaeological Inquiry**, PP. 46-54.
- SHA. (1993). Standarts and Guidelines for the Curation of Archaeological Collections in **The Society for Historical Arcaheology Newsletter**, vol. 26, n.4.
- SOUTH, S. (1977). Method and Theory in **Historical Archaeology**. New York: Academic Press.
- SOUZA, R. A. (2010) **Louça branca para a Paulicéia**: Arqueologia Histórica da Fábrica de Louças Santa Catharina / IRFM - São Paulo e a produção da faiança fina nacional (1913 - 1937). 2010. Dissertação (mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SPINELLI, E. & GERAQUE, E. (2010). Projeto Prevê Demolir 30% da Cracolândia in: **Folha de São Paulo**, Caderno Cotidiano. São Paulo: P. C1, DE 18 de Dezembro.
- STASKI, E. (1999). Living in cities: an introduction in: **Historical Archaeology**, special publication, nº 5, pp. ix-xi
- STASKI, E. (2008). Living in cities today. **Historical Archaeology**, v.42, nº. 1, p. 5-10.
- STASKI, E. (ed.). (1987). Living in cities: current research in urban archaeology in: **Society for Historical Archaeology**. Special Publication Series, nº. 5.
- SYMANSKI, L. C. P. (1998). **Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- TAUNAY, A. E. (2003). **São Paulo nos Primeiros anos: ensaio e reconstituição social (1554-1601)**; São Paulo no Século XVI: história da Vila de Piratininga. São Paulo: Editora Paz e Terra.

- TEATRO DA VERTIGEM, (2011). Cidade Submersa in: **Teatro da Vertigem**.
<http://www.teatrodavertigem.com.br/site/index2.php> acessado em 15/01/2012
- TESSARO, Piero A. B., SOUZA, Rafael. (2011). Arqueologia com a Cidade de São Paulo in: **Encontro de Arqueologia, Patrimônio e Turismo**. Rio Claro: Unesp (Comunicação).
- THERRIEN, M. (2006) Contextos de reflexión sobre las cerámicas arqueológicas de periodos históricos. Actualidades Arqueológicas Pasado em Presente in **Arqueología Histórica**, n.4.
- TOCCHETTO, F. & et al. (2001) **A Faiança Fina em Porto Alegre: Vestígios Arqueológicos de uma cidade**. Porto Alegre. UE/ Secretaria Municipal de Cultura.
- TOCCHETTO, F. B. & THIESEN, B. (2007) A Memória Fora de Nós in **Revista do Patrimônio**, IPHAN, nº. 33, p. 175 – 199.
- TOCCHETTO, F. B. (2010). **Fica dentro ou joga fora?**. São Leopoldo: Oikos.
- TOMIYAMA, N. (2002). **Sítio Taboão, arqueologia histórica do Vale do Parateí, Mogi das Cruzes - S.P.** São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia MAE-USP, Dissertação de Mestrado.
- TONELLI, M. (2004). **Arqueologia e direito na casa do Tatuapé - São Paulo**: uma abordagem interdisciplinar à evidenciação de patrimônio cultural edificado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia MAE-USP, Dissertação de Mestrado.
- VAN HORN, D. M.; MURRAY, J. R.; WHITE, R. S. (1986). Some Techniques for Mechanical Excavation in Salvage Archaeology in: **Journal of Field Archaeology**. Boston: Boston University, vol. 13, nº. 2, PP. 239-244.
- VARINE-BOHAN, H. (2008). Museus e Desenvolvimento Social: balanço crítico in: BRUNO, M. C. O. & NEVES, K. R. F. (Org.). **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas**. São Cristóvão: Museu de Arqueologia do Xingó.
- VILAR, D. D. (2009). **Água aos cântaros - os reservatórios da Cantareira: um estudo de Arqueologia Industrial**. Tese (Doutorado), MAE-USP.

- VIVEIROS, R. (2011). **Um Olhar sobre São Paulo**. São Paulo: RV & Associados - Oficina de comunicação.
- WAGENSBERG, Jorge (2009). **O Gozo Intelectual**. Campinas: Editora Unicamp.
- WAKAHARA J. A. (2004) Expedição São Paulo 1985 in: BRUNO, M. C. O. CAUHY, J., FRANCO, M. I. M., MAGNANI, J. G. C. & WAKARA, J. A. (Coord.). **Expedição São Paulo 450 anos – uma viagem por dentro da metrópole**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura: Instituto Florestan Fernandes.
- WHEELER, K. (2000). Theoretical and methodological considerations for excavating privies in: **Historical Archaeological**, 34 (1), pp. 3-19.
- WICHES C. M. (2009). **Patrimônio Arqueológico Paulista: propostas museológicas para sua preservação**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Memorial de Qualificação de Doutorado.
- WICHES, C. M. (2011). **Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira**. Lisboa: Departamento de Museologia – ULHT, tese de doutoramento.
- WICHES, C. M. (2012). **Patrimônio Arqueológico Paulista: proposição e provocações museológicas**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, tese de doutoramento.
- WILHEIM, J. (2011). **São Paulo uma Interpretação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA (2010). **Programa de Prospeção e Resgate Arqueológico: Quadra 090 Lote 008, Perímetro Nova Luz, Município de São Paulo, SP**. São Paulo: s.c.e. Relatório Final etapa de Resgate.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA (2011). **Programa de Prospeção Arqueológica Terreno sito à Rua Butantã, Nº 298. Bairro de Pinheiros, Município De São Paulo, Estado De São Paulo. Sítio Arqueológico Pinheiros 2**. Relatório Final de Prospeção (Etapa de Campo 1 – 2010). São Paulo: s.c.e. Relatório técnico.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA (2012). **Programa de Prospeção Arqueológica Terreno sito à Rua Butantã, Nº 298. Bairro de Pinheiros, Município De São**

Paulo, Estado De São Paulo. Sítio Arqueológico Pinheiros 2. Relatório Final. São Paulo: s.c.e. Relatório técnico.

ZANETTINI ARQUEOLOGIA. (2009). **Programa de prospecção: Quadra 090, Lote 008, perímetro Nova Luz – projeto nova administração Paulo Souza.** São Paulo: s.c.e. Relatório técnico.

ZANETTINI, P. E. (2004). O arqueólogo na cidade in: **Expedição São Paulo 450 anos:** uma viagem por dentro da metrópole. São Paulo: Museu da Cidade, pp. 151-154.

ZANETTINI, P. E. (2005). **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico da Casa Bandeirista.** Tese (doutorado), MAE/USP, São Paulo, 2005

ZANETTINI, P. E. (2006). Arqueólogos de Volta à Metrópole in **Patrimônio:** Atualizando o Debate, IPHAN, p. 221 – 232.

ZEDEÑO, M. I. & BOWSER, B. J. (2008). **The Archaeology of Meaningful Places.** Salt Lake City: The University of Utah Press.

ANEXOS

Anexo 1 Paulo Maluf: Vamos Salvar o Elevado

08/02/2013 - 03h30

Paulo Maluf: Vamos salvar o elevado

O elevado Costa e Silva não é, como gostam de dizer alguns desinformados, apenas a ligação por via elevada entre a praça Roosevelt e largo Padre Péricles, em Perdizes.

O elevado é muito mais do que isso. Faz parte de um conjunto de viadutos, túneis e trechos elevados, que ligam o lado leste à parte oeste da cidade. Foi feito em pouco mais de um ano. As obras começaram em outubro de 1969 e foram entregues à cidade em prazo recorde, no dia 24 de janeiro de 1971.

Há elevados em todas as grandes cidades do mundo e ninguém pensou ou pensa em derrubá-los. Os que existem em Nova York, no East River e no rio Hudson, fazem parte do bom fluxo do trânsito da cidade. Foram feitos pelo prefeito La Guardia, na década de 1930. Na Inglaterra, o elevado que liga o aeroporto de Heathrow a Londres existe há 40 anos e é um dos mais movimentados do mundo.

Em Tóquio, há elevados em três andares e paga-se pedágio para se transitar por eles. A Périphérique de Paris liga, por elevado, todos os seus bairros. O aeroporto de Ezeiza, na Argentina, é ligado a Buenos Aires por um elevado.

O elevado Costa e Silva foi feito para fazer a ligação leste-oeste da cidade. Fazem parte dessa ligação as obras construídas na minha administração: os baixos da praça Roosevelt; a própria praça Roosevelt (inaugurada em 25 de janeiro de 1970) e a sua ligação com a rua da Consolação; o viaduto do Café em cima da avenida Nove de Julho, o viaduto Júlio de Mesquita Filho por baixo da avenida Brigadeiro Luís Antônio, o viaduto Okuhara Koei, o viaduto Guilherme de Almeida sobre a rua da Liberdade; o viaduto sobre a 23 de Maio.

Além desses, o viaduto do Glicério e todo o complexo de viadutos do parque D. Pedro 2º (conhecido como minhoquinha) fazem a ligação com a avenida do Estado e a avenida Radial Leste.

O elevado Costa e Silva não pode e não deve ser considerado uma obra isolada. Ele é parte de um sistema viário que liga as regiões oeste e leste por cerca de 15 viadutos e passagens de nível. É como se, num relógio de 15 engrenagens, nós tirássemos uma e esperássemos que as outras 14 funcionassem. O relógio vai parar.

Nesse sistema viário, passam quase 100 mil veículos por dia. Ou seja, 2,5 milhões de veículos por mês. Em que sistema viário esses veículos iriam trafegar?

Além do mais, é uma mentira repetida muitas vezes que o tráfego por cima do elevado é mais barulhento do que o da avenida São João. Na minha gestão, o Laboratório de Fonética e Acústica da prefeitura mediu os ruídos da avenida São João. Isoladamente, são muito maiores, pois, em cima do elevado, o trânsito flui normalmente e não há engarrafamento.

Quanto ao recente alagamento de um trecho do elevado, com infiltrações em suas

estruturas e o nascimento de vegetação em suas bordas, isso se deve simplesmente à falta de manutenção na obra, o que deveria ser feito permanentemente.

Que saudades do tempo em que obras dessa envergadura eram feitas em um ano e meio. Me dá tristeza ver, no Brasil, obras paralisadas há 10 anos.

São Paulo, graças a Deus, é hoje respeitada internacionalmente pela coragem de seus habitantes. Coragem que deve construir mais e não ceder à tentação de ter mídia, com destruição.

A São Paulo da minha visão foi sempre a São Paulo da construção. Sempre que alguém quer que o governo derrube alguma coisa, é porque quer ver destruídos os bens que a cidade tem.

PAULO MALUF, 81, engenheiro, é deputado federal pelo PP-SP. Foi governador de São Paulo (1979-1982) e prefeito da cidade de São Paulo (1969-1971, 1993-1996)

*

PARTICIPAÇÃO

Para colaborar, basta enviar e-mail para debates@uol.com.br.

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/1227812-paulo-maluf-vamos-salvar-o-elevado.shtml>

Links no texto:

debates@uol.com.br

<mailto:debates@uol.com.br>

Copyright Folha de S. Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha de S. Paulo.

Anexo 2 Formas Vidros Quadra 090

**Anexo 3 Catálogo da Exposição "Escavando o Passado:
Arqueologia na Cidade de São Paulo"**

(Em mídia digital)

ESCAVANDO O

PASSADO

ARQUEOLOGIA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Homenagem e Agradecimentos

Profa. Dra. Margarida Davina Andreatta

Arqueóloga do Museu Paulista da Universidade de São Paulo

A professora Margarida D. Andreatta exerceu papel fundamental na arqueologia da cidade como coordenadora do Programa de Arqueologia Histórica no Município de São Paulo, entre 1979 e 1992. Planejou e desenvolveu grande parte das pesquisas, formando equipes e implantando no Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) as práticas de parceria entre projetos arquitetônicos de restauração e pesquisa arqueológica, orientada pela Carta de Veneza.

Esta publicação é uma homenagem do DPH ao seu pioneirismo, à sua dedicação intensiva e à qualidade das pesquisas por ela coordenadas, que contribuirão na criação, para o cidadão paulistano, de um espaço permanente de guarda e difusão de um dos acervos de cultura material arqueológica mais ricos do país – o Centro de Arqueologia de São Paulo.

ESCAVANDO O **PASSADO**
ARQUEOLOGIA NA CIDADE DE SÃO PAULO

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO	Prefeito Gilberto Kassab
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA	Secretário Carlos Augusto Calil
DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO	Diretor Walter Pires
DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO	Diretora Lia Mayumi Andréa de Oliveira Tourinho (2008 - Setembro 2009)
MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO	Diretora Inês Raphaelian
CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE SÃO PAULO	Maria Lúcia Perrone de Faro Passos Lúcia J. Cardoso Oliveira Juliani José Carlos Marcelino
COORDENAÇÃO TÉCNICA - DPH/SMC Lúcia J. Cardoso Oliveira Juliani	COLABORAÇÃO Museu Paulista da Universidade de São Paulo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - MAE/USP
CURADORIA Cintia Bendazzoli Renata Chiatti (apoio técnico)	PESQUISADORES RESPONSÁVEIS PELAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS Sítio Morumbi Erika M. Robrahn - González Paulo D. de Blasis Paulo E. Zanettini Paula Nishida
PROJETO, EXECUÇÃO E MONTAGEM Escritório Julio Abe Wakahara Ltda.	Capela de São Miguel Lúcia J. C. Oliveira Juliani Rucirene Miguel Cleide Franchi
Coordenação Julio Abe Wakahara	Sítio Capão Paulo E. Zanettini
Projeto Expográfico Haroldo Kinder	Sítio da Ressaca Marlene Suano
Projeto Gráfico Claudio Wakahara Sérgio Sdrous	Casa do Tatuapé Sítio Mirim Sítio Morrinhos Casa Nº 1 Casa da Marquesa Beco do Pinto Margarida D. Andreatta
Produção e Montagem Andrea de Moraes Cavalheiro Lucila Soave Yerko Villarroel	Casa do Itaim Bibi Margarida D. Andreatta Dorath Pinto Uchoa
Fotos das peças Claudio Wakahara	Casa da Rua Florêncio de Abreu, 223 Lúcia J. Cardoso Oliveira Juliani Astolfo G. M. Araujo
LAY-OUT BÁSICO - DPH/SMC Cassia Magaldi Lara Melo Souza	

Realização:

**CENTRO DE
ARQUEOLOGIA
DE SÃO PAULO**

DPH DEPARTAMENTO
DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO

apresentação

Morar em São Paulo é viver em permanente descoberta. A dimensão da cidade, a diversidade social, o deslocamento freqüente, as mudanças espaciais constantes propiciam, mesmo para aquele que se dispõe a estudar sua história e geografia, surpresas, enigmas por decifrar.

Buscando, justamente, ajudar a descobrir um pouco da fascinante história desta cidade, intensa e complexa, o Centro de Arqueologia e o Museu da Cidade de São Paulo prepararam a exposição “Escavando o Passado: arqueologia na cidade de São Paulo”, com a coordenação da arqueóloga Lúcia Juliani e a curadoria da arqueóloga Cintia Bendazzoli.

A partir do próprio acervo de bens arqueológicos sob guarda do Departamento do Patrimônio Histórico - DPH, resultado de três décadas de pesquisas, a proposta museológica destaca alguns períodos que caracterizaram a ocupação humana ao longo do vale do Rio Tietê e seus afluentes em território paulistano.

Da ocupação que antecedeu a presença portuguesa restaram escassos, mas preciosos vestígios, como aqueles resultantes do Sítio Lítico do Morumbi, infelizmente destruído. Contudo, há um acervo significativo de cultura material relacionado à ocupação portuguesa a partir do século XVI, rural e urbana, que expressa a complexa mescla indígena, mameluca, africana e européia. Culturas que se amalgamaram de modo peculiar, criando esta sociedade do planalto, mas fortemente vinculada a seu porto irmão no litoral, Santos, e aos caminhos que daqui partiam nos muitos rumos do sertão, mítico e real.

Conjunto expressivo de peças desta exposição foi recuperado nos sítios arqueológicos das chamadas casas bandeiristas, que constituem um acervo arquitetônico de valor reconhecido por tombamento federal, estadual e municipal, e integram o sistema do Museu da Cidade de São Paulo, administrado pela Divisão de Iconografia e Museus/DPH.

Uma dessas preciosas casas rurais, a antiga sede do Sítio Morrinhos, construída no início do século XVIII, foi escolhida para abrigar o Centro de Arqueologia de São Paulo, em processo de constituição pela Divisão de Preservação/DPH. Este Centro tem como finalidade a pesquisa, organização, ampliação e salvaguarda desse acervo arqueológico, bem como o atendimento ao público especializado e leigo. E, como ação cultural prioritária, a extroversão e a divulgação desse acervo, para que a sociedade incorpore o conhecimento crítico do passado na construção do futuro desta cidade.

A montagem dessa exposição está em consonância, também, com os objetivos do Museu da Cidade de São Paulo, no sentido de estabelecer uma ação museológica permanente no conjunto de espaços de valor histórico que integram o circuito desse Museu.

E neste espaço, que abrigou durante décadas as reflexões filosóficas e existenciais dos monges beneditinos, se recriarão, esperamos, as condições para o estudo minucioso e profundo da arqueologia e da história da cidade de São Paulo.

Walter Pires
Arquiteto e Diretor
Departamento do Patrimônio Histórico – DPH
Secretaria Municipal de Cultura - SMC

introdução

O Sítio Morrinhos é um conjunto arquitetônico formado pela casa-sede, construída no início do século XVIII, e por diversas construções anexas datadas da segunda metade do século XIX e do início do século XX. Este local foi escolhido pelo Departamento do Patrimônio Histórico - DPH - para a implantação do Centro de Arqueologia de São Paulo. A sua principal missão é constituir-se enquanto espaço de memória e de reflexão sobre a arqueologia paulistana e suas descobertas científicas.

Os trabalhos de divulgação realizados pelo Centro de Arqueologia de São Paulo têm início com a abertura da mostra “Escavando o Passado: arqueologia na cidade de São Paulo”, na casa-sede do Sítio Morrinhos.

Tendo em vista a realização de uma exposição arqueológica na sede de uma casa bandeirista que consiste, antes de tudo, em um sítio arqueológico de grande valor histórico e cultural, elaborou-se um projeto que não apenas se apropria do Sítio Morrinhos como local de exposição, mas que permite que ele possa ser visitado como parte do patrimônio arqueológico exibido nesta mostra.

Contudo, a permissão para a visita de um sítio arqueológico como a sede do Sítio Morrinhos, que com a realização da exposição arqueológica poderá ser conhecida por dentro, não consiste em risco à preservação deste patrimônio. Pelo contrário, considerou-se neste projeto a importância da permanência deste bem como referência de estudo, história e cultura para a população, de modo que o seu usufruto constitua um constante renovar e apropriar do espaço público.

Outro aspecto delineador do projeto consistiu na formação de um espaço, dentro da cidade de São Paulo, dedicado à arqueologia do município, possibilitando à população, o acesso a informações sobre o panorama da ocupação humana desta região ao longo do tempo. O Centro, que será responsável por promover e abrigar uma série de pesquisas e trabalhos científicos voltados ao conhecimento arqueológico, também se coloca como pólo difusor de informações obtidas nas pesquisas desenvolvidas no município de São Paulo. Como forma de contribuir para a valorização, divulgação e preservação do patrimônio arqueológico paulistano, considerou-se de fundamental importância a realização de uma exposição dentro do Centro de Arqueologia de São Paulo.

A exposição “Escavando o Passado: arqueologia na cidade de São Paulo” tem por objetivo divulgar as descobertas arqueológicas realizadas no município de São Paulo. Tais descobertas não apenas remontam à ancestralidade da ocupação humana dos campos de Piratininga, como também revelam informações inéditas acerca dessas populações que aqui viveram e que deixaram inúmeros artefatos arqueológicos, hoje recobertos por camadas de sedimento e concreto.

Esta mostra também aborda o modo de vida da São Paulo histórica, cujo cotidiano se vê redescoberto e retratado pelos objetos retirados das escavações das antigas Casas Bandeiristas e de outros edifícios de grande valor histórico e cultural.

O Sítio Morumbi

Na região atualmente conhecida como Estado de São Paulo viveram, milhares de anos atrás, povos indígenas caçadores-coletores. Estes povos baseavam sua subsistência na caça e na coleta de vegetais e produziam uma imensa variedade de artefatos em pedra lascada e polida. Estes artefatos eram utilizados em diferentes atividades cotidianas e serviam para cortar, raspar e perfurar, entre outras funções.

Na região de São Paulo foram encontrados vestígios líticos que os arqueólogos associaram a duas tradições diferentes: Humaitá e Umbu. Os portadores da Tradição Humaitá teriam ocupado os vales dos rios Uruguai, Ivaí, Paranapanema até o alto rio Paraná e sua presença em solo paulista data de, aproximadamente, 8 mil anos. Sítios da Tradição Humaitá são encontrados nas regiões de formação florestal fechada, em encostas ou topos de morros, a céu aberto e sempre junto a cursos de água.

Os artefatos relacionados à Tradição Humaitá constituem-se de peças com formas encorpadas, produzidas a partir de lascas espessas. Um dos objetos típicos dessa tradição é o raspador oblongo com uma extremidade pontuda e outra arredondada.

Os povos portadores da Tradição Umbu ocupavam, há mais de 25.000 anos, a região que vai do Uruguai até o centro sul de São Paulo. Sítios arqueológicos relacionados a esta tradição são encontrados em ambientes de campos, a céu aberto, junto ao fundo de vales e rios e em abrigos rochosos. Pesquisas realizadas em sítios Umbu revelaram sinais de fogueiras, restos carbonizados de alimentos e a existência das chamadas "oficinas líticas".

O processo de manufatura dos instrumentos líticos tinha início com a obtenção e seleção da matéria prima adequada para a confecção dos artefatos. A retirada das saliências dos grandes blocos sílex permitia que o lascamento fosse mais preciso, o que facilitava a obtenção do formato desejado para cada objeto. No Sítio Morumbi foi encontrada grande quantidade de vestígios oriundos das primeiras etapas de fabricação dos artefatos, dentre os quais se destacam lascas de desbaste e núcleos. Desenho de Vallandro Keating - 2009

Tais oficinas, normalmente localizadas em áreas de afloramentos rochosos, destinavam-se à obtenção e seleção da matéria prima para o lascamento. A partir das lascas de diferentes dimensões, eram confeccionados artefatos mais elaborados, dentre os quais se destacam as pontas de projéteis, raspadores e instrumentos de corte.

Pesquisas arqueológicas realizadas pelo DPH na cidade de São Paulo identificaram uma oficina lítica de grandes dimensões, denominada Sítio Morumbi. O sítio localiza-se na encosta de uma elevação que se abria em grotas profundas em direção ao rio Pinheiros. O avanço da urbanização transformou o local devido à realização de cortes no terreno para arruamento e construção de residências. Atualmente o sítio encontra-se inserido na malha urbana da zona sul da capital paulista.

Em 1964, por ocasião das obras de loteamento do bairro, o engenheiro Caspar Hans Luchsinger reconheceu o material lítico que aflorava e levou cerca de 300 peças ao então Museu de Pré-História da USP. Entretanto, somente na década de 90 o material foi recuperado e o sítio novamente localizado.

Ponta de flecha unifacial
Sítio Morumbi
Acervo: DPH/PMSP

Ponta de flecha unifacial
Sítio Morumbi
Acervo: DPH/PMSP

Ponta de projétil fragmentada
Sítio Morumbi
Acervo: DPH/PMSP

Artefato bifacial
Sítio Morumbi
Acervo: DPH/PMSP

Neste sítio a distribuição dos vestígios é homogênea, sendo que a maior concentração de artefatos ocorre nas vertentes, devido a processos de erosão e escorregamento. Segundo os pesquisadores, isso também explicaria a ausência de vestígios articulados como fogueiras.

O Sítio Morumbi constituiu-se em um grande afloramento de sílex intensamente explorado, possivelmente ao longo de muito tempo, entretanto esses dados ainda dependem de datações laboratoriais não concluídas. A única aproximação realizada pelos arqueólogos é com peças de estilo tecnológico semelhante, encontradas na região do médio Tietê, cujas datações remetem a 5.500 anos de idade.

As escavações revelaram que o Sítio Morumbi teria se originado a partir de atividades basicamente relacionadas ao tratamento dado à matéria-prima bruta. Poucas foram as peças retocadas e acabadas encontradas no local, entre as quais se destacam alguns raspadores, pontas de flecha e percutores. Tal fato implicaria na existência de outros sítios líticos, nos quais o material retirado do Sítio Morumbi receberia os retoques finais na produção.

Essas características, somadas à escassez de afloramentos de sílexito na região de São Paulo, conferem a este achado arqueológico uma importância especial e incomum. Sugerem que o Sítio Morumbi tenha servido como uma preciosa e rara fonte de matéria prima de excelente qualidade para confecção de artefatos. Esses recursos líticos eram essenciais para os povos caçadores-coletores que ocupavam os vales do rio Tietê e seus afluentes. Contudo, a escassez de matéria-prima sugere que este sítio possa ter sido utilizado por povos indígenas de diferentes tradições culturais e em épocas bastante distintas.

Percutor queimado e parcialmente fragmentado
Sítio Morumbi - Acervo: DPH/PMSP

Os Índios Ceramistas

Os arqueólogos estimam que, pelo menos desde o século XIII, a região de São Paulo tenha também sido ocupada por povos ceramistas. O estabelecimento desses povos indígenas nos campos de Piratininga perduraria até pelo menos a chegada dos europeus neste território.

Os índios ceramistas dominavam a agricultura e cultivavam grande diversidade de alimentos como a mandioca, o milho e a batata doce. Muitos desses produtos eram processados ou estocados, o que garantia a sua conservação por mais tempo. Um grande número de vasilhas era utilizado nas atividades cotidianas de cozinhar, servir, estocar água e alimentos. Por este motivo, entre os vestígios deixados pelos ceramistas, predominam fragmentos de jarros, tigelas e igaçabas, simples ou trabalhados.

Estudos realizados nos sítios arqueológicos originados nos locais ocupados por aldeias de povos ceramistas permitiram aos pesquisadores considerar a existência de duas tradições ceramistas distintas que predominaram na região de São Paulo: **Tradição Itararé** e **Tradição Tupiguarani**.

Os grupos ceramistas associados à **Tradição Itararé** correspondem a uma ocupação mais recente que os da **Tradição Tupiguarani** e seus primeiros assentamentos se deram no sul do estado. Os sítios dessa tradição estão relacionados aos grupos indígenas do tronco lingüístico Macro-Gê, originários do planalto sul brasileiro.

Localizados em planícies, serras e abrigos rochosos, os vestígios deixados nos sítios Itararé revelam que as áreas ocupadas eram extensas e a população numerosa. Cultivavam milho e outros vegetais, além de recorrerem à coleta de frutos, pesca e caça para sua alimentação.

Desenho de Vallandro Keating - 2009

As pesquisas arqueológicas nos sítios relacionados à **Tradição Itararé** evidenciaram a presença de artefatos cerâmicos e objetos líticos lascados, como furadores, plainas, raspadores e instrumentos de corte, e polidos, como cunhas, lâminas de machados, socadores.

Os povos associados à **Tradição Tupiguarani** formaram extensas aldeias de tamanhos variados, cujo número de habitantes poderia chegar a 3.000 pessoas. A produção cerâmica desses povos inclui tigelas, potes e diversas vasilhas com paredes corrugadas ou esco-

vadas, entre outros acabamentos. Alguns recipientes apresentam pintura policrômica com diferentes motivos decorativos. Os ceramistas também produziam artefatos de pedra lascada e polida, como lâminas de machado utilizadas nas atividades agrícolas realizadas através do método da coivara, almofarizes e mãos de pilão que eram utilizados no processamento dos alimentos, além de instrumentos para a pesca e a caça.

Alguns vasos cerâmicos confeccionados pela população indígena associada à tradição ceramista Tupiguarani eram utilizados em rituais de sepultamentos e foram denominados urnas funerárias. Estas urnas, de diferentes tamanhos e decorações, poderiam comportar um ou mais corpos.

Provavelmente os dois grupos ceramistas Tupiguarani e Itararé mantiveram contatos entre si, pacíficos ou não, mas a partir do século XVI passaram a ser aldeados pelos jesuítas estabelecendo novos padrões de ocupação histórica regional.

Nuto Sant'Anna relata que, por ocasião da ocupação do território paulista pelos colonizadores, os povos indígenas teriam se concentrado nas margens do Rio Tietê, especialmente entre as atuais localidades de São Miguel Paulista e Santana do Parnaíba. Cita que: *"Ururáí, Guarulhos, Piquirí, Pinheiros e Marucú, foram aldeias que duraram séculos"*. Piqueri localizava-se na várzea e se comunicava com a aldeia de Inhapambuçu, no atual Pátio do Colégio, pelo caminho da Tabatinguera. Por volta de 1560, a recém criada vila de São Paulo de Piratininga foi cercada por índios rebeldes à colonização, especialmente vindos de Ururáí. Nuto relata que, já no século XIX, na altura da antiga foz do Tamanduateí, na região do bairro do Pari, em direção ao bairro da Penha, *"por estes lugares, tem se encontrado diversas igaçabas, com ossadas. Provavelmente ficaria nas proximidades algum ponto destinado ao enterro dos antigos povoadores do Piquirí"*.

Urnas funerárias relacionadas à população indígena de tradição ceramista Tupiguarani foram localizadas em diferentes bairros da cidade, como Penha, Vila Maria, e Mooca. Um desses achados fortuitos se deu na região do Brás, no local ocupado pelo cemitério da Quarta Parada.

Ali foi descoberta, aos 25 de janeiro de 1896, uma urna funerária contendo restos humanos. O administrador do cemitério, na época, comunicou o achado às autoridades:

"Tenho a honra de levar ao vosso conhecimento que ontem, por ocasião de fazer a abertura da sepultura número 108, quadro geral 5 dos adultos e tendo essa sepultura de servir esta primeira vez, foi encontrada uma enorme panela de barro, com uma ossada de adultos, não sendo a primeira que se tem encontrado nessas condições, espero que dareis a necessária providência. Saúde e fraternidade".

A urna retirada do cemitério do Brás foi levada ao Museu Paulista. A estrutura e decoração das paredes da urna mantiveram-se preservadas e atualmente este artefato compõe o acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, fazendo parte da exposição *"Escavando o Passado: arqueologia na cidade de São Paulo"*, ora apresentada.

Urna funerária encontrada no ano de 1896
em área atualmente ocupada pelo cemitério
da Quarta Parada, região do Brás.
Acervo: MAE/USP

Desenho Vallandro Keating - 2009

Nos campos de Piratininga - região que abrangia as colinas cercadas pelas serras da Mantiqueira, de São Roque e do Mar e pelos rios Tietê e seus tributários, como o Pirajuçara, Pinheiros e Tamanduateí - vivia numerosa população indígena que utilizava essas vias fluviais em seus deslocamentos e como fonte de alimentação.

A elevação situada entre as várzeas do Tamanduateí e do Anhangabaú, não muito distante do rio Tietê, era um local seguro e estratégico, não só porque oferecia fartos recursos naturais mas, principalmente, porque era um ponto de convergência entre o caminho do mar e as rotas de penetração do planalto.

Dois desses caminhos cruzavam as colinas onde, mais tarde, se instalaria o núcleo inicial da colonização portuguesa: o primeiro e mais importante deles foi o Peabiru, que partia do litoral rumo ao sertão, e o Pequeri, uma bifurcação do primeiro que, após a subida da serra, seguia o rumo do rio Tamanduateí. O Peabiru era um caminho longo, com muitas trilhas secundárias que, depois de atravessar as regiões dos entre rios paraguaios, atingia as atuais cidades de Assunção e Potosí, chegando à rede de caminhos do império Inca, nos Andes.

Os Tupiniquim eram um dos inúmeros povos indígenas que ocupavam a região onde se instalou a cidade de São Paulo, tendo constituído três grandes agrupamentos populacionais: Inhapuambuçu possivelmente também conhecida como Piratininga, Jerubatuba e Ururáí.

Tibiricá chefiava a aldeia de Inhapuambuçu localizada na região onde, posteriormente, foi fundado pelos jesuítas o Colégio de Piratininga. Mais ao sul, na área ocupada pelo atual bairro de Santo Amaro, ficava outra grande concentração de índios - a aldeia Jerubatuba, sob a chefia de Caiubi, supostamente, irmão de Tibiricá. A leste, localizava-se a grande aldeia tupiniquim de Ururáí, liderada por Piquerobi, também

irmão de Tibiricá - foi essa aldeia que posteriormente se tornou a base do aldeamento jesuítico de São Miguel.

A chegada dos colonizadores portugueses mudou radicalmente a vida dos povos indígenas locais. Antes livres na sua forma de se organizar social, cultural e politicamente, após inúmeras lutas ou alianças, passaram a viver em aldeamentos criados pelos padres jesuítas com a finalidade de facilitar seu trabalho de catequese.

Piquerobi liderou os Tupiniquins contra os colonos e jesuítas da vila de São Paulo de Piratininga, entre 1562 e 1565. A devastação que a guerra causou entre os índios foi enorme, tanto pelo uso de armas de fogo como devido às doenças que se alastraram entre a população indígena, especialmente o sarampo e a varíola.

O enfraquecimento da reação indígena acarretou a perda gradativa da terra que tradicionalmente ocupavam. A aldeia de Piquerobi, antes um marco de resistência, foi transformada num aldeamento sob a tutela jesuítica. Os indígenas passaram de legítimos ocupantes da terra para uma situação na qual dois caminhos lhes eram possíveis: adentrar o sertão fugindo dos bandeirantes ou trabalhar para os colonizadores nas terras que antes eram suas.

A Capela de São Miguel
São Miguel, São Paulo – 1940
Acervo: DPH

A Capela de São Miguel

Na região onde anteriormente existira a aldeia tupiniquim de Ururaí, liderada por Piquerobi, foi criado o aldeamento jesuítico de São Miguel. Com as sucessivas derrotas indígenas, a terra e o trabalho dos índios - antes livres, haviam passado para o controle dos padres.

A sesmaria de São Miguel ocupava ambos os lados do rio Tietê. Nessas terras, os colonizadores criaram pequenas propriedades rurais, utilizando a mão-de-obra indígena escravizada pelos bandeirantes em suas incursões de apresamento no sertão.

Durante muito tempo, o aldeamento de São Miguel, embora bastante populoso, apresentava apenas o caminho que ligava o povoado a São Paulo (atual Avenida Assis Ribeiro) e o que seguia em direção ao Rio de Janeiro (atual Avenida Marechal Tito), além de uma pequena praça.

Num mapa da Capitania de São Paulo, elaborado em 1765, pode ser observada a localização da Capela de São Miguel ao lado do rio Tietê, demarcando o antigo aldeamento. Atualmente, com a retificação do curso do rio, este aparece um pouco mais distante da elevação sobre a qual foi erguida a Capela.

A Capela de São Miguel - templo religioso mais antigo da cidade de São Paulo - teve suas obras concluídas em 1622, segundo consta da inscrição no batente superior da porta principal. Entre 1693 e 1803, os franciscanos ficaram responsáveis pela Capela e realizaram uma série de reformas na edificação. Elevaram o teto da parte central de quatro para seis metros, utilizando o adobe sobre a estrutura de taipa. Inseriram altares laterais, madeiramento interno e elementos decorativos no altar principal, na sacristia e na capela lateral. Mantiveram a pia batismal e a bancada de comunhão, ambas originais e esculpidas em jacarandá, além dos elementos antropomorfos esculpidos em janela e porta da construção.

Chamam a atenção portas que se abrem sem dobradiças e os entalhes, diferentes daqueles que eram produzidos por nativos brasileiros, sendo talvez o único vestígio, no Brasil, de trabalho realizado por índios capturados em regiões andinas. A Capela de São Miguel é possivelmente o único templo religioso no Brasil que conserva integralmente as suas varandas, ou balcão frontal e lateral, em forma de um grande "L".

Pinturas de anjos no interior da edificação
São Miguel, São Paulo – 2007
Acervo: A Lasca Arqueologia

Detalhe decorativo da janela da capela – carranca
São Miguel, São Paulo – 2007
Acervo: A Lasca Arqueologia

Escavação de um sepultamento humano dentro
da Capela São Miguel, São Paulo – 2007
Acervo: A Lasca Arqueologia

Apesar das transformações ocorridas na região, a Capela de São Miguel se manteve de pé, ainda que alterada pelas diversas reformas e ampliações pela qual passou ao longo dos séculos. Escavações arqueológicas realizadas no interior e nas proximidades da Capela permitiram recuperar alguns vestígios do passado vivido nessa antiga área de aldeamento.

Foram evidenciadas as paredes construídas a partir da técnica de taipa de pilão e recuperados diversos artefatos utilizados desde o período pré-colonial. Entre os objetos encontrados, destacam-se diversos fragmentos de cerâmica e louça de uso doméstico, tais como tigelas, pratos, xícaras e recipientes de vidro produzidos através da antiga técnica de sopro.

Cachimbos com decoração incisa
Capela de São Miguel
Acervo: DPH/PMSP

Detalhe dos pés pertencentes a um sepultamento humano escavado na Capela São Miguel, São Paulo - 2007
Acervo: A Lasca Arqueologia

As escavações na Capela de São Miguel revelaram ainda a existência de sepultamentos sob a sacristia e a capela lateral. Os remanescentes ósseos humanos foram encontrados em dois níveis de profundidade diferentes. Num dos sepultamentos escavados o corpo encontrava-se fletido (flexionado) - posição característica de muitos enterramentos indígenas. Alguns retalhos de tecido de trançado rústico e umas poucas contas de colar também foram encontradas em meio aos enterramentos.

Tecido trançado - parte do traje encontrado junto à área contendo sepultamentos
Capela de São Miguel
Acervo: DPH/PMSP

Medalha
Capela de São Miguel
Acervo: DPH/PMSP

Contas de colar localizadas na área contendo sepultamentos
Capela de São Miguel
Acervo: DPH/PMSP

As Casas Bandeiristas

A ocupação do território indígena pelos colonizadores europeus foi marcada pela construção de capelas e colégios destinados à catequese e moradia de religiosos e representantes do reino português. Entretanto, os recursos materiais encontrados para as construções da recém criada vila de São Paulo de Piratininga eram diferentes daqueles aos quais estavam habituados os colonizadores. Havia dificuldade na obtenção de pedras e calcário para as edificações e, principalmente, faltava mão de obra especializada.

As primeiras casas feitas pelos colonizadores portugueses foram construídas de taipa de pilão, técnica que se expandiu e passou a caracterizar as construções coloniais paulistas. Tal técnica construtiva permitia que as paredes fossem erguidas através da socagem de barro entre duas superfícies de madeira. Era freqüente o revestimento da parede de taipa com tabatinga – o denominado barro branco.

Para proteger as grossas paredes, as casas possuíam largos beirais que favoreciam o escoamento das águas. Com esse mesmo objetivo, as casas eram construídas em locais altos, em plataformas naturais ou intencionalmente preparadas para deixar as moradias a salvo de enxurradas.

São comuns os relatos de viajantes do século XIX que revelam admiração pela forte presença e durabilidade da taipa nas construções de São Paulo. Os tijolos, apesar de produzidos desde meados do século XVII, só suplantariam a taipa no decorrer do século XIX. O impulso da economia cafeeira significou uma remodelação da cidade, com a demolição do casario colonial e substituição por edificações com feições européias. A chegada de imigrantes italianos, entre eles arquitetos e empreiteiros, colaborou para que a técnica da taipa de pilão fosse definitivamente substituída.

As casas bandeiristas foram construídas durante os séculos XVI, XVII e meados do XVIII e, atualmente, são reconhecidas e protegidas como patrimônio histórico do município. As pesquisas arqueológicas realizadas nessas casas evidenciaram os traços originais de sua construção e os remodelamentos ocorridos ao longo do tempo, revelando as diferentes finalidades e usos atribuídos por seus proprietários durante os séculos.

Entre as principais características das Casas Bandeiristas estão: a localização em terrenos elevados e a proximidade de fonte de água; a frente da casa voltada para o norte; o uso da técnica construtiva de taipa de pilão; a planta retangular com um salão

central e camarinhas; cômodos frontais compostos por alpendre, capela e quarto de hóspedes. Nessas casas o telhado geralmente possui quatro águas e é coberto de telhas tipo capcanal. As divisões das camarinhas compreendiam estruturas de madeira ou pau-a-pique, que podiam ser alteradas de acordo com o uso.

Algumas Casas Bandeiristas apresentam variações na construção contrariando a idéia da rigidez formal da arquitetura das casas coloniais paulistas. Não se trata de diferenças relativas apenas ao tamanho da casa e do número de seus cômodos, mas de extensões, supressões ou variações que foram revelados durante as pesquisas arqueológicas, históricas e arquitetônicas.

Parte dessas construções coloniais rurais estava situada junto aos caminhos de circulação entre a vila de São Paulo, o litoral e o sertão, casas que serviam como moradia e pouso aos viajantes. A documentação histórica referente a muitas dessas construções revela as transformações nos usos das propriedades, assim como a presença de escravos, tropeiros, comerciantes e agregados.

Os acréscimos construtivos, destinados a abrigar essas pessoas e seus afazeres, deixaram marcas em antigos alicerces, revelados com as escavações arqueológicas. Foram evidenciados, também, diversos objetos relacionados ao cotidiano das Casas Bandeiristas.

Sítio Capão

Situada sobre uma colina próxima ao rio Aricanduva, afluente do Tietê, está a casa-sede do Sítio Capão. A sua construção, datada do final do século XVII, remete ao período em que essa região, rural e distante da São Paulo de Piratininga, era caminho ao vale do Paraíba.

A primeira referência ao sítio data de 1698. Com o passar dos séculos, incorporou currais, coqueiras, senzalas, alojamentos para colonos e, até mesmo, uma fábrica para produção de chá. Entre diversos proprietários, destaca-se o padre Antônio Diogo Feijó, a quem são atribuídas as reformas que transformaram a antiga casa num sobrado do tipo chalé.

As escavações arqueológicas realizadas no Sítio Capão permitiram identificar inúmeros artefatos, entre os quais se destacam: pratos, xícaras e outros recipientes de cerâmica e louças vidradas, além de garrafas, copos e outros frascos de

Pote de faiança fina
com decoração
Sítio do Capão
Acervo: DPH/PMSP

vidro de produção manual. Também foi identificada grande quantidade de telhas, lajotas e cravos usados na construção, relacionados ao período inicial de ocupação do Sítio Capão.

Fragmento de borda cerâmica
com decoração incisa
Sítio do Capão
Acervo: DPH/PMSP

Peso cerâmico para rede de pesca
Sítio Mirim
Acervo: DPH/PMSP

Abridor de Garrafas
Sítio do Capão
Acervo: DPH/PMSP

Apito zoomórfico de cerâmica
Sítio do Capão
Acervo: DPH/PMSP

Estilingue de madeira
Sítio do Capão
Acervo: DPH/PMSP

Bolinhas de gude
encontradas no alpendre
Sítio do Capão
Acervo: DPH/PMSP

Parafuso de madeira
encontrado no galpão
Sítio do Capão
Acervo: DPH/PMSP

Fechadura
Sítio do Capão
Acervo: DPH/PMSP

Pires de metal
Sítio do Capão
Acervo: DPH/PMSP

Casa do Tatuapé

A Casa do Tatuapé situa-se numa colina, às margens do córrego Tatuapé, distante 1500 metros do rio Tietê. A primeira referência sobre o local está contida em um testamento de 1611. Documentos relativos à Casa do Tatuapé, datados do início do século XIX, descrevem a presença de equipamentos para a produção de farinha de mandioca, carros de boi, um escravo negro, ferramentas e algumas cabeças de gado. Informam também a existência de olaria para a fabricação de telhas, atividade antes inexistente na região.

Posteriormente, o sítio passou por diferentes períodos, ora de abandono, ora de incremento na atividade produtiva, com melhorias na pastagem e agricultura, construção de ranchos para tropeiros, intensificação na produção de tijolos e até a criação de uma taberna. Em 1951, o sítio foi tombado pelo SPHAN e, em 1973, pelo CONDEPHAAT.

A Casa Grande do Tatuapé foi o primeiro sítio arqueológico estudado em área urbana, escavado no início da década de 1980. A maior parte das peças encontradas pertence aos séculos XVIII e XIX. Entre os artefatos encontrados estão fragmentos de faianças finas nacionais e importadas, vidros, tijolos e objetos de uso pessoal. Foram identificados também fragmentos de cerâmica regional e faiança portuguesa, peças de vidro soprado manualmente e uma gamela em madeira, todos relativos ao período colonial. Elementos associados às atividades de construção e manutenção de tropa também foram evidenciados nas escavações, tais como: ferraduras, cravos, uma pederneira utilizada em armas de fogo, um polvarinho de chifre para armazenar munição, esferas de chumbo e uma bolsa de couro, parte do traje popular em Portugal nos séculos XVI e XVII.

Colher de metal
Sítio do Capão
Acervo: DPH/PMSP

Bolsa de couro, parte do traje popular
em Portugal nos séculos XVI e XVII
Casa do Tatuapé
Acervo: DPH/PMSP

Ponteira de madeira
Casa do Tatuapé
Acervo: DPH/PMSP

Sítio da Ressaca

Nas proximidades do córrego do Barreiro, também chamado Fagundes ou Ressaca, foi construída, por volta de 1719 - ano inscrito na verga da porta principal - uma casa rural, hoje denominada Sítio da Ressaca. Assim como as outras casas bandeiristas, esta está situada à meia encosta de uma colina, próxima de um curso de água. Difere, porém, pela assimetria de sua planta: consta de um único alpendre não centralizado na fachada principal e um telhado de apenas duas águas.

Os estudos indicam que a casa teria sido construída por volta de 1700, com denominação de Sítio Piranga; entre 1860 e 1900 o sítio já era chamado Ressaca. O terreno do Sítio Ressaca acabou reduzido pelo loteamento do bairro e a crescente urbanização da cidade. Em 1978, quando a casa de taipa foi desapropriada, encontrava-se inserida em terreno de apenas um hectare.

Os trabalhos arqueológicos registraram intensas alterações sofridas pelo sítio, decorrentes de ocupações que modificaram a construção original e seu entorno. Sob os pisos de ladrilhos, tijolos e entulhos, foram localizados alicerces de taipa e, em alguns dos cômodos, foi possível detectar o piso original de terra batida. Entre os achados arqueológicos obtidos nos níveis mais profundos da escavação, foram encontrados: fragmentos de conchas, ossos de animais, sementes, carvão, fragmentos de cerâmica, botão, moeda de 100 réis e objetos de metal. Uma grande mancha de terra preta queimada, pontilhada de carvões e rica em detritos orgânicos, foi

Fragmento de cerâmica com decoração carimbada incisa e engobo vermelho
Sítio Mirim / Acervo: DPH/PMSP

localizada em um dos cômodos.

Sítio Mirim

O Sítio Mirim, situado às margens do rio Tietê, mantêm algumas das características arquitetônicas típicas das construções rurais paulistas do século XVII, como o uso da taipa de pilão, a fachada com alpendre voltado para o norte e a proximidade de curso de água.

Entretanto, estudos realizados na década de 1960 pelo arquiteto Luiz Saia, apontam para as soluções originais que a construção do Sítio Mirim apresenta. Segundo Saia, características que marcam a individualidade dessa construção bandeirista são o telhado de duas águas e cumeeira deslocada e um compartimento nos fundos da casa, diferente das demais construções da época.

Pesquisas realizadas pelo Departamento do Patrimônio Histórico sugerem que a construção do Sítio Mirim, possivelmente, tenha se dado entre os séculos XVII e XVIII. As dúvidas suscitadas sobre a antiguidade dessa casa foram eliminadas com as pesquisas arqueológicas e posterior análise de fragmento cerâmico, cuja datação remeteu a ocupação ao século XVII. Neste sítio foram encontrados diversos utensílios de uso doméstico cotidiano, entre os quais se destacam os fragmentos de uma vasilha de cerâmica decorada, que, recuperados, permitiram que parte da forma original do artefato fosse restaurada.

Casa do Itaim Bibi

A Casa do Itaim Bibi situava-se, antigamente, nas proximidades da margem direita do então sinuoso rio Pinheiros. Há informações de que no período colonial existiria, nessa região, um posto de observação e defesa junto a um aldeamento jesuítico. Entre os séculos XVII e XVIII, aproximadamente, teria sido construída, em taipa de pilão, a casa-sede da Chácara Itay ou Itahym, região do atual bairro do Itaim Bibi.

A edificação, centenária em 1896, passou por alterações realizadas pelos diversos proprietários, atendendo aos diferentes usos dados ao imóvel ao longo dos séculos. Durante muito tempo, a

As construções coloniais rurais de São Paulo: As casas bandeiristas
Desenho de Vallandro Keating - 2009

Cerâmica com decoração incisa
Sítio Mirim
Acervo: DPH/PMSP

Casa do Itaim Bibi pertenceu à família Couto de Magalhães e possuía quinze cômodos, beirais do telhado em madeira trabalhada, cocheiras, cobertura para charrete, depósito, viveiro, alcovas, quartos de hóspedes, além de moinho de água, um grande pomar e extenso arvoredo. Na sede dos Couto de Magalhães existia ainda uma capela muito utilizada em festas e cerimônias religiosas.

Pesquisas arqueológicas realizadas na década de 1980 identificaram uma série de vestígios relacionados ao cotidiano vivido pelos ocupantes desta casa. Entre os objetos encontrados estão grande quantidade de fragmentos de faiança fina com decorações variadas. A casa-sede foi tombada pelo CONDEPHAAT e pelo CONPRESA como exemplar de Casa Bandeirista.

Professora Margarida Andreatta coordena as pesquisas arqueológicas no Sítio Morrinhos Jardim São Bento, São Paulo – década de 1980
Acervo: Museu Paulista

O Sítio Morrinhos

As colinas situadas próximas ao alto curso do Rio Tietê e seus afluentes foram locais privilegiados para a implantação de diversas casas construídas no período colonial e identificadas como casas bandeiristas – o Sítio Morrinhos é uma delas.

A casa-sede foi construída sobre uma elevação distante mil metros do Rio Tietê, mantendo-se protegida das inundações, mas com fácil acesso à água e ao solo fértil da várzea. A posição elevada nessa plataforma natural garantia, ainda, visibilidade fundamental para a defesa, refletindo um cuidado estratégico em sua implantação.

O primeiro proprietário do Sítio Morrinhos, segundo documentos datados do século XVIII, foi José de Góes e Moraes, filho de Pedro Taques. Posteriormente, o imóvel teria passado pelas mãos de diversos proprietários, sofrendo, durante centenas de anos, processos de reformas, ampliações, venda de parcelas do terreno e mudanças nas atividades ali desenvolvidas.

Alguns registros e inventários antigos indicam a existência neste local de “casas de taipa de pilão cobertas de telhas de varanda, senzalas, arvoredos, bananais e terras valadas”, onde “se praticava rotação de culturas, intercalando-se a plantação de milho,

arroz, feijão e algodão, e os excedentes da produção eram armazenados em jiraus”. Relatam a presença de moenda, alambique e serra braçal, escravos, bois de carga, gado, cavalos e peças de cobre e ferro. Documentos datados de 1800 referem-se à existência de olaria e à ocorrência de batizados de escravos no oratório local. Esses dados expressam a intensa atividade no Sítio Morrinhos, como espaço de moradia e produção da sociedade colonial paulista.

Em 1902, o sítio se tornou propriedade da Associação Pedagógica Paulista, vinculada ao Mosteiro de São Bento. Os novos proprietários realizaram diversas reformas na casa que incluíram separação de cômodos, criação de uma capela, hortas, pomar, cocheira, jardins e estábulo. Em 1948, o Mosteiro doou à Prefeitura parte dessa área para arruamento da chácara e, em 1952, teve início o loteamento que gerou o atual bairro Jardim São Bento. O imóvel, tombado desde 1948 pelo IPHAN, foi oferecido em doação à Prefeitura e tombado pelo governo estadual, através do CONDEPHAAT, em 1973.

Candelabro de cristal
Sítio Morrinhos
Acervo: DPH/PMSP

Ferradura
Sítio Morrinhos
Acervo: DPH/PMSP

Fragmento de moringa torneada
com decoração pontead e incisa
Sítio Morrinhos
Acervo: DPH/PMSP

Copo de vidro soprado
manualmente e inacabado
Sítio Morrinhos
Acervo: DPH/PMSP

Sítio Morrinhos e imediações do rio Tietê, baseado em mapa de Milleville, 1891 (Acervo DPH).
Desenho de Vallandro Keating, 2009

O estado precário da edificação exigiu trabalhos emergenciais para reforçar a estrutura, restaurar a cobertura e proteger as faces externas das paredes. Após obra de restauro que se prolongou até 2001, a casa-sede foi aberta à visitação pública. Mantiveram-se as adições construtivas, mas alguns dos traços originais não puderam ser recuperados como, por exemplo, as portas e janelas, sobre as quais os beneditinos colocaram verga em arco – tornando-os semelhantes aos arcos do convento – o que desfigurou irremediavelmente o desenho das envasaduras.

As pesquisas arqueológicas realizadas a partir de 1980 evidenciaram as técnicas construtivas utilizadas e as modificações pelas quais passou esta antiga propriedade rural ao longo do tempo. Construída de taipa de pilão, técnica característica das construções

paulistas entre os séculos XVI e meados do XVIII, esta casa possuía a divisão interna típica das casas bandeiristas. Entretanto, diferentemente das demais, o Sítio Morrinhos apresenta como especificidade o alpendre da fachada voltado para o sul e não para o norte. Essa orientação provavelmente deve-se à ampla visão que dela se podia ter da várzea do rio Tietê.

Estudos laboratoriais indicaram que algumas das peças retiradas das escavações deste sítio datam da segunda metade do século XVII, sendo, portanto, mais antigas do que 1702, data inscrita na verga da porta principal da casa. Os objetos encontrados estão associados ao cotidiano da sociedade colonial paulista e incluem peças para preparo, estocagem e consumo de alimentos, objetos de uso pessoal e materiais utilizados na produção agrícola.

Esses artefatos, muito mais do que restos do passado, revelam a intensa atividade realizada cotidianamente nessas casas rurais: criar a família, produzir alimentos e bens para ser comercializados e realizar negócios. Os seus moradores não eram “bandeirantes”, nem compreendiam apenas senhores e escravos. A população paulista que ali estava se formando incluía também trabalhadores pobres e livres, índios e mamelucos. Além dos proprietários de terras, essas casas abrigaram, no decorrer dos séculos, as atividades de artesãos, oleiros e pequenos comerciantes.

Azulejo decorado com pigmentação azul
Sítio Morrinhos
Acervo: DPH/PMSP

Monges do Mosteiro de São Bento no Sítio Morrinhos
Jardim São Bento, São Paulo – 1928
Acervo: Arquivo do Mosteiro de São Bento

O Núcleo Urbano

O núcleo urbano inicial da vila de São Paulo cresceu tendo como referência o triângulo formado pelo Colégio dos Jesuítas, pela casa dos monges de São Bento e pela Igreja do Carmo. Essas edificações localizavam-se no alto de uma colina cujos limites eram dados pelas íngremes encostas do ribeirão Anhangabaú e pelas várzeas do rio Tamanduateí.

A partir desses pontos foram criadas vielas, caminhos e ruas nas quais os novos habitantes do planalto construíram suas casas, igrejas, estabelecimentos comerciais e administrativos. Todas essas construções eram feitas a partir da técnica da taipa de pilão. Contudo, o rápido crescimento da vila foi transformando pouco a pouco a aparência, o tamanho e a finalidade das edificações. Entre elas, alguns exemplares sobreviveram e, atualmente, permitem que se conheça parte da história da cidade, da vida de seus moradores e as transformações pelas quais passaram.

Eram freqüentes as reformas realizadas sobre as bases estruturais de taipa, agregando-se alvenaria de tijolos ou taipa francesa. Exemplos dessas transformações são encontradas na Casa Nº 1, no Solar da Marquesa de Santos, no Beco do Pinto e na casa 223 da Rua Florêncio de Abreu, que desde o século XVIII passaram pelas mãos de diversos proprietários. Cada um deles

realizou modificações nas edificações, adequando-as aos novos usos e padrões arquitetônicos da época.

Inúmeros artefatos relacionados às atividades cotidianas vividas no centro histórico paulistano foram recuperados nas escavações arqueológicas realizadas nessas casas. Entre os vestígios encontrados destacam-se: fragmentos de louças, cerâmicas, vidros artesanais e industrializados, ossos de animais, restos construtivos e derivados das atividades produtivas.

Casa da Rua Florêncio de Abreu Nº 223

Em 1784, o antigo caminho que ligava o Mosteiro de São Bento ao Campo da Luz foi transformado em rua, devido ao grande número de pessoas que o utilizavam. Uso que se intensificou após a inauguração da estação de trens da ferrovia que ligava Santos a Jundiaí em meados do século XIX.

A casa de número 223 era um sobrado de taipa que foi demolido em 1892 e reconstruído, em alvenaria de tijolo, por um mestre-de-obras italiano. A casa serviu de residência e consultório e como sede de repartições públicas.

Em 1991, o imóvel foi tombado pelo CONPRESP e, em seguida, foi alvo de pesquisas arqueológicas. As escavações realizadas na casa revelaram a existência

Faiança fina inglesa decorada
com a técnica Borrão Azul.
Beco do Pinto
Acervo: DPH / PMSP

de um grande depósito de material nos fundos do quintal. Entre os itens encontrados destacam-se: louça francesa e inglesa, vidros, metais, couro, fragmentos de cerâmica e fornilhos de cachimbo com decoração antropomorfa.

Casa Nº 1

Localizada na antiga Rua do Carmo, esta casa serviu de residência a diversas personalidades da sociedade paulistana e, posteriormente, abrigou uma escola particular. Em 1870, passou por reformas que permitiram identificar as características da edificação preservada até os dias atuais: a partir da estrutura de taipa ergueram-se paredes de alvenaria transformando a casa num sobrado de três pavimentos, com telha tipo francesa, esquadrias de pinho-de-riga, comuns na arquitetura paulistana desse período.

Até 1974, o sobrado sofreu grandes alterações para abrigar empresas e órgãos públicos. Em 1976, foi estudada e restaurada por técnicos da Secretaria Municipal de Cultura. As pesquisas realizadas evidenciaram as várias transformações do edifício correspondentes às suas diferentes ocupações. Em 1985, foi realizado tratamento ou substituição do madeiramento e recuperadas ferragens e pinturas murais que haviam sido recobertas por várias camadas de tinta.

Pesquisas arqueológicas realizadas na Casa Nº 1 permitiram recuperar, principalmente, objetos de uso doméstico como louças e recipientes de vidro, além de objetos de uso pessoal.

Casa da Marquesa

A casa Nº 3 da antiga Rua do Carmo, também chamada de Solar da Marquesa de Santos, é um raro exemplar de residência urbana do século XVIII. A origem desta edificação remete às antigas casas de taipa de pilão existentes na rua, duas das quais teriam sido unificadas dando origem a este grande sobrado. Depois de ter servido como residência de influentes personalidades da sociedade local, em 1834, a casa foi comprada por Maria Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, que a transformou no então chamado Solar do Carmo, onde faleceu em 1867.

Diversas reformas foram realizadas no imóvel, de acordo com os diferentes usos que lhes deram os proprietários. As mudanças efetuadas na casa incluíram a demolição de partes das paredes de taipa de pilão, a inserção de colunas de ferro, a eliminação e criação de escadas e a abertura e fechamentos de vãos. A edificação recebeu novas reformas em 1965, com o intuito de se recuperar sua feição colonial. O Solar da Marquesa foi tombado pelo CONDEPHAAT em 1971.

As obras de restauro do imóvel tiveram início em 1991. Foram mantidos e destacados alguns elementos das várias etapas construtivas por que passou o sobrado, como os amplos salões, o pátio lateral e os vestígios de calçamento do século XVIII. Intervenções realizadas no século XIX, como forros, pinturas artísticas, assoalhos e a feição neoclássica da fachada, também foram mantidos.

Dentre os artefatos coletados durante as escavações arqueológicas encontram-se fragmentos de louça, cerâmica e vidro, conchas, ossos, e restos construtivos referentes aos vários períodos de ocupação da casa.

Chave
Sítio: Casa da Marquesa
Acervo: DPH/PMSP

Fragmento de borda
de cerâmica com
decoração incisa
Sítio: Beco do Pinto
Acervo: DPH/PMSP

Cadinho utilizado na
fundição de ouro
Sítio: Casa Nº 1
Acervo: DPH/PMSP

Cravo
Sítio: Casa da Marquesa
Acervo: DPH/PMSP

Beco do Colégio ou do Pinto

A estreita ladeira calçada que conduzia pessoas e animais da antiga Rua do Carmo (atual Roberto Simonsen) às várzeas do Piratininga (atual Tamanduateí), era uma passagem importante na São Paulo colonial. O chamado Beco do Colégio ou do Pinto, caminho estreito existente entre as Casas Nº 1 e Nº 3, era muito utilizado pelas lavadeiras e demais moradores da região em atividades como o banho e o abastecimento de água. O Beco, alvo de conflito entre os vizinhos, foi por diversas vezes fechado e reaberto.

Em 1848, a retificação realizada no rio Tamanduateí dificultou o acesso da população às suas águas. Dois anos depois, foi autorizado pela Câmara o uso do Beco como depósito de lixo, que passou a receber os despojos da demolição da igreja do colégio. Essas ações, somadas à abertura da Ladeira do Carmo em 1912, acabaram por relegar essa antiga passagem ao abandono.

A Casa nº 1, lindeira ao Beco, foi utilizada como delegacia de polícia no início do século XX. É desse período a construção do belo portal em arco de acesso ao Beco e de anexos ocupando sua área de circulação.

Em 1980 o Beco ainda era um depósito de lixo, contendo portal em arco e anexos construídos pela delegacia de polícia no começo do século XX. Nessa época, pesquisas arqueológicas desenvolvidas no local permitiram a localização da calçada datada do século XVIII. Foram evidenciados também fragmentos de louça, cerâmica, vidro, osso, entre outros objetos. Entre os artefatos recuperados através das escavações no Beco estão os Cadinhos, recipientes confeccionados com pó de grafite utilizados na fundição de ouro.

Escavação do Beco do Pinto
Centro Histórico
de São Paulo
década de 1980
Acervo: Museu Paulista

Dedal de costura
Sítio: Casa da Marquesa
Acervo: DPH/PMSP

Recipiente de tinta dourada – Japanese Paint
Sítio: Casa da Marquesa
Acervo: DPH/PMSP

Agulha de metal
Sítio: Casa nº 1
Acervo: DPH/PMSP

glossário

Alcova – pequeno quarto de dormir.

Almofariz – recipiente de pedra ou madeira, escavado ou polido, utilizado como base para triturar ou amassar grãos, frutos e sementes.

Alpendre – cobertura suspensa por cima da porta principal da edificação para abrigar do sol e da chuva.

Artefato lítico - artefato produzido de pedra.

Artefatos – objetos confeccionados pelo Homem (exemplos: ferramentas, utensílios e adornos).

Beiral – beira do telhado.

Caçadores-coletores - grupos indígenas pré-históricos que baseavam sua subsistência na caça de animais e na coleta de frutos, raízes e sementes.

Camarinha – alcova, aposento, quarto de dormir.

Corrugado – decoração aplicada em vasilhames de cerâmica feita através de pressões com as pontas dos dedos.

Cumeeira – linha de interseção no topo entre as duas águas de um telhado.

Decoração antropomorfa – arte decorativa que representa a figura humana.

Faiança – louça de barro envernizada ou coberta de esmalte.

Furador – ferramenta lítica produzida a partir de lasca que apresenta uma ponta bastante destacada do corpo do objeto. Utilizada para perfurar couro, madeira, conchas, entre outros materiais.

Igaçaba – grande pote de barro utilizado por alguns povos indígenas como urna funerária.

Lâmina de machado – artefato elaborado a partir do lascamento ou polimento de pedra, utilizado em diferentes funções como cortar, escavar e derrubar árvores.

Mão de pilão – instrumento de formato arredondado ou cilíndrico, utilizado para moer ou triturar grãos depositados sobre uma base fixa. O esmagamento é feito por pressão e pequenas percussões.

Oficina lítica – local onde são produzidos artefatos líticos.

Peabiru – antigo caminho de circulação utilizado por populações indígenas pré-coloniais.

Pederneira – também conhecido como pedra de fogo, artefato de sílexito que, quando ferido por um fragmento metálico, produz faíscas. Utilizado em peças de artilharia para disparar o tiro.

Pequeri – caminho indígena, ramificação do Peabiru.

Percutor – ferramenta utilizada para aplicação de golpes destinados a amassar, triturar e lascar. Também denominado batedor ou socador.

Plaina – ferramenta com face plana utilizada para descascar e alisar madeira.

Polvarinho – recipiente utilizado para armazenar pólvora.

Ponta de projétil – genericamente conhecida como ponta de flecha, este artefato é utilizado na caça de animais para perfurar e abater o alvo.

Raspador – artefato utilizado para raspar e cortar

Silexito – rocha rica em mineral de sílica, excelente matéria prima para o lascamento.

Sítio arqueológico – local que preserva vestígios materiais de assentamentos humanos antigos.

Taipa de pilão – técnica utilizada para erguer paredes através da socagem do barro entre tábuas de madeira.

Verga – peça de pedra ou madeira colocada horizontalmente sobre ombreiras de portas e janelas.

bibliografia

ANDREATTA, Margarida Davina. CAMPOS, Maryzilda Couto. JULIANI, Lúcia J.C. Oliveira. **Solar da Casa da Marquesa de Santos**. Programa de Arqueologia Histórica no Município de São Paulo. São Paulo, 1991, 29 p. Relatório Técnico.

ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. JULIANI, Lúcia J.C. Oliveira. CARVALHO, Marcos Rogério R. **Sítio Florêncio de Abreu**. Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, Divisão de Preservação. São Paulo, 1992, 46 p. Relatório Técnico.

ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. CAMPOS, Maryzilda Couto. JULIANI, Lúcia J.C. Oliveira. O Departamento do Patrimônio Histórico e a Arqueologia no Município de São Paulo: 1979-2005. **Revista do Arquivo Municipal**. No. 204, São Paulo, DPH, 2006.

CAMARGO, Mônica. FARIA, Deborah. JULIANI, Lúcia J.C. Oliveira et al. **Pesquisa para a exposição no Museu Casa do Bandeirante**. São Paulo, DPH, 1989. 20 p. Relatório Técnico.

DE BLASIS, Paulo. ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika. **Programa de diagnóstico arqueológico – Área de implantação do novo edifício do Tribunal de Justiça/SP**. São Paulo, Documento Arqueologia e Antropologia, 2006, 164 p. Relatório Técnico.

DE BLASIS, Paulo. ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika. ZANETTINI, Paulo. **Programa de resgate arqueológico Sítio Lítico Morumbi**. São Paulo, MAE 2001, 90 p. Relatório Técnico.

GAGLIARDI, Vilma Lúcia. ANDRADE, Lacy M.T. **Casa do Tatuapé**. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura, 1981, 8 p. Relatório Técnico.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **A casa do Sítio da Ressaca**. São Paulo, s/d, p.30-45. Relatório Técnico.

JULIANI, Lúcia J.C. Oliveira. **Diagnóstico**. São Paulo, Centro de Referência Arqueológica de São Paulo, 2008, 9 p. Relatório Técnico.

JULIANI, Lúcia J.C. Oliveira. MIGUEL, Rucirene. FRANCHI, Cleide. **Capela de São Miguel – Etapa de prospecção arqueológica** – Relatório Final. São Paulo, A Lasca Arqueologia, 2007, 207 p. Relatório Técnico.

LOPES, Maria Antonia Vieira. **Histórico da casa do Sítio da Ressaca**. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura, 2008, 3 p. Release.

MAYUMI, Lia. **Taipa, canela preta e concreto: um estudo sobre a restauração de Casas Bandeiristas em São Paulo**. São Paulo, 2005, Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e

Urbanismo, Universidade de São Paulo.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

PACCE, Márua Roseny. **Sítio Morrinhos**. São Paulo, Seção Técnica de Levantamento e Pesquisa – DPH, 1978 1985, 37 p. Relatório Técnico.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika. ZANETTINI, Paulo. **Programa de pesquisa e resgate do patrimônio arqueológico, histórico e cultural** – Projeto RODOANEL Mário Covas, trecho oeste. Relatório final. São Paulo, Documento Arqueologia e Antropologia, 2003, 170 p. Relatório Técnico.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika. ZANETTINI, Paulo. **Programa de pesquisa e resgate do patrimônio arqueológico, histórico e cultural** – Projeto RODOANEL Mário Covas, trecho oeste. A ocupação histórica no cinturão caipira de São Paulo, volume 3. São Paulo, Documento Arqueologia e Antropologia, 2003, 312 p. Relatório Técnico.

SAIA, Luiz. Sede do Sítio Mirim. **Revista Acrópole**. São Paulo, no. 358, ano 30, p.31-35, 1969.

SANT'ANNA, Nuto. **São Paulo Histórico aspectos, lendas e costumes**. V.5, São Paulo, Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, 1944.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. **Espaços Museológicos do Departamento do Patrimônio Histórico**. São Paulo, 2004.

STELLA, Roseli Santaella. **Capela de São Miguel, testemunha da história**. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, São Paulo, p. 2 - 2, 20 set. 2005

SUANO, Marlene. **Obras de restauração da casa do Sítio da Ressaca**. São Paulo, 1978, Relatório Técnico.

SUANO, Marlene. **Prospecções arqueológicas - casa do Sítio da Ressaca**. São Paulo, Relatório Final. 1979. Relatório Técnico.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista**. São Paulo, 2005, 413 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **O Beco do Colégio**. Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, Seção Técnica de Levantamentos e Pesquisa, São Paulo, 1980, 10 p. Relatório Técnico.

ESCAVANDO O **PASSADO**

ARQUEOLOGIA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Sítio Morrinhos

Centro de Arqueologia de São Paulo
Rua Santo Anselmo, 102 / Jd. São Bento - São Paulo - SP
CEP 02525-080 / Fone: 11 2236 6121
Visitação de terça a domingo, das 9h às 17h
Entrada franca

Agendamento de visita guiada e
programação do Museu da Cidade:
www.museudacidade.sp.gov.br

Capa: Desenho de Vallandro Keating, 2009
Sítio Morrinhos e imediações do rio Tietê, baseado
em mapa de Milleville, 1891. Acervo: DPH

Realização:

**CENTRO DE
ARQUEOLOGIA
DE SÃO PAULO**

DPH DEPARTAMENTO
DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO

O Sítio Morrinhos é um conjunto arquitetônico formado pela casa-sede construída no início do século XVIII, e por diversas construções anexas datadas da segunda metade do século XIX e início do século XX. Este local foi escolhido pelo Departamento do Patrimônio Histórico para a implantação do Centro de Arqueologia de São Paulo, que tem como principal missão constituir-se enquanto espaço de memória e de reflexão sobre a arqueologia paulistana e suas descobertas científicas.

Os trabalhos de divulgação realizados pelo Centro de Arqueologia de São Paulo têm início com a abertura da exposição:

“Escavando o Passado: arqueologia na cidade de São Paulo”

O principal objetivo desta mostra é divulgar as descobertas arqueológicas realizadas no município de São Paulo. Tais descobertas revelaram informações inéditas acerca das populações que aqui viveram e deixaram inúmeros artefatos como vestígios de sua permanência nos campos de Piratininga.

Esta exposição também aborda o modo de vida da São Paulo histórica, cujo cotidiano se vê redescoberto e retratado pelos objetos retirados das escavações das antigas casas bandeiristas e de outros edifícios de grande valor histórico e cultural.

Anexo 4 Textos do Blog da Urbanista Raquel Rolnik

Sem túnel, avançamos em direção das prioridades da cidade

Publicado em 04/07/13 por raquelrolnik

Ontem o prefeito Fernando Haddad anunciou a suspensão da construção do túnel que ligaria a avenida Roberto Marinho à rodovia dos Imigrantes, previsto na operação urbana Água Espraiada. Sem dúvida o anúncio é muito positivo e sinaliza para uma mudança de prioridades em relação à mobilidade de São Paulo, especialmente neste momento em que a cidade coloca como urgente a necessidade da melhora na qualidade e acessibilidade do transporte público.

Como eu já havia afirmado antes aqui, independente de novas negociações com empresas de ônibus, a prefeitura já tem condição de tomar decisões que vão no sentido da ruptura com o modelo rodoviarista que privilegia o transporte individual por carro. A suspensão da construção desse túnel significa uma economia de cerca de R\$ 2,4 bilhões, que poderão ser destinados a intervenções de maior interesse público.

Aliás, nas últimas décadas, a zona Sul, onde se situa a operação urbana Água Espraiada, recebeu uma série de obras viárias de grande porte, como o complexo de túneis Ayrton Senna, o túnel Sebastião Camargo, a ponte estaiada, as próprias avenidas Juscelino Kubitschek e Berrini, a extensão da Faria Lima, o alargamento da Roberto Marinho e sucessivas ampliações da marginal do Pinheiros... Além de serem prioridades discutíveis, considerando o conjunto da cidade, nada disso, obviamente, conseguiu resolver o problema do trânsito.

É importante lembrar que, até hoje, o modelo de operações urbanas implementadas em São Paulo dependeu da venda de cepacs (certificados de potencial adicional de construção) para se viabilizar. Isso produz uma lógica em que as prioridades de uso dos recursos acabam sendo orientadas mais para gerar valorização imobiliária – que se reflete nos preços desses títulos – do que para atender as demandas mais urgentes da cidade.

Até agora, no âmbito da operação urbana Água Espraiada, ações também previstas, como produção de habitação popular, por exemplo, estiveram longe de ser uma prioridade e demoraram para começar a ser implementadas. Essas ações representam uma parcela pequena do total de recursos investidos na operação. As obras viárias foram sempre priorizadas e consumiram a maior parte dos recursos angariados com a venda dos cepacs, como é o caso da ponte estaiada, onde ônibus, ciclistas e pedestres são proibidos de circular.

Além disso, é falacioso também o argumento de que estas obras não consumiriam recursos públicos – já que se trata de venda de cepacs obtidos no mercado. Na verdade, além do enorme investimento administrativo e de gestão para viabilizar estas operações, várias destas obras – como seria o caso do túnel – exigiriam uma complementação de recursos adicionais, para além dos já angariados via cepacs.

Esperamos que esta sinalização de mudança de prioridades da prefeitura, ao suspender a construção do túnel, venha no sentido de corrigir uma dívida histórica com a cidade com o sentido e o modo de implementação das operações urbanas, repensando-as para finalidades de interesse social, como transporte, áreas públicas e habitação de qualidade para a população de baixa renda.

Por uma agenda de mobilidade urbana em nossas cidades

Publicado em 21/06/13 por raquelrolnik

A redução da tarifa do transporte público em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outras cidades é, em primeiro lugar, uma vitória das mobilizações nas ruas. Porém, este é apenas um primeiro passo da grande agenda que precisamos enfrentar na discussão da mobilidade e do direito à cidade no país. Afinal de contas, não estamos falando apenas de centavos.

De acordo com a Folha Online, cerca de 90 manifestações acontecem hoje (20/6) em todo o país, mostrando que as reivindicações não se resumem a 10, 20 ou 30 centavos, mas ao direito à cidade, à liberdade de expressão e manifestação, ao desejo da população de participar das decisões relacionadas ao lugar em que vivemos, e ao repúdio em relação às formas de representação política que temos. Não por acaso a pauta do transporte é um dos eixos centrais das manifestações e foi o estopim da revolta. Há décadas temos um transporte coletivo caro, ineficiente e de péssima qualidade em todo o país. Essa é, portanto, uma grande oportunidade de avançarmos na pauta da mobilidade urbana como elemento fundamental do direito à cidade.

Duas dimensões importantes se impõem neste momento: em primeiro lugar, abrir a caixa preta dos custos do transporte público, revisar custos e contratos, e promover de forma transparente o debate público sobre as regras dos contratos de concessão. Afinal, é notório que, historicamente, concessionárias do transporte público de ônibus têm envolvimento com práticas de cartelização, de desvios de recursos, de controle político de câmaras municipais etc. Enfim, estamos falando da necessidade de enfrentar interesses que têm nos impedido de efetivar o direito à cidade para todos.

A segunda dimensão para avançar nessa agenda é a ruptura com o projeto de mobilidade que tem definido o desenvolvimento de nossas cidades: a lógica do modelo rodoviarista de mobilidade voltada para o automóvel e seu suporte viário, desprezando o transporte coletivo e formas não motorizadas, como a bicicleta, e os pedestres. É hora de construir uma política de mobilidade incluyente, baseada na priorização do transporte coletivo, e também de pedestres e ciclistas, com decisões tomadas de forma participativa. Aliás, os investimentos mais recentes em mobilidade foram voltados para a Copa do Mundo e são muito discutíveis do ponto de vista das prioridades.

No caso de São Paulo, tanto o governador Geraldo Alckmin como o prefeito Fernando Haddad mencionaram ontem na coletiva de imprensa que a revogação do aumento da tarifa significa um sacrifício nas contas públicas e que seria necessário cortar investimentos de outras áreas para viabilizar a decisão. Independente das novas negociações com as empresas de ônibus, a prefeitura já tem condições de tomar decisões que vão no sentido dessa ruptura. Uma sugestão, por exemplo, é desistir de construir o túnel da Avenida Água Espraiada, que custa mais de R\$ 2,5 bilhões, já que essa não é uma prioridade para a cidade do ponto de vista de um novo modelo de mobilidade.

Nossas cidades estão sem dúvida vivendo um momento histórico. Estamos diante de uma oportunidade única de começar a reverter o atraso da nossa política urbana. Com a mobilização nas ruas e a revogação do aumento da tarifa, em São Paulo e em outras cidades, já demos o primeiro passo. Agora é preciso avançar e aprofundar esta agenda.

Em torno do direito de ir e vir: existe diálogo em SP?

Publicado em 14/06/13 por raquelrolnik

Depois de duas semanas em missão como relatora da ONU na Indonésia, volto ao Brasil e encontro minha cidade em pé de guerra como há muito tempo não via por aqui. A resposta truculenta da polícia de São Paulo à manifestação contra o aumento das passagens no transporte público chegou ontem ao seu auge. O que vi foi violência contra um movimento que há anos vem lutando, não apenas em São Paulo, mas em várias capitais brasileiras, não apenas contra os aumentos do valor das passagens, mas pelo direito à mobilidade como elemento essencial do direito à cidade.

Aliás, ao contrário do que muitos vêm dizendo na imprensa, o Movimento Passe Livre, assim como os demais que se articulam em torno da apropriação do espaço público e do direito à cidade, são muito mais amplos que a militância de partidos de

esquerda e sindicatos, e não são estruturados pela lógica, métodos e práticas da política tradicional brasileira. Ao se negar a entender essa manifestação e classificá-la de “movimento político” (triste o país onde ser “político” é uma desqualificação...) as autoridades públicas se recusam ao diálogo com essa parcela da sociedade que, ano a ano, mostra que tem algo a dizer sobre a condução da política urbana no país.

Sou radicalmente contra depredações de ônibus, de abrigos, de estações de metrô: são patrimônio de todos e devem ser cuidados. Aliás, essa nunca foi a prática do movimento Passe Livre. Mas o discurso da mídia tenta transformar o ato de alguns em justificativa para a repressão violenta da polícia. Isso, ao meu ver, é inaceitável. Nada justifica o nível de violência a que assistimos ontem nas ruas de São Paulo: balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo, pessoas revistadas e presas por levar vinagre na mochila, manifestantes e jornalistas presos e feridos.

Aliás, esta foi a postura do governador Geraldo Alckmin desde o início: tratar as manifestações como “caso de polícia”, ato de baderneiros e vândalos que impede o direito de ir e vir das pessoas em seus carros. Lamentavelmente, o ministro da Justiça, Jose Eduardo Cardozo, diante das manifestações em São Paulo e em outras capitais, ofereceu o apoio das forças de segurança nacionais para reprimir as manifestações. Para nenhum dos dois, o conteúdo do que está sendo dito nas ruas parece ter qualquer relevância.

O prefeito Fernando Haddad, por sua vez, inicialmente limitou-se a repetir *ad nauseam* que o aumento da tarifa foi abaixo da inflação. Hoje, depois de dizer que para baixar o valor da passagem é necessário aumentar os subsídios, ele pergunta de que áreas tirar recursos para cobrir esse aumento. Diante dessa pergunta, outra é inevitável: em que momento a população de São Paulo foi chamada para decidir se quer aumentar o subsídio do transporte público de São Paulo ou investir esse recurso em outras áreas? Em que momento foi chamada a compartilhar as decisões sobre os investimentos da cidade? Esse é um debate que a população quer fazer.

Mas para poder fazer este debate, é necessário abrir a caixa preta dos custos do transporte público de São Paulo. Precisamos entender por que temos que pagar subsídios tão altos. É importante lembrar, aliás, que, historicamente, em muitas cidades do país, concessionárias de ônibus têm envolvimento com práticas de cartelização, de desvios de recursos, de controle político de câmaras municipais etc. Quem não se lembra da dificuldade que a prefeitura de São Paulo teve que enfrentar para implementar corredores de ônibus e o bilhete único? Aliás, esse não é um problema apenas de São Paulo, muitas cidades do país enfrentam dificuldade para enfrentar o lobby das concessionárias de ônibus e implementar projetos de melhoria do transporte público de qualidade para todos em seus territórios.

Engana-se quem pensa que as pessoas estão nas ruas de São Paulo protestando por causa de 20 centavos. As pessoas estão hoje nas ruas dizendo algo muito parecido com o que a população de Istambul está clamando na Praça Taksim: estão falando do direito à cidade, do direito de se manifestar sobre as decisões relacionadas ao lugar onde vivem. E parece que está mais do que na hora de São Paulo – e muitas outras cidades brasileiras – enfrentar com coragem essa questão, sem violência.